

1325
5326

COMPRAS
ABR. 1940

REV. N

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

SYMBOLISMO OUTONAL — BONA-
PARTE. — A TORRE DAS AGUIAS. —
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — MAR-
TYRES. — DE MOGADOR A MARRO-
COS. — UMA CASA MYSTERIOSA. — ME-
DITAÇÃO. — COMO SE FAZEM AS NOTAS.
— VINGANÇA DE RIVAL. — MODAS. — VARIE-
DADES.

VOL. II

DE OUT. A NOV. — 1901

NUM. 7

SUMMARIO

| | Pag. |
|---|------|
| O rapto de Proserpina. — <i>Quadro de CHÉCA</i> | 2 |
| SYMBOLISMO OUTONAL. — <i>Com 4 illustrações, copias de quadros</i> | 3 |
| BONAPARTE. — <i>Com 7 illustrações</i> | 7 |
| A TORRE DAS AGUIAS. — <i>Com 2 illustrações, copia de photographias</i> | 15 |
| DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo VII. — MOÇAMBIQUE, A VIDA, OS MACUAS — (Continuação). — Com 2 gravuras, reproduções de photographia</i> | 17 |
| OS MARTYRES. — <i>EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO. — Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Capitulo II. — NO CEMITERIO DOS MARTYRES. — Capitulo III. — A COMMUNHÃO NO BOSQUE. — Com 3 gravuras, copia de photographias</i> | 25 |
| Uma scena de pesca. — <i>Copia de 1 quadro</i> | 32 |
| DE MOGADOR A MARROCOS. — <i>Com 5 gravuras, copia de photographias</i> | 33 |
| O Amor inspira a Arte. — <i>Quadro de P. THUMANN</i> | 38 |
| UMA CASA MYSTERIOSA. — <i>Com 4 gravuras, copia de photographias</i> | 39 |
| MEDITAÇÃO. — <i>Mazurka, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO</i> | 43 |
| COMO SE FAZEM AS NOTAS. — <i>Com 5 gravuras, copia de photographias</i> | 47 |
| VINGANÇA DE RIVAL. — <i>MYSTERIOS DA HISTORIA. — Com 8 gravuras, reproduções de quadros e illustrações</i> | 53 |
| MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i> | 63 |
| VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — THEATROS. — NECROLOGIA. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PROBLEMAS</i> | I |

45 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

| | | |
|--------------------|-------------------------|---------------|
| Series de { | 3 numeros | 600 |
| | 6 numeros | 1\$200 |
| | 12 numeros | 2\$200 |

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

SERÕES

COMPRA
Abril 1940

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA



VOLUME II

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — CALÇADA DO CABRA, 7

1902



FABRICA DE ALCANTARA

FAIANÇA FINA (PORCELANA OPACA)

Serviços completos e louça avulso
branca, estampada
filetes, colorida e doirada

Toma-se encomenda de louça reforçada para uso de bordo, collegios, hotéis, hospitaes, etc. Decora-se a louça com brazões, monogrammas, legendas e emblemas.

LOPES & C.^a

14 - RUA CORREIA GUEDES - 14
DEPOSITO CENTRAL

R. da Prata, 249 a 255 - R. de Santa Justa, 39 a 43 - Lisboa

MOVEIS DE FERRO

DA

FABRICA PORTUGAL

AVENIDA DOS ANJOS

Camas premiadas com medalha de ouro, colchões d'arame, fogões, portas onduladas, colchoaria, etc., etc.— Cofres á prova de fogo, premiados com medalha d'ouro — Modelos especiaes d'esta fabrica, movida a vapor, machinas e moldes pelo systema inglez, unicos no paiz.



DEPOSITO
E
ESCRITORIO

33, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 41
LISBOA

M. A. BRANCO & C.^A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita

ARTHUR DA SILVA

113, Praça de D. Pedro, 113

LISBOA

N.º telephónico

266

Francfort Hotel

Este hotel é um dos mais bem situados e o mais commodo da cidade. — Tem frentes para a Rua da Bitesga e Rua das Gallinheiras.

CASA PORTUGUEZA

TYPOGRAPHIA

E
PAPELARIA

JOSÉ NUNES DOS SANTOS

Successor de MANUEL SILVA

N.º TELEPHONICO 230

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho, etc.

Trabalhos typographicos em todos os generos, impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.

139, RUA DE S. ROQUE, 141

LISBOA



O Gato

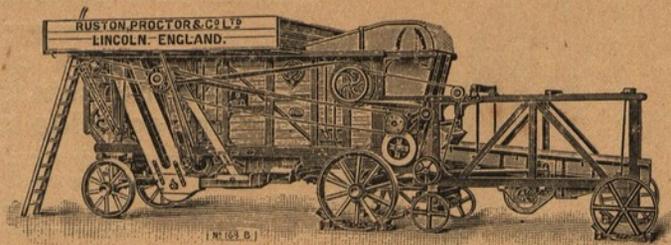
Unica casa creada em Lisboa para a venda de Louça das Caldas.

Premiada nas principaes exposições da Europa e da America.
Rua da Victoria
LISBOA

Preto

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.^o, L.^{TD}



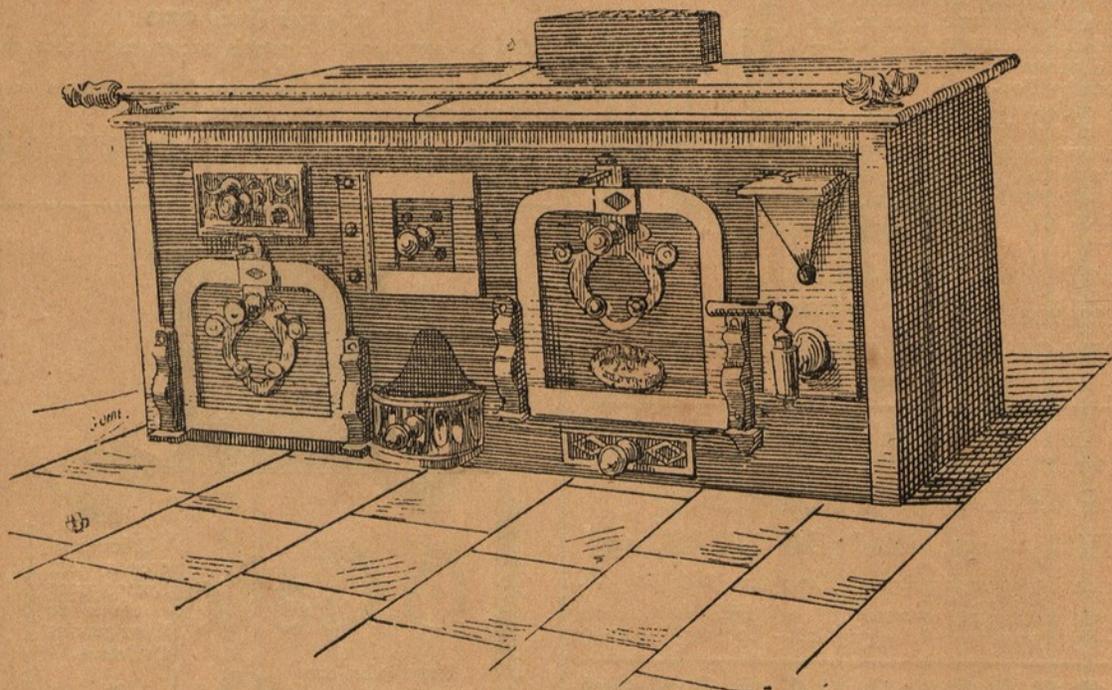
Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



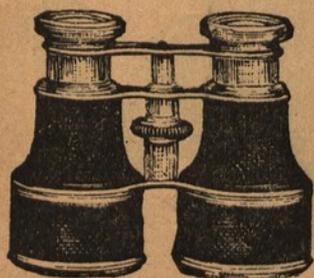
Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

J. J. RIBEIRO & C.^A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



222, RUA AUREA, 226
LISBOA





O RAPTO DE PROSERPINA — QUADRO DE A. CHÉCA



O RAPTO DE PROSERPINA — QUADRO DE PEDRO PAULO RUBENS

Symbolismo outonal

Assim como para a primavera, a arte de todos os tempos, enleada na tradição pagã, traduz na allegoria de Flora o renascimento da natureza, a alegria perfumada das campinas em flôr, assim também para o outono, preludio do inverno tenebroso, a pintura vai buscar ao mesmo mytho primitivo, no rapto da filha de Ceres ou de Demeter, a inspiração das suas allegorias, symbolisando o desaparecimento da vida, a melancholia dos crepusculos, a lufada gelida da morte, levando de roldão as folhas seccas e as almas tristes que vão acolher-se ao calor eterno

*Lungi e la luce che in sù questo muro
Rifrange appena, un breve instante scorta,
Del rio palazzo alla sopprana porta...*

QUATRO das illustrações que acompanham este artigo, habitual commentario artistico dos mezes que vão decorrendo, referem-se ao mytho de Proserpina, o qual occulta em complexo symbolismo a successão natural das estações. O rapto da formosa filha de Ceres delimita o principio do periodo invernal, e envolve o outono que, como é sabido, durante longas épocas não teve individualidade no calendario, reduzido então a tres estações.

No quadro de Checa, que serve de frontespicio, Proserpina arrebatada por Plutão que a surprehendeu descuidosa a colher flôres nas campinas de Sicilia e a conduz por caminhos sinuosos, cavados n'aquelle mesmo momento, ao seu reino dos infernos, em

seu carro de ferro e ouro, ao trote largo dos seus quatro cavallos, negros como a noite, velozes como o vendaval, desmaiada quasi nos braços athleticos do seu implacavel raptor, ella traduz a queda progressiva dos dias, a diminuição da luz vivificante, a paragem da seiva nas arvores que se despem agora da sua folhagem viçosa; ella symbolisa a suave tristeza outoniça, o repouso periodico da natureza creadora, emfim, a descida á terra d'aquella vida intensa que reffloriu primaveiras, se desatou em exuberancias estivaes, se afleição em fructos opimos até a maturação da romã, cujos bagos de rubi, como é conhecido, figuram na fabula da deusa siciliana.

A composição do famoso quadro moderno tem uma grandeza suggestiva que se impõe;



PROSERPINA — QUADRO DE DANTE GABRIEL ROSSETTI

reproduz com imaginosa disposição e com fidelidade tradicional a descrição que do facto mythologico nos deixaram os poetas latinos. Não é propriamente o momento do rapto, como no primoroso quadro de Rubens, o grande mestre, que encima o artigo; outra é a phase escolhida por Checa. Não é o episodio; é a sequencia do celebrado acontecimento em toda a sua elevada significação. Proserpina, levada aos infernos, roubada á vida durante seis mezes do anno pelo menos, por concessão generosa de Jupiter, quando se condeou das saudades de Ceres por sua

filha, conserva a sua formosura donairoza e louça entre as escarpas abruptas, por entre as quaes se enfia ainda uma restea de luz solar; percebe-se que, aquecida ao fogo intenso da terra, ha de voltar, na proxima primavera, risonha e feliz a alegrar os prados redivivos. A figura erecta e firme de Plutão tem uma preponderancia calculada no quadro; reconhece-se-lhe o superior mando nas coisas mysteriosas do interior da terra; tem a attitude de quem exerce um direito, não uma violencia; vae guiando attento e solícito, *four in hand*, elegante, soberano, o seu carro cujo rodar estrepitoso accorda os echos d'aquellas cavernas, como ribombar de trovão e cuja trepidação formidavel convulsiona a terra nas vibrações dos terramotos que se amiudam em novembro.

Para recolher a vida radiosa de Proserpina, elle teve de rasgar caminho, fracturar a crusta da terra. Ainda hoje na Sicilia se mostra, na fonte de Cyane, o logar por onde se internou o carro infernal. Era Cyane, dama de honor, companheira de Proserpina, que pretendeu oppôr-se aos designios de Plutão, e tantas foram as lagrimas de saudade e de afflicção choradas que se transformou em fonte, se não foi castigo imposto desde logo pelo poderoso monarcha dos Avernos.

Rubens, o mestre colorista da escola flamenga, preferiu compôr o episodio do proprio rapto, humanisal-o, dar-lhe uma feição realista, como se diz agora, sem perder de todo o character allegorico. Vê-se Plutão, sem atavios nem attitude de força superior, sobraçando amoroso, n'um amplexo sensual, pleno de desejos insasiaveis, o corpo delicado e florescente de Proserpina; elle dirige-se para o seu carro tradicional, encaminhado

pelo Amor, sempre travesso, e desattende as solicitações de Minerva, deusa da lavoura, que com Cyane desejaram dissuadil-o d'aquella violencia suprema.

Nem a intervenção d'estes é activa; nem talvez a consentisse a fereza indomita do raptor. A discussão é placida, embora eloquente no gesto persuasivo e na expressão das physionomias. No Olympo havia sem duvida codigo de etiqueta, protocollo de deferencias que impunham maneiras e respeitos. Proserpina vae receiosa, visivelmente aterrorisada do seu negro destino; não tem

esperança de voltar, vae arrebatada para o desconhecido. Ha, n'aquelle raptó, a amargura dos prazeres sensuaes, a dor da voluptuosidade, a crueldade enebriante que arrebatava vidas.

Outra, mui diversa, é a intenção da suggestiva pintura de Rossetti, o moderno pre-raphaelista inglez, n'aquella figura simples de Proserpina, eommentando os versos de Dante que encimam o quadro. Têm este caracter profundo as figuras da maioria das telas de Rossetti, sempre explicadas e comentadas por sonetos e por poemas; porque em toda a sua vasta e elevada obra, elle conservou-se sempre poeta. Com os prera-phaelistas inglezes perde-se a noção da arte pura, tal como o conceberam os realistas modernos adstrictos á reproducção exacta de objectos, ou como a entendiam os artistas da renascença, enamorados da forma correcta, sensualmente bella e exuberante; representam uma curiosa evolução na arte moderna. As figuras de Rossetti têm uma immobilidade, um silencio, uma attitude suspensa, hesitante, lenta nos seus raros movimentos que as assimilham a figuras de sonho, vagamente entrevistas nos extases da imaginação. O seu desenho tem faltas evidentes, incorrecções censuraveis; as mulheres, que elle pinta, teem mãos demasiadamente grandes, não raro os ricos vestuarios venezianos de estofos custosos, com que elle costuma decorá-las, revelam extranhas imperfeições physicas. Todavia, apesar dos dedos muito longos e afillados da mão de Proserpina, apesar do seu hombro defeituoso, ella segurando graciosamente a romã fatal, de que para sua eterna prisão periodica imprudentemente comera os caba-

melancolia desesperada, n'uma suprema intensidade de expressão. Figura quasi immovel, como as pintavam os primitivos, os Beato Angelico e os Botticelli, a Proserpina de Rossetti tem a representação, mais expressiva do que plastica; concentra toda a vida interior da deusa a quem o symbolo designa tambem como a separação da alma do corpo, e a quem a mythologia encarrega de presidir aos destinos alemtumulares dos espiritos.

Como complemento ou explanação d'estas diversas interpretações artisticas da passagem das estações, conglobada no mytho de Proserpina, ainda se reproduzem dois quadros modernos que se iuspiram ou se filiam nas duas escolas mencionados. Uma cabeça de mulher, de olhar profundamente melancolico e vago, symbolisa o outono, a cruel estação que enche sepulturas com a fria humidade dos seus crepusculos irisados



O OUTONO — QUADRO DE A. MAX

e tristes, com o gelido sopro das suas brisas traiçoeiras e subteis: tal é o quadro de Max



A POMPA DO OUTONO -- QUADRO DE G. P. JACOMB-HOOD

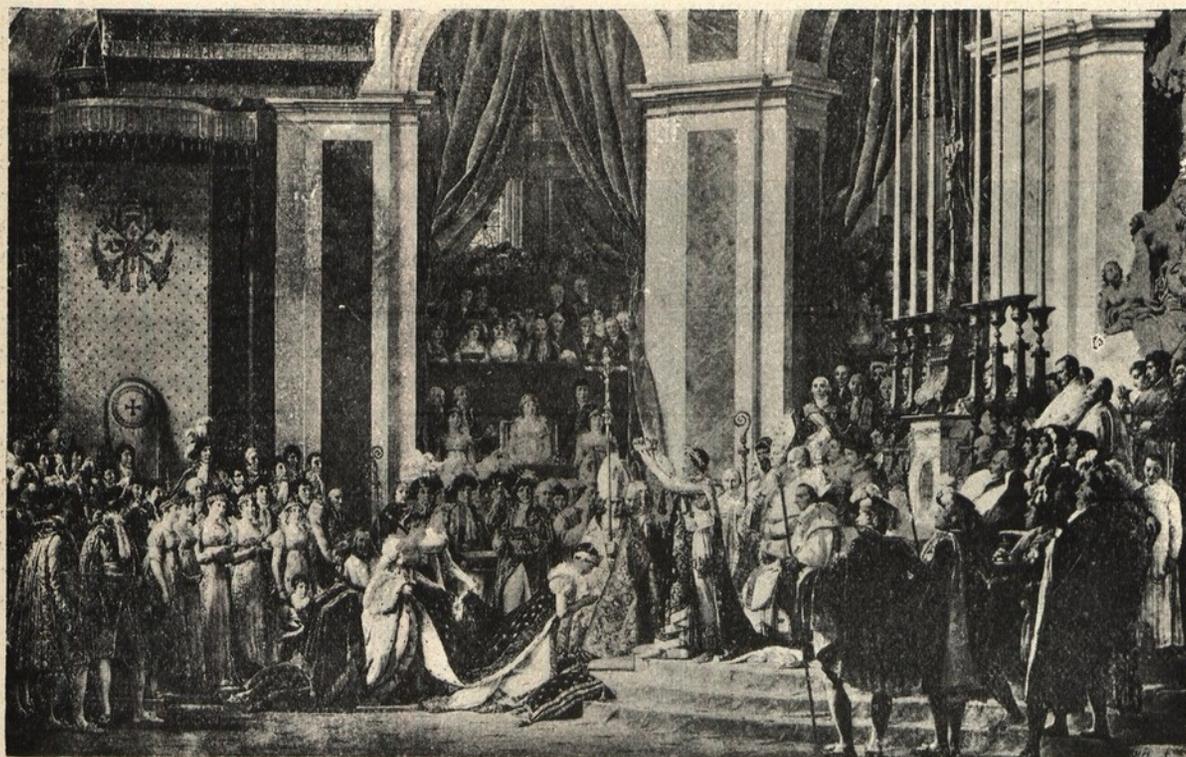
A tela de Hood, allegorica passagem do outono atravez do campo, desnudando a floresta, tem a mesma intenção desesperada e desolada, como que quer traduzir a despedida emocionante de vida ainda em plena florescencia juvenil, rapida queda na dor, na morte ou no sonho.

Obras modernas traduzem estados d'almas descontentes, inquietas, soffregas do prazer que não poderam nunca attingir, ou realismos pessimistas que magoam e abatem as energias intellectuaes.

Em busca do bello, na sua pureza imma-

culada, a arte antiga e a arte da renascença repousavam na tranquillidade da fórmula correctá; os artistas eram sómente pintores; hoje penetrados pela reflexão, dominados pela vida cerebral excessiva, imprimem á sua obra toda a sensibilidade interior, dolorosamente ferida pela perda dos ideaes consoladores. Para apreciar a differença que separa a arte moderna da arte da renascença, basta comparar a explicação symbolica com que ella representa e modela a felicidade, o desejo, o amor e a morte, — o que procuramos expressar nas illustrações d'este artigo.





A SAGRAÇÃO DE NAPOLEÃO I PELO PAPA PIO VII EM NOTRE-DAME DE PARIS, AOS 2 DE DEZEMBRO DE 1804
QUADRO DE F. DAVID

A direita, deante do altar mór, o imperador, revestido do manto e já corôado, avança de perfil, voltado para a esquerda, segurando nas mãos uma corôa que vae collocar sobre a cabeça da imperatriz, ajoelhada a seus pés, acompanhada das damas de honor que lhe seguram o manto de veludo granada bordado a ouro. Entre o imperador e o altar, o papa Pio VII, assentado e cercado do alto clero; junto d'elle, o cardeal Fesch; á direita, no primeiro plano, os grandes dignitarios; detraz da imperatriz os principes da familia imperial; á esquerda, os irmãos do imperador; ao fundo, sobre o estrado, os personagens da côrte; na tribuna, a mãe do imperador e os marechaes de França, um grupo de heroes.

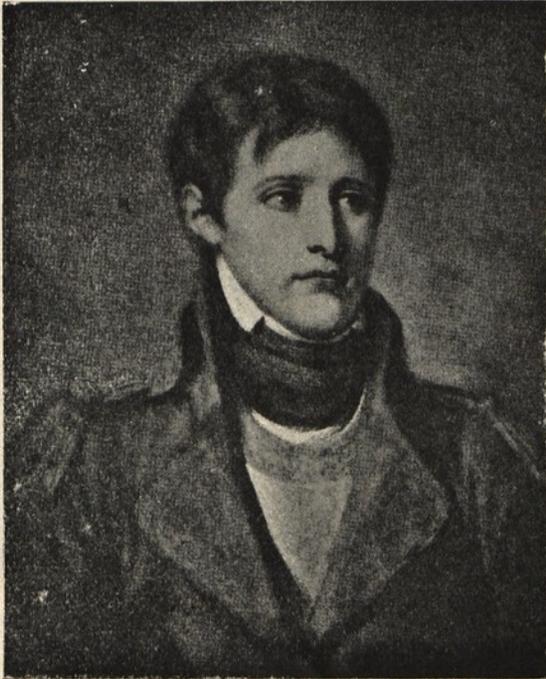
Bonaparte

Ha nomes prestigiosos que por suggestiva associação de ideas acordam no espirito um mundo de emoções, levantam uma revoada de sentimentos. Foram em vida personalidades tão poderosamente caracteristicas, percorreram em poucos annos uma tão accidentada carreira, deslumbrou tanto pela força do engenho e pela grãdeza attingida, que deixaram da sua passagem cavada e sinuosa calleira, como a d'um rio desaparecido pelas convulsões do globo. Na escuridão do tumulto estes nomes tem a phosphorescencia que lhes ficou do sol ardente que os illuminou no mundo. Chama-lhes Nietzsche SOBRE-HUMANOS. Denomina-os Emerson REPRESENTATIVOS. Bonaparte é incontestavelmente um d'elles. A sua psychologia genial abrange, em suprema crystallisação depurada, toda a alma, todo o mundanismo do seculo XIX, em que todos, em imagem reduzida, aspiram a pequenos Bonapartes. Tal é a theoria e a intenção do artigo que segue e que se tornou opportuno no actual momento politico da Europa, onde germinam ou florescem os Cesares, sob os nomes de Guilherme, de Nicolau, de Eduardo e até mesmo de Loubet.

Entre os personagens eminentes do seculo XIX, Bonaparte foi o mais conhecido e o mais poderoso, sem duvida, e deveu o seu predomínio á fidelidade com que conglomou em si proprio os pensamentos e as crenças, as intenções e os designios das multidões activas e cultivadas. Na sociedade

actual, existe um antagonismo permanente entre as classes conservadoras e as democraticas; entre aquelles que fizeram fortuna e os novos e pobres que tem de a fazer ainda; entre os interesses do trabalho morto—o trabalho de mãos ha muito immoveis no tumulto, e representado nos *stocks* do dinheiro ou das

terras e propriedades possuidas pelos capitalistas ociosos—e os interesses do trabalho vivo que procura tornar-se possuidor de propriedades, de terras e de *stocks* de dinheiro. A primeira classe é tímida, egoista, illiberal,



NAPOLEÃO, TENENTE DE ARTILHARIA (792)
QUADRO DE JOÃO BAPTISTA GREUZE

Nascido em Ajaccio (Córsega) aos 15 de agosto de 1769. Alumno da Escola militar de Brienne, 1779 a 1783. Tenente do regimento de La Fère, 1 de abril de 1785. Capitão de artilharia, 6 de fevereiro de 1792. General de divisão, 5 de outubro de 1795. Commandante em chefe do exercito de Italia, 2 de março de 1796. Primeiro Consul, 9 de novembro de 1799. Imperador, 18 de maio de 1804. Morto em Santa Helena, aos 5 de maio de 1821.

(Extracto da folha de serviços dos archivos militares)

odiando a innovação, diminuindo em numero pela morte. A segunda classe é egoista também, invasora, ousada, confiante, crescendo em numero pelos nascimentos—classe de homens de negocios na America, na Inglaterra, em França, em toda a Europa, classe de habilidade e de industria. Napoleão é o seu representante—*representative man*. Por isso o instincto dos homens activos, ousados, capazes, de toda a classe media e em todos os paizes, designou Napoleão como o democrat corporisado; que elle possuia as virtudes e os vicios d'elles, o seu espirito, a sua tendencia material, sensual. Ser o rico, o poderoso, eis o fim.

O Alcorão diz que Deus concedeu a cada povo um propheta na sua própria lingua. Pa-

ris, Londres e New-York, o espirito de commercio, de dinheiro, de poder material, deviam ter tambem o seu propheta, e Bonaparte foi enviado á terra. Os milhares de leitores de aneddotas ou memorias ou vidas de Napoleão deleitam-se com a leitura, porque estudam n'ella a propria historia intima. Napoleão é absolutamente moderno. Nem um santo—*pas un capucin*, dizia elle—nem um heroe, na verdadeira e alta significação d'estes termos. O homem da rua, o vulgo, encontra n'elle, como em si proprio, um cidadão por nascimento que, por meritos muito intelligiveis, chegou a uma posição tão dominante que pôde satisfazer todas as aspirações do homem vulgar, commum. Bôa sociedade, bons livros, viagens rapidas, *toilettes*, jantares, innumerados servidores, importancia pessoal, realisação das suas ideas, attitude de bemfeitor para os que o rodeam, o gozo das pinturas, musica, estatuas, palacios, honras convencionaes—precisamente tudo quanto lisonjêa o coração do homem do seculo XIX—o poderoso Napoleão tudo possuiu. A invejavel vida.

Verdade é que um homem, como Napoleão, com esta variedade de adaptação ao espirito das massas, torna-se não sómente simples representativo d'ellas, mas tambem effectivo monopolizador e usurpador. Assim Mirabeau plagiava em França todo o bom pensamento, todo o bom dito. Dumont conta que, ouvindo da galeria da Assembleia um discurso de Mirabeau, se lembrou de lhe adaptar uma peroração que escreveu a lapis e mostrou a lord Elgin sentado a seu lado. A' noute mostrou-a a Mirabeau que lendo-a, julgou-a admiravel e lhe declarou a intenção de a repetir no dia seguinte no discurso que fizesse á assemblea. «E' impossivel, dizia-lhe Dumont, infelizmente já a mostrei a lord Elgin»—«Que importa? ainda que cincoenta pessoas a tivessem visto repetil-a-hia da mesma maneira»—Assim o fez, e com grande exito. Mirabeau, com a sua esmagadora personalidade, sentia que o que elle inspirava lhe pertencia e que o facto d'elle o adoptar lhe dava o verdadeiro valor. Muito mais absoluto e centralizador foi aquelle que lhe succedeu na popularidade. Com effeito um homem da tempera de Napoleão deixa quasi de ter uma opinião e uma palavra particulares, proprias. E' tão largamente receptivo e collocado em posição tal que se torna por assim dizer o centro de todo o espirito e de todo o poder do paiz no seu tempo. Ganha a batalha; faz o codigo; cria o systema de pesos e medidas; nivella os Alpes; organisa o banco; constróe a estrada. Os engenheiros, os sabios, os estatisticos, todas as boas cabeças reflexivas fazem-lhe

relatorios; elle adopta as melhores resoluções, imprime-lhe o cunho proprio.

Bonaparte foi o idolo dos homens do vulgo, porque elle possuia n'um grau transcendente as qualidades d'elles. Trabalhou em commum com esta grande classe que representava, para o poder e para a riqueza, mais especialmente, sem nenhum escrupulo quanto aos meios. Todos os sentimentos que embaraçam os homens no conseguimento dos seus fins, pol-os de parte. Os sentimentos eram bons para as mulheres e para as creanças. Aos advogados da liberdade e do progresso chamava-lhes *ideologos*. Necker era um ideologo; Lafayette outro ideologo. Ha um proverbio italiano que recommenda não se ser demasiado bom para ter exito na vida. Com effeito, ha uma certa vantagem em renunciar aos sentimentos de piedade, de gratidão, de generosidade, ou pelo menos dominal-os; porque o que seria barreira insuperavel para o proprio proceder e ainda o é para o dos contrarios, torna-se commoda arma para conseguir o fim proposto.

«Accusam-me, dizia elle, de ter commetido grandes crimes: os homens da minha tempera não commettem crimes. Nada mais simples do que a minha elevação; de balde a attribuem á intriga ou ao crime; foi devida ao caracter particular do tempo e á reputação de ter combatido os inimigos do meu paiz. Caminhei sempre com a opinião das multidões e com os acontecimentos. Para que me serviriam os crimes?»

Sem duvida, da sua historia pode extrahir-se uma copilação de anecdotas terribes; mas nem por isso se deve fazer d'elle um cruel, e apenas um homem que não conhecia obstaculo á sua vontade. Sabia o que queria, voava direito ao fim. Teria encurtado a propria linha recta para attingir mais rapido o objecto desejado. Nem sanguinario, nem cruel; todavia não economisava o sangue. Via o objectivo, esmagava o obstaculo que lhe impedia a passagem. «Sire, dizia-lhe o ajudante d'ordens, o general Clarke não pode fazer junção com o general Junot por causa do fogo terrivel da bateria austriaca — «Que tome d'assalto a bateria». — Sire, cada regimento que se aproxima da bateria é sacrificado. Que ordena? — «Para a frente, para a frente» — No momento em que o exercito russo depois da batalha d'Austerlitz retirava trabalhosamente, mas em bôa ordem, sobre o gelo do lago o imperador, a galope desfechado, aproximou-se da sua artilharia: — «Perdeis tempo; fogo sobre aquellas tropas; é preciso submergil-as; fogo sobre o gelo» — A ordem ficou minutos sem ser executada. Afinal, as granadas cahiram perpendiculares

sobre a superficie congelada, e alguns milhares de russos e de austriacos ficaram sepultados nas brechas abertas no gelo. Se a guerra é a melhor maneira de liquidar conflictos internacionaes, como ainda é a opinião da maioria, Bonaparte tinha razão de a fazer radicalmente. A arte da guerra consistia para elle em ter sempre mais forças do que o inimigo no ponto de ataque; e todo o seu talento se desenvolvia em manobrar de sorte que, carregando de flanco sobre o inimigo, lhe destruísse as forças por parcelas. Na verdade, salta aos olhos que uma pequena força, manobrando rapida e habilmente de maneira a ter no ponto de conflicto dois homens contra um, será um adversario superior a um corpo de exercito mais numeroso e menos movivel. «O grande principio



NAPOLEÃO EM ARCOLE (1796)
QUADRO DE GROS (B.^{on}) MUSEU DO LOUVRE

A batalha de Arcole deu se aos 15 de novembro de 1796 entre o reduzido exercito francez e o numeroso exercito austriaco, e alli se evidenciou a habil tactica de Napoleão, aproveitando-se da constituição do terreno, cortado de lagôas, para inutilizar a superioridade das forças inimigas. A passagem da ponte de Arcole é um dos feitos d'armas mais celebres da vida militar de Bonaparte, a quem o Conselho dos Quinhentos concedeu, em doação gloriosa, a bandeira que elle então empunhava, excitando o exercito á victoria. Bella e nobre recompensa digna das idades heroicas.

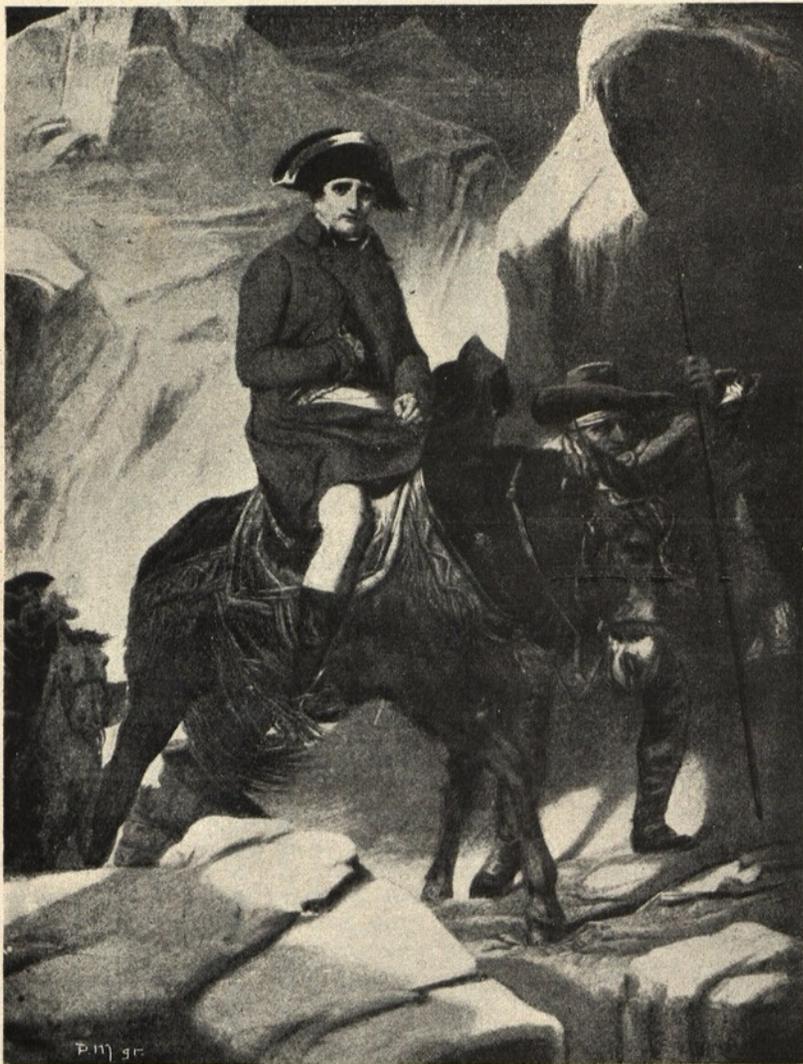
da guerra, dizia elle, consiste em ter o exercito sempre prompto, de dia e de noute, a qualquer hora, a oppôr toda a resistencia de

que for capaz». Sobre uma posição decisiva fazia chover torrentes de metralhas e de balas para impossibilitar toda a defeza; sobre um ponto de resistencia tenaz enviava esquadões sobre esquadões. A um regimento de caçadores a cavallo em Lobenstein, dois dias antes da batalha de Iéna, Napoleão dizia: — «Meus rapazes, é preciso não temer a morte; quando os soldados a affrontam, atiram-a para as fileiras do inimigo» — No impulso do assalto não se poupava, arriscava-se tambem; em Arcole cahiu no paul e difficilmente foi trazido para o campo. Em Lonato esteve quasi prisioneiro. Este ardor era to-

lhes e assegura-lhes que, em quanto durar a batalha, se conservará fóra do alcance das ballas, — curiosa formula de inspirar confiança como chefe supremo no commando vigilante e attento. Ganhava as batalhas na sua cabeça antes de as ganhar no campo da lucta. O seu ataque não era a inspiração da coragem, era o resultado do calculo. A guerra reduzida a uma operação arithmetica.

O armamento da época permittia ainda a bravura individual.

Todavia Napoleão, a mais poderosa personificação da guerra, nunca disparou um tiro contra o inimigo, nem arrancou da espada



PASSAGEM DO MONTE DE SÃO BERNARDO—QUADRO DE PAUL DELAROCHE

Guardando fidelidade à verdade historica, o celebre pintor francez representa Bonaparte montado n'uma mula, porque foi assim que, conduzido por um montanhez, passou o São Bernardo, entre São Pedro e São Remy.

davia temperado por uma fria prudencia, quando necessario. Na manhã d'Austerlitz na ordem do dia ás tropas, Bonaparte diz-

senão uma vez, em Arcis-sur-Aube, com o auxilio de dois officiaes porque ella enferrujara-se na baina. Curioso pormenor e significativa confirmação da sua peculiar psychologia. Tudo n'elle repousava sobre a delicada justeza das combinações, e as estrellas não eram mais punctuaes do que a sua arithmetica. A sua attenção pessoal desceu ás mais pequenas minudencias. «Em Montebello, diz elle, ordenei a Kellermann que atacasse com os seus oitocentos cavalleiros, e apenas com estes homens separei os seis mil hungaros, á vista da cavallaria austriaca, a qual estava a meia legua, se tanto. Ser-lhe-hia preciso um quarto de hora para chegar ao terreno de acção. Observei que são sempre estes quartos de hora que decidem do exito d'uma batalha.» — Gigante no trabalho, prodigioso na actividade, era um economizador do tempo. Quando ainda general na campanha de Italia, deu instrucções a Bourrienne de deixar, fechadas todas as cartas durante tres semanas, sobretudo as do Directorio. Depois notou com satisfação que assim uma parte muito importante da

sua correspondencia se liquidava por si propria. Não exigia resposta. Os acontecimentos tinham-lh'a dado antecipadamente. Em

1796 escrevia ao Directorio: — «Nada teria feito de bom, se tivesse tido necessidade conta Chaptal, seu ministro e illustre chimico, Bonaparte fallou-lhe do projecto de instituir

a campanha sem consultar quem quer que fosse.» — Inspirava confiança a extraordinaria unidade da sua acção. Firme, seguro de si, cheio de abnegação, sempre prompto a fazer-se esquecer, sacrificando tudo aos seus fins — dinheiro, tropas, generaes, a sua propria segurança — nunca deslumbrado pelo esplendor das suas proprias faculdades, como os aventureiros vulgares. «Os incidentes não devem governar a politica, dizia elle. Deixar-se arrastar por qualquer acontecimento, é não possuir systema algum politico.» Organização de ferro, capaz de ficar a cavallo dezeseis horas seguidas, marchando dias consecutivos sem repouso nem alimento, compacto, egoista, prudente, respeitava o poder da natureza e da fortuna, attribuindo-lhe a propria superioridade, proclamando-se o «filho do destino», alludindo na sua rhetorica predilecta ao influxo da sua estrella. «A minha mão de ferro, dizia, não está propriamente na extremidade do braço; está immediatamente ligada á minha cabeça.» — Na plenitude dos seus recursos, todo o obstaculo parecia desaparecer perante a sua energia. «Não mais haverá Alpes» — dizia e ia construindo pelas escarpas e pelos alcantis, em lacetes admiraveis, os troços de estrada que lhe abrissem as portas da Italia.

Poderosa organização de trabalhador; memoria prodigiosa de minudencias, de figuras, de algarismos, capacidade de trabalho sem limites; o primeiro consul prolongava até madrugada as sessões do conselho de estado, com decisão sempre rapida, e systematisação de idéas, que sabia pôr em ordem de batalha como se fôra um corpo de exercito. Um dia,

conta Chaptal, seu ministro e illustre chimico, Bonaparte fallou-lhe do projecto de instituir



CAPTIVO... — QUADRO DE A. DAWANT

O vencedor de Iena está captivo no palacio das Tulherias, immovel e preso pela pequenina mão rosada de seu filho, do rei de Roma, do herdeiro do seu immenso imperio. Um marechal vem receber as ordens do imperador; que seja Berthier, Davout ou Ney, terá, seja quem fôr, de esperar que a creança desperte e liberte o prisioneiro.

em Fontainebleau a escola militar e desenvolveu-lhe as principaes disposições organicas do novo instituto. O ministro dedica a noite inteira ao trabalho e no dia seguinte apresenta ao primeiro consul o projecto circumstanciado. Bonaparte não se satisfaz com o estudo, manda sentar o ministro deante da carteira e dicta-lhe em seguida durante duas ou tres horas um plano de organização em 517 artigos. Mesma rapidez, mesma generalisação, identica amplitude de vista interior, a proposito da criação do porto de Flessingue, que o ministro viu decretar a Bonaparte durante o tempo de repouso n'uma muda de viagem.

Tendo citado Chaptal, será talvez curioso contar o episodio que afastou da vida politica activa o poderoso ministro, cuja sciencia vasta e iniciativa ousada produziram para a administração da França brilhantes resultados. Chaptal tinha um fraco confessado por uma das societarias da Comedia franceza, Mlle. Bourgoïn. Uma noite de julho de 1803, dois mezes depois da proclamação do imperio, elle trabalhava com Napoleão. O creado particular Constancio veiu informar seu amo de que Mlle. Bourgoïn esperava sua magestade na ante-camara. Ha reacções que a chi-

o seu pedido de demissão, que foi acceita, e retirou-se para as suas terras de Chanteloup. Nas memorias do politico, retratando Bonaparte com mestria e abundancia de pormenores, reconhece-se a cada passo aquelle doloroso espinho enterrado no coração do sabio amoroso. Por este e por innumerados factos semelhantes, de observação diaria, se reconhece que o systema de causas futeis não devêra ser tão duramente criticado em historia; porque sem duvida ha pequeninos acontecimentos que imprimem direcção decisiva á marcha dos negocios, como ao destino dos homens.

Os tempos, a sua constituição, e o meio combinaram-se para desenvolver este democrata typo, com todas as virtudes e todos os defeitos da sua classe e fizcam d'elle o chefe do partido moderno, o seu directo representativo. Napoleão nascera para uma humilde fortuna particular. O tenente de artilharia de 1792 fez-se com as circumstancias o imperador dos francezes em 1804. Doze annos apenas. O interesse das multidões industriosas encontrou n'elle o orgão e o chefe. Dirigia os milhões, conhecia o valor do trabalho. «O mercado, dizia, é o Louvre do povo.» — Quem tinha negocios com elle, reconhecia que as suas avaliações tinham a justeza e a minudencia que caracteriza a classe media. Quando as despesas da imperatriz, da sua casa ou de seus palacios, creavam dividas, examinava as facturas dos fornecedores, reconhecia-lhes os acrescentamentos, discutia-lhes os abatimentos, obtinha ou impunha-lhes reduções importantes.

A sua força real residia na convicção que o povo tinha de que elle era o seu representante, no seu genio e nos seus instinctos. Com effeito, o povo sentia que o throno continuava occupado por Napoleão; era um dos seus que estava nas Tulherias, com idéas semelhantes, abrindo a todos os loga-



NAPOLEÃO CONTEMPLA ATRAVEZ DAS SETEIRAS DO KREMLIN O INCENDIO DE MOSCCW — QUADRO DE VERESTCHAGIN

O notavel pintor russo, que n'uma serie de quadros illustrou a campanha de 1812 na Russia, reproduz o episodio da desesperada contemplação de Napoleão perante o incendio que os russos lançaram á cidade para que ella não cahisse em poder dos invasores. Foi este sem duvida um dos mais tragicos momentos da vida do grande capitão.

mica não póde prevêr. O infeliz ministro não soube supportar o golpe, sahiu bruscamente, entrou em casa, escreveu n'essa mesma noite

vago, apesar de occupado por Napoleão; era um dos seus que estava nas Tulherias, com idéas semelhantes, abrindo a todos os loga-

res do poder e da confiança. Inaugurou-se de sciencia. Tinha a avidez do saber e da um novo mercado para todas as faculdades verdade. Todavia desdenhava dos homens



EPISODIO DA RETIRADA DA RUSSIA (1812) — QUADRO DE IVON

O marechal Ney fora o encarregado de sustentar aquella memoravel retirada. Os russos, avançando sob o abrigo d'um bosque, fusillam os soldados de Ney; o desanimo lavra nas fileiras, o frio regela a coragem, as desersões amiudam-se, a desordem começa. Ney, tomando uma espingarda, colloca-se á frente dos que debandavam, consegue leval-os ao fogo, expondo a sua vida como simples soldado, elle, o marechal, como se não fora ainda rico, poderoso, considerado, como se tivera ainda tudo a ganhar, quando tinha tudo a perder. Miguel Ney, simples furriel de hussares em janeiro de 1795, era marechal do imperio a 19 de maio de 1804: fusillado no tempo da Restauração a 8 de dezembro de 1815, sob condemnação da camara dos pares, como reu de alta traição á monarchia.

e para todas as producções, hospitalidade generosa para todos os generos de talento e de energia. Dezesete homens do seu tempo foram levantados da classe de simples soldados á categoria de rei, de marechal, de duque ou de general. O povo olhava Napoleão como a creatura do seu partido, assim como adquirira pela revolução o direito de o considerar a carne da sua carne. O predomínio de Bonaparte não consiste na força selvagem ou extravagante, n'um entusiasmo fascinador, ou n'um poder singular de persuasão, mas simplesmente no exercicio do senso commum em todas as circumstancias. Que lição soberba não offerece á indecisão, á indolencia, á mediocridade vulgares a vida d'este homem! Cerebro potente que percorreu em luminosa vibração todas as questões praticas e abstractas, doutrina-rias e scientificas da sua época. Comprazia-se na conversação e no convivio dos homens

de letras, a quem chamava «manufactores de phrases». E apesar d'este seu affectado desprezo, Bonaparte era-o tambem; tinha uma eloquencia sobria, mas altamente suggestiva na sua fórmula laconica; ha d'elle phrases verdadeiramente lapidares: «Do alto d'aquellas Pyramides quarenta seculos vos contemplam» — «Bem sabia que o 32 de linha estava lá» — «Dava duzentos milhões do meu thesouro para o resgate de Ney» — «Ha duas alavancas para mover os homens, o interesse e o mêdo» — e tantas outras que o definem, nos seus entusiasmos e na sua philosophia mundana.

Emerson deno minou Napoleão o encarregado de negocios da classe media da sociedade moderna, d'essa multidão que enche os mercados, os escriptorios, as officinas, com a ruina ou a riqueza. Foi a um tempo agitador e radical; o inventor e o destruidor de



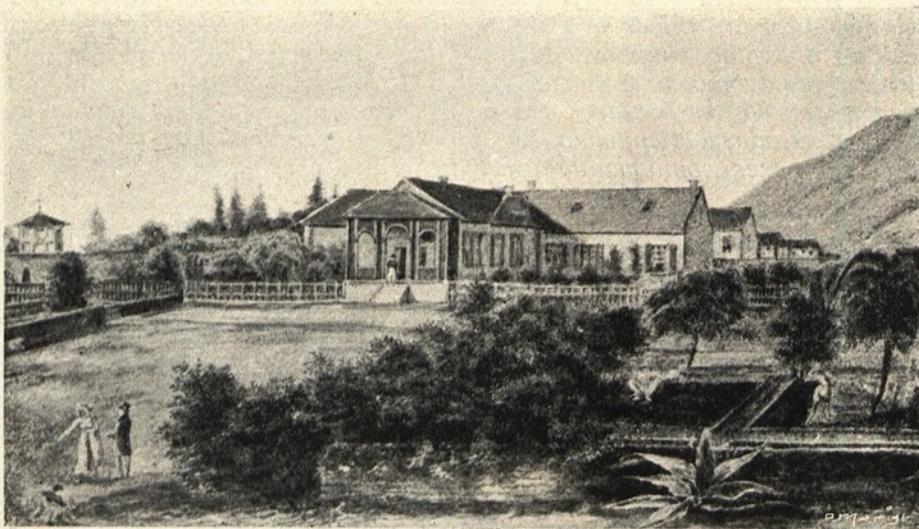
NAPOLEÃO EM WATERLOO (18 JUNHO 1815) — SEGUNDO UMA LITHOGRAPHIA DE BELLANGÉ

Napoleão tinha então quarenta e seis annos, em toda a plenitude do seu genio, de todas as suas energias intellectuaes e physicas. Somente deixara de ter em si proprio a confiança, absolutamente necessaria para o exito, esta força suggestiva que impulsiona a acção alheia e obriga-a, como se fôra a vontade propria, a executar as determinações concebidas. N'esta memoravel batalha, os experimentados generaes receberam ordens habilmente delineadas, todavia não sentiram, irradiando do imperador, aquella força mysteriosa de execução, que o heroismo não pôde supprir.

monopolios e de abusos. Logicamente, a Inglaterra como centro do capital, Roma como centro da tradição, a Austria como centro da genealogia aristocratica, fizeram-lhe opposição tenaz. Toda a vida, toda a carreira brilhante, d'este homem excepcional foi a experiencia mais completa, e nas condições mais favoraveis, do que podem as energias d'uma vasta intelligencia, sem escrupulo, nem consciencia. Resume uma epoca inteira, define uma civilização, com todas as suas qualidades boas e com to-

dos os seus defeitos e vicios — *representative man*, na esphera das cousas mundanas, dos conflictos do interesse, no encaço da riqueza, entre as lutas desesperadas dos que, n'uma sociedade baseada sobre o valor supremo da propriedade, procuram adquiril-a ou defendem a que possuem.

Todavia Bonaparte tem geraes sympathias, exerce uma attração universal, porque como na theoria mystica de Swedenborg, cada um encontra na vida, nas ideas, nas aspirações do grande homem, tão sómente engrandecidas, as proprias ideas e aspirações,

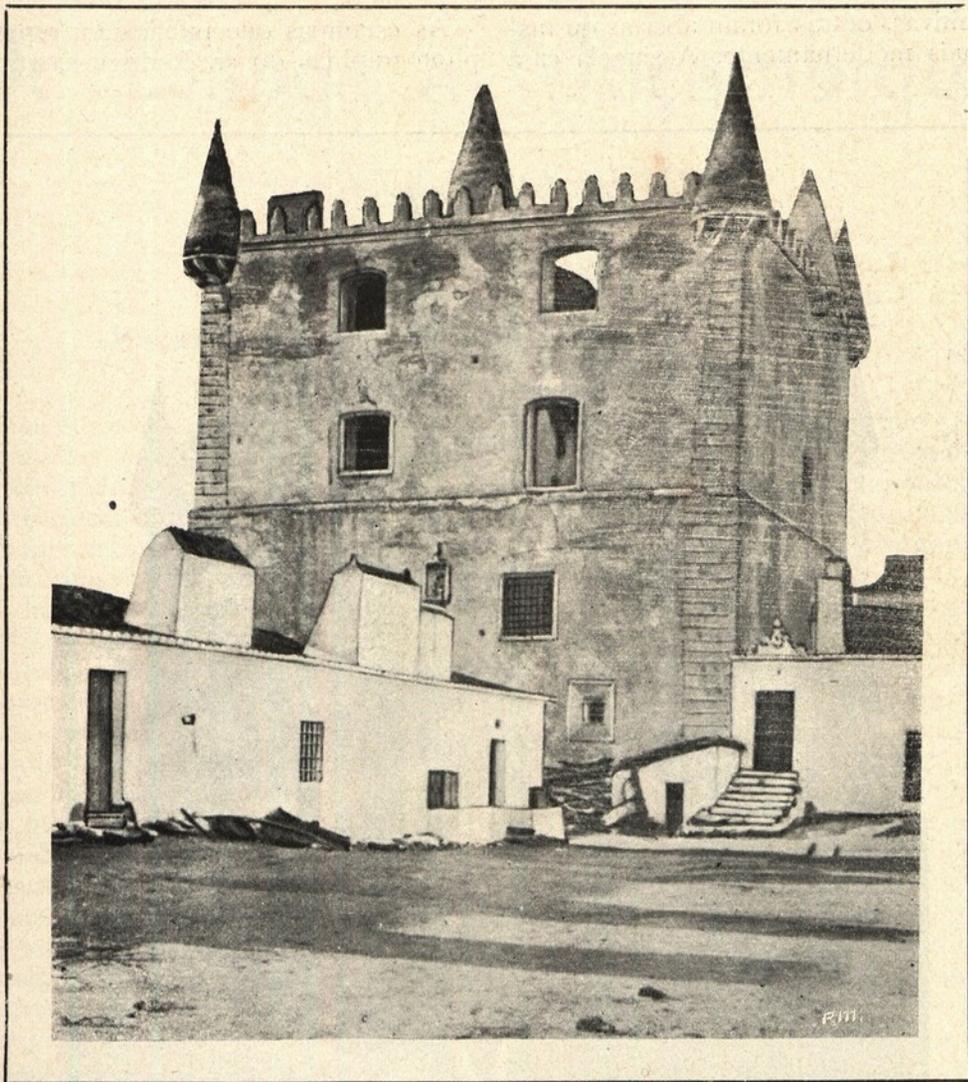


RESIDENCIA DE NAPOLEÃO EM SANTA HELENA (1821)
SEGUNDO UM DESENHO DA ÉPOCA

A modesta casa de Longwood compunha-se de dois quartos, cercada d'um pequeno jardim, onde elle trabalhou algum tempo, e onde uma mesquinha ridícula e uma espionagem ignobil, que lord Rosebery no seu livro recente justamente estigmatiza, cercaram e magoaram o grande capitão moderno, durante o seu captiveiro.

sonhos de grandeza e de gozo insaciaveis.

(Segundo Emerson)



A TORRE DAS AGUIAS

A Torre das Aguias, na antiga e agreste villa das Brotas, fica no Alentejo, concelho de Móra, a umas oito leguas a norte de Evora.

E' sitio muito isolado, de terrenos dobrados vestidos de mattas de azinho e sôbro, e ainda por ali se encontra o lusitano, talvez o turdetano puro, o *zagorrio* do monte, de cultura rudimentar. As Brotas, concelho já no seculo XIV, teem hoje pouco mais de um cento de fôgos, e sem geitos de progredir; nos arredores é escassa a povoação, que para ali vegeta abandonada, entre mattos e montados.

Mas a torre é bem singular.

Entre humildes casas abarracadas ergue-se a imponente mole de severo e guerreiro

aspecto, coroada de ameias, e guaritas formadas de altos coruchêos agudos, apoiados em fortes cachorros ou matacões.

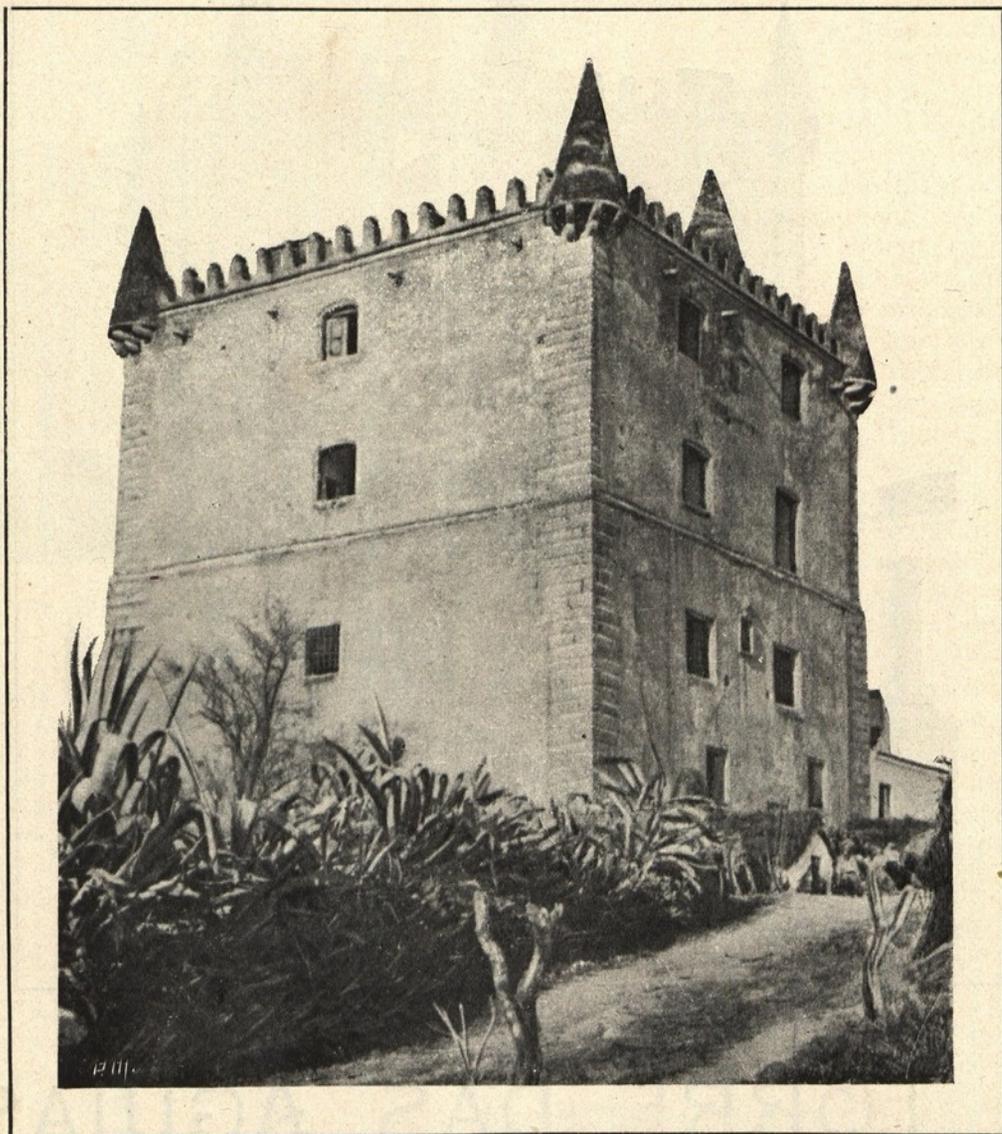
Tem 20 metros de altura por 17 de largura na base. Os quatro pavimentos dividiam-se em 16 casas abobadadas. Em baixo, a parede apresenta dois metros de espessura. E' tão solida a construcção que grande parte dos compartimentos está ainda bem conservada, e seria facil a restauração completa porque todas as paredes guardam o aprumo primitivo.

A Torre das Aguias pertenceu por largos tempos á casa dos condes da Atalaya, que possuiu varias commendas no Alentejo.

Parece uma construcção do seculo XIV; algumas janellas dos pavimentos superiores

são primitivas, outras foram abertas ou rasgadas mais modernamente. A singela casa

As estampas que publicamos reproduzem photographias do sr. Rodrigues, empregado

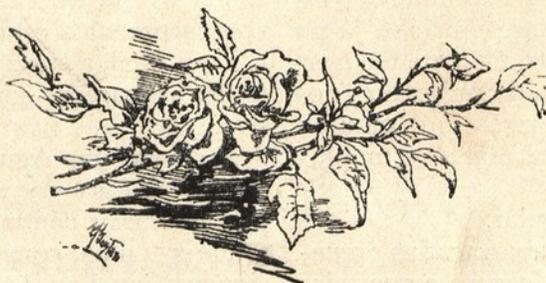


abarracada não deixa ver a porta que não offerece particularidade notavel.

E' monumental e poucos edificios haverá no paiz que se lhe comparem, no seu genero.

da Bibliotheca Nacional de Lisboa e intelligente amator, que visitou ha pouco esses logares desviados, acompanhando o sr. dr. Leite de Vasconcellos em pesquisas archeologicas

G. PEREIRA.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO V

Moçambique — A vida — Os macuas (Continuação)

Os macuas, como os seus vizinhos e proximos parentes *mavias*, *ajauas*, *makondes*, não sobrelevam hoje aos outros *bantu* em ferocidade nem em bárbaria de costumes, e os viajantes que mais de perto os conheceram e trataram, como Chauncy Maples, que lhes estudou a lingua, e o consul inglez em Moçambique, O'Neill, acharam-nos docéis, accessiveis, francos, leaes, e até pacificos, embora as perseguições dos escravistas e os máus tratos dos europeus os tornassem suspicazes. Geralmente robustos, não raras vezes athleticos, têm tons acobreados na tez, malares salientes, grandes olhos de esclerotica muito branca, e são dolicocephalos e prognatas. Já se não mutilam e deformam tão horrendamente como descreveu Fr. João dos Santos. Os mais incultos ainda usam o *pelele*, que é uma pequena rodella de madeira, mettida no beicho superior por baixo do nariz, n'um buraco que para a receber lhes fazem quando são creanças, e que os pacientes vão alargando depois a pouco e pouco com a introdução de palhas, primeiro, depois de cylindros de páu de mais a mais grossos; mas este mesmo adorno desapareceu já da costa, e, especialmente das vizinhanças de Moçambique. O que ainda fazem quasi todos é marcarem-se na testa e nas faces com as cicatrizes de pequenas incisões dispostas symetricamente, formando meias luas com as pontas voltadas para baixo ou linhas curvas desenhadas dos sobr'olhos para as fontes, ou aspaz traçadas nos cantos da bocca, ou uma especie de franzido entre os sobr'olhos; mas tambem ha genuinos macuas a quem falta esta caracteristica, como falta o aguçamento dos dentes incisivos feito á lima. Invariavel é a moda de furarem as orelhas e introduzirem nos orificios argollas pendentes de metal. Os que são musulmanos costumam trazer a cabeça sempre rapada; dos que não adoptam essa pratica de asseio e hygiene muitos tonsuram-se ás riscas, ou só deixam crescer a carapinha sobre o occiput e alguns enfeitam o *karrari*, cabellelo, com páusinhos forrados de linha ou fita preta, dispostos em

fileiras, a modo de franja. Os que professam o islamismo ou vivem em regiões onde elle influenciou os costumes, são circuncisos, sendo a operação feita em algumas partes, sob a direcção dos régulos e com um ritual complicado.

No vestuario assemelham-se os macuas a quasi todos os seus vizinhos da provincia. O dos homens deriva da tradicional folha de figueira ou de parra, e ainda alguns, nos matos, são fieis a essa tradição, substituindo apenas a folha por uma tira delgada de algodão segura aos rins por um atilho; mas esse *langotim* vaé por toda a parte reconhecendo a sua insufficiencia como elemento de compostura, e cedendo o logar ao panno ou occultando-se debaixo d'elle. O panno não dá que fazer a alfaiates; são duas ou tres braças de algodão branco (*merikana*), ou estampado, com a largura sufficiente para chegar da cintura até meia coxa ou, quando muito, até o joelho, que se enrola em volta dos quadris e se traça na frente entalando-se na volta uma das suas extremidades. Nas povoações policiadas associa-se geralmente a este rudimento de fato uma camisola com mangas, justa ao tronco, semelhante ás que na Europa se usam por baixo das camisas, de malha branca, d'uma côr só ou estampada, e o panno e a camisola constituem o fardamento commum dos machileiros, moleques, remadores e mais serviçaes a quem os amos vestem. Apesar do calor, os negros gostam de cobrir o corpo, porque consideram o vestuario como enfeite e distincção, e, sendo elle de côrte europeu, como que os aristocratisa a seus olhos, e nivela com os brancos; a simples camisola é, pois, complemento substituido a miude por camisas brancas, casacos, fardetas, paletots, que foram de europeus, e que os seus felizes possuidores actuaes vestem em regra sobre a pelle nua, deixando-os abertos sobre o peito luzidio. As nossas calças são-lhe menos sympathicas porque restringem a liberdade das pernas; só as usam em geral quando podem pavonear-se com uma andaina completa de fato de *mo-*

zungo. As cabeças julgam-se sufficientemente resguardadas pelas carapinhas densas; é principalmente como atavio que o negro empoleira no toutiço um chapéu qualquer, ou cobre a arca dos seus pensamentos com um barrete cylindrico, a que chamam *cofió*.

As mulheres tambem vão passando do regimen do *langotim* mais ou menos desenvolvido e complicado, ao do *panno*, a que o pudor do sexo, que nem mesmo em Africa é méra convenção, dá as dimensões necessarias para cobrir os seios, ou parte d'elles, e pender até quasi aos tornozellos. Veste-se como o dos homens, cingido detraz para deante, junto ás formas, crusado e preso sobre o peito. Negra elegante e abastada não se decota mais do que as outras; pelo contrario tapa tambem o busto com o *quimau*, casaco muito curto sem golla, com mangas até meio braço, e assim obtem uma encadernação completa, que furta á profanação dos olhares sensuaes os mimos de sua pelle assestinada, embora lhe entregue os relevos dos seus tecidos adiposos. Ha *pannos* e *quimaus* para todas as fortunas, a começar pelos de *merikana* ou *losse* (algodão azul escuro) e a acabar nos de seda, com bordaduras a *soutache*. Os fabricantes da India, principalmente sabem lisongear o sentimento esthetico da sua clientella feminina de Africa Oriental e têm creado para ella um sortimento especial de tecidos, accomodados ás suas *modas* pouco variaveis, cujas tintas espelhentes e phantasiosos debuxos tambem deslumbrariam a vista das nossas saloias. Não se julgue das *toilettes* das negras moçambicanas pelos algodões que a estamparia nacional produz com destino aos mercados africanos; as industrias indianas servem-n'as melhor, mandam-lhe muitas fazendas que, no genero vistoso e alegre, são verdadeiros primores, pelo menos de tinturaria, e já têm a complacencia de empregarem linha e seda no fabrico de telas exclusivamente destinadas ao mister de cobrir ventres e rins de ebano polido. Ha *pannos* que custam umas poucas de libras, e parece que têm consumo, porque não há quitanda afreguesada de baneane que os não tenha no seu *stock*.

Quando este trage indigena é usado por mulheres bem talhadas compõe figuras mais artisticas do que as das beldades caucasianas enroupadas conforme os preceitos de certas modas europeas; assim, não haverá estatuario que não prefira cinzelar as pregas d'um *panno* bem lançado sobre as ondulações d'um corpo esbelto a reproduzir os panejamentos symetricos e escorridos d'uma saia *parapluie*. Como tambem em Africa os instinctos femininos sabem segredos de gar-

ridice, tafulas ha de *panno* e *quimau* que tiram partido d'essas singellas peças de postura e adorno para darem realce ás formas; têm acertada conta nas indiscrições das roupas mais ou menos colladas ao molde, dispoem-lhes com tal ou qual garbo as dobras, as rugas e os cruzamentos, e juntam-lhes accessorios, ou fazem-lhes modificações, que completam e aprimoram a decoração pessoal. Os *quimáus* sobem ás vezes até o pescoço, deixando apparecer o cabeção d'uma camisa branca, e quando descobrem o collo aproveita-se a defficiencia para ostentar collares de contaria ou missanga, cujas cores vivas mais azevicham pelo contraste a pelle macia; cintos ornamentados desenhm as curvas opulentas dos quadris; anilhas de metal amarello tornam menos duro o contorno dos braços e das pernas. Mas estes *copuschiquismos* não são triviaes, nem mesmo nas cidades, e ainda menos trivialmente os auxiliam graças naturaes; podem considerar-se até como excepção da degradação de formas e do *avaccamento*, determinados geralmente nas mulheres africanas pelo trabalho, pelos vicios e pelas precocidades. E, feias ou bonitas, moças ou velhas, esbeltas ou disformes todas ellas se fazem grotescas, amacacadas, monstruosas, quando lhes dá para parecerem *senhoras* arremedando os vestuarios das brancas, como é frequente vêr-se no littoral, porque as suas formas desenvolvidas á vontade no periodo da formação, os abdomens proeminentes, os seios montanhosos ou escorridos, as ancas protuberantes deturpam todas as linhas fundamentaes do figurino europeu, e os seus movimentos largos e soltos imprimem ás roupagens que as constroem, geitos e deslocções e desmanchamentos que são a mais risivel antithese do donaire senhoril.

Uma pragmatica que se inspirasse nos principios artisticos prohibiria as negras vestirem-se de brancas.

Estas formas de vestuario modificaram-se para os homens, quando elles professam ou suppõem professar o islamismo. O mesmo mahometano só por absoluta pobreza deixa de se nobilitar cobrindo o corpo todo com uma cabaia branca, especie de camisa larga, com mangas, caida até os pés, e tapando a cabeça rapada com um barrete cylindrico, baixo, tambem branco, e geralmente puxado para traz descobrindo todo o frontal em beneficio do occipital. Outros mais ricos imitam o trage arabe; lançam sobre as cabaiaes amplos albornoz, geralmente sem capuz ou vestem por cima d'ellas a *funga* que é um paletot comprido aberto na frente; enrolam nos barretes *pannos* leves, brancos ou coloridos formando turbantes, e até calçam ábarcas ou

sandalias. Os regulos poderosos e abastados adoptaram este figurino, e opulentaram-n'o com sedas e bordaduras de ouro. Em Moçambique e no continente fronteiro, especialmente nas Cabaceiras, predominam as modas mahometanas; a bem dizer só os trabalhadores e os serviçaes usam o *panno* e a camisola. Pelos palmares da terra firme e nos caminhos da Ponte da Ilha prepassam de continuo vultos brancos de *monhés* que dão ao paiz um aspecto distincto do que têm as outras regiões da provincia, em que o negro se não mascara de arabe. As mulheres é que não mudam sensivelmente de roupas conforme a religião; só mudam conforme a condição.

Aos macuas mussulmanos dá-se geralmente o nome de *monhés*, e esta denominação applica-se tambem aos mahometanos da India e até a todos os indios; parece, porém, que só pertence propriamente a um povo que havemos de encontrar no antigo districto de Angoche, e que se julga descender de immigrantes suakiki.

São os macuas que constituem o fundo da população da cidade e do districto de Moçambique; mas com elles têm-se misturado negros oriundos de todas as zonas da provincia e até de fóra d'ella, predominando entre estes elementos exóticos os suakikis, da costa de Zanzibar, e os *maganjas*, oriundos das ilhas Comos, que provavelmente descendem em linha mais ou menos recta dos arabes que no seculo VIII sob a direcção de Zaid, neto de Ali, se estabeleceram n'essas ilhas, e Valvy na de Madagascar, fugidos a perseguições religiosas. São mais afamados, estes *maganjas*, e attribuem-se-lhe malfetorias de escravistas e proezas de activa propaganda mussulmana. Não vae longe o tempo em que na propria ilha, e ainda mais no continente, desappareciam negros, quasi sempre creanças, e a voz publica indigitava os *maganjas* como auctores d'esses desapparecimentos, suppondo que os desapparecidos tinham sido levados por força ou por fraude para serem vendidos como escravos em Zanzibar. Tambem os accusam de indoceis, arrogantes e propensos á violencia.

No meio da população africana, a confundir-se a miude com ella, vivem numerosas colonias de asiaticos, indios quasi todos, mahometanos, parsis, gentios, avultando entre elles os *baneanes* (*banyans*, *banyohs*, *banneas*). Esta designação, segundo creio, nem na India tem um sentido rigoroso, mas compete principalmente aos individuos, quasi todos da casta dos veiscias que na costa oriental negoceiam com o estrangeiro; na nossa Africa applica-se aos commerciantes indianos que

não são nem parsis nem mahometanos, sendo estes ultimos comprehendidos na denominação commum de *mouros*, e dando-se áquelles o nome de *bathiás*. Os baneanes são inglezes ou portuguezes, procedendo estes principalmente de Damão.

Anteriores aos portuguezes na exploração commercial da costa oriental d'Africa, os indios espalharam-se por toda ella, desde Quilôa e Mombaça a Colungo, vivendo á sombra das soberanias europêas ou da tolerancia dos indigenas. Começam de apparecer a bordo dos paquetes em Aden, e empacham-nos em todas as viagens entre os portos que se abrem d'alli para o sul, importunando os outros passageiros com a sua nauseabunda companhia. Viajam empalhados no convez entre gaiolas de criação e pandeiros de cabos, acocorados sobre as bagagens, dormindo em esteiras a céu aberto ou debaixo dos escaleres suspensos dos turcos, sustentados pelos seus farneis de arroz e caril, que elles por suas mãos cosinham, e comem no chão, tagarellando dia e noite, espojando-se, coçando-se, sempre a mexerem nos pés, quasi descompostos, desagradaveis á vista, incommodos ao olphato, impertinentes ao ouvido. Só os nababos commettem a prodigalidade de pagar um beliche em segunda ou terceira camara. Navios invadidos por esta praga perdem logo o aceio, a ordem, o socego: não se dá um passo sem tropeçar n'um corpo estatelado, ou escorregar em pratos de arroz cozido e cascas de mangas; de noite algaraviadas de ralhos e polemicas espertariam os sete dormentes; caixas e trouxas atravancam os tombadilhos; pelas guaritas e vigias espreitam para os salões e para os camarotes invejosos olhos amarellentos; os ares quentes saturam-se de pestilencias; exhibem-se carnes felpudas pelas aberturas e rasgões de andrajos sordidos. Alguns d'esses immundos que andam debaixo dos pés dos marujos e da sociedade como os macacos, são ricos, levam saquiteis de libras escondidas nos cintos ou letras de cambio cosidas nos farrapos; é só a avareza que os expõe, ás vezes com mulheres entroxadas em pannos e ranchadas de creanças semi-nuas, ás abjecções e aos tratos de muitos dias de viagem, durante os quaes as chuvadas e os golpes de mar não lhes deixarão talvez um palmo de taboado enxuto em que se deitem, e os balanços rebolal-os-hão entre as amuradas. Villissimos! Toma-se-lhes aversão só de os vêr a bordo. Só admira que as emprezas de navegação ainda não tenham feito gaiolas para elles, como para os animaes!

Todas as terras estão içadas d'elles, e não desmentem em terra o conceito que inspiram

no mar, a não ser emquanto a actividade. Em Moçambique, e como em Moçambique em quasi todas as provincias do littoral, ha ruas e ruas quasi só habitadas por asiáticos e que d'elles tiram os nomes. No interior, onde ha um nucleo de população, onde ha um caminho frequentado, lá apparece um commerciante indio, estabelecido ou ambulante. Em quasi toda a parte são mais numerosos do que os europeus, e em algumas partes mais bastos do que os negros. Não se somem na massa da população; pelo contrario, dão-lhes uma feição característica o seu aspecto de mescla ethnographica. Nunca deixam o seu traje indigena nem sequer o modificam. O baneane usa como o negro, *panno* enrolado aos quadris, um panno de algodão que se diz branco somente porque nunca foi tinto, de cujas dobras lhe surdem as pernas completamente nuas a não ser de guedelhas, que arrastam uns sapatões, tão parecidos na forma com um pé humano como as canôas, e que chegam a romper-se sem terem descoberto que a civilização inventou uma coisa chamada meias; por cima do panno enfia uma camisa com mangas, que não chega a tapar as pernas porque isso seria esbanjar fazenda, e sobre a camisa enverga um rudimento de collete, correspondente á alguba mourisca que não une nem se abotoa na frente. Alguns d'estes colletes lembram-se vagamente de terem sido de veludo ou de seda, bordados a ouro ou a matiz, quando os triavôs dos actuaes possuidores os estreiraram em dia de festa; os que ainda agora são d'essas fazendas e ostentam esses recamos devem ter fóros de joias de familia. Na cabeça traz um barrete redondo e chato, entesado com cartão, tambem frequentemente matizado e lantejoulado para luzimento de muitas gerações. Mas todos estes arreios e atavios, quando destinados ao uso quotidiano, ainda que conservem vestigios do passado luxo, estão já tão desbotados, e marcados, e desdourados, e machucados, e safados, e especialmente tão sujos que dão a quem os veste, no alto das pernas núas, um aspecto repellente de miseria sordida, que se identifica com o typo do baneane.

Não ha maneira de o desapegar d'este vestuario nem d'outro qualquer costume de sua raça e de sua patria. Em Lourenço Marques, a administração, — creio que municipal, — entendeu que a nudez das pernas era *shocking*, e, naturalmente para lisongear os inglezes tentou por meio de posturas, obrigar os baneanes a vestirem calças. Pois ia havendo uma revolução na cidade e em toda a provincia! Intreveiu o governo geral, a postura foi revogada, e os indios continuam a

exibir na praça 7 de maio, como no sertão, as suas tibias amarellas, que nem tem o merecimento de os recomendarem para archeiros. Nem sequer transigiram com as meias!

Já não são assim os indios mahometanos. Embora vistam como os baneanes, enforham as pernas em largas pantalonas de algodão branco, e, em geral, são mais esmerados, e até luxuosos no traje. Em occasiões festivas ostentam ricas algubas, turbantes de tecidos preciosos, e umas magestosas vestimentas de mangas, que caem direitas até os pés e são abertas pela frente, feitas de seda de côres vivas e recamadas de bordaduras. Em Inhambane, n'uma solemnidade religiosa, os commerciantes mussulmanos da terra apresentaram-se ataviados tão sumptuosamente que o theatro de Trindade acceitalos-hia para principes de quadros das *Mil e uma noites*.

Os bashias differençam-se principalmente dos baneanes, emquanto ao estylo do vestuario, pelos barretes que usam em forma de mitra, nao tão altos, porém, como a insignia prelaticia a que se deu esse nome, e que o catholicismo deve ter recebido da Persia.

Os europeus constituem uma parcella minima da população, mesmo na cidade de Moçambique, onde os serviços officiaes reúnem muitos portuguezes. Dos proprios funcionarios publicos, civis e militares, a maioria são da India, são *canarins*, como lá se diz, mais ou menos escuros. Os colonos que o reino mandou recentemente para Africa Oriental, não avolumam na capital, e não formaram n'ella nem sequer o nucleo d'uma classe popular portugueza; o seu povo é especialmente africano e asiatico, apenas mesclado por alguns artistas e alguns caixeiros europeus. Tambem as colonias estrangeiras, a não ser a das Indias britannicas, são reduzidas, e quasi exclusivamente commerciaes, e os unicos subditos europeus de S. M. a Rainha Victoria (1894) são os funcionarios do consulado e os empregados da *Eastern Telegraph Company*.



Moçambique é emquanto a costumes, a cidade mais portugueza da provincia. O teor da vida nacional só lá soffreu as modificações determinadas imperiosamente pelo meio, sendo os mais activos agentes modificadores d'esse meio o calor e as pretas. Raros são os usos propriamente locais, admittidos pela generalidade dos habitantes portuguezes que valha um registo; quem chega de Lisboa pouco tem que estranhar, a não ser o clima e os

seus effeitos, e pouco tem que aprender, se quizer seguir o conselho: de ser romano em Roma.

Esse recémchegado não encontra ao desembarque uma carruagem que o leve ao alojamento; a cidade é muito pequena para poder aproveitar esse meio de locomoção, nem tem as ruas preparadas para rodagem, porque só ha pouco tempo a sua municipalidade principiou a endurecer-lhes os leitos de areia solta, por um processo rudimentar de macadamisação. Mas se tiver que fazer um extenso trajecto, na ilha ou no littoral, as pessoas que o esperarem poderão ter-lhe preparado uma *machila* ainda que já não são vulgares esses trastes na cidade.

A machila é fundamentalmente uma maca suspensa pelas extremidades e por meio de correntes de ferro, n'um grosso bambú, que quatro carregadores, dois adiante e dois atraz, assentam e seguram sobre os hombros, de modo que a maca fique levantada do chão. Ha, porém, tantas fórmulas diversas de machilas como de carruagens. Nas mais communs, o taboleiro, feito geralmente de lona enchumaçada e esticada sobre uma armação de madeira, é inteiramente plana, tendo encostos verticaes nos topos e guardas lateraes, e o passageiro vae sentado n'elle com as pernas estendidas, n'outras, mais commodas, ha uma cadeira baixa ou um banco fixo n'uma das cabeceiras do taboleiro. Algumas são toldadas, e fechadas por cortinados; outras descobertas. No matto adopta-se de preferencia as verdadeiras macas similhante ás de bordo, nas quaes a lona se adapta ás fórmulas do corpo, por ser solta de qualquer esqueleto que a reteze e só presa á canna pelas extremidades, o que permite ir deitado n'ella como nas classicas *rêdes*, com uma almofada debaixo da cabeça, para maior conforto; quando não têm que passar por meio de arvoredo ou hervas altas, protege-as um toldo movel sobre um eixo central, que o passageiro inclina para o lado d'onde bate o sol.

Ha com chitas sumptuosas, como trens de luxo, com sanefas, cortinados e estofos de seda, madeiras polidas, lanternas de côr, machileiros uniformisados, e, d'antes, as destinadas ao serviço das *donas* eram tão hermeticamente fechadas como se o ciume oriental as empregasse em transportar odaliscas. A condução na machila é deleite ou supplicio conforme a pericia dos conductores. Ha uma alta escola de machileiros. Antes de tudo é indispensavel que elles emparelhem bem em alturas, para não desnive-



MOÇAMBIQUE — MACHILEIROS

larem a machina. Cada extremidade da canna assenta sobre o hombro direito d'um e o hombro esquerdo d'outro de dois machileiros juxtapostos, e geralmente inclinados e convergentes como os machos das carroças do Alemtejo costumam convergir para a lança; n'estas posições, se os quatro conductores não acertam exactamente o passo imprimem á machila terriveis movimentos desencontrados. Precisam tambem andar de modo que não dêem solavancos aos hombros, que não *chouteiem*; não abrir tanto o compasso das pernas que batam na machila; saber passar a canna de hombro para hombro quando estão cançados, sem parar e com movimento suave, e levantal-a ou aguental-a acima da cabeça para vadear charcos e transpôr obstaculos; e, especialmente ter folego, ter jarretes firmes e ter hombros callejados para fazer extensas e rapidas jornadas. Quando os pobres substitutos das cavalgadas reunem es-

tes requisitos e os caminhos são lisos, pôde-se andar de machila por gosto. Deitado, dorme-se como n'um berço. Conseguem-se velocidades de mala-posta; já percorri em 50 minutos, ás costas de quatro valentes macuas, os 8 kilometros fartos que medeiam entre a Beira e o Dondo. Mas se a machila mal conduzida, vae aos estremeções e aos pulos, esbarrando em pedras e troncos, esfregando-se pelos matagaes, fica-se moído, contuso, arranhado, e não é raro darem-se quedas desastrosas.

Outro inconveniente da machila é o cheiro dos machileiros, por mais lavados que sejam. Quando elles, afadigados, tressuam á soa-lheira, as emanações da catinga trazidas pelas correntes d'ar deslocado viram do avêssô o estomago mais refractario a nauseas!

Nas povoações do littoral, a machila vae desaparecendo; quasi só as usam as damas, por ostentação quando saem a visitas. E ainda bem; porque o serviço de machileiro é o mais brutal e o mais degradante, que o europeu ainda impõe ao negro. As cannas chegam a ferir-lhes os hombros, as marchas acceleradas esfalfam-nos, entisicam-nos. De machila ou a pé, o recémchegado a Moçambique poderá, querendo, procurar alojamento n'uma hospedaria. A terra só ha poucos annos se dotou com casas de hospedes, e para este melhoramento contribuiu a iniciativa governamental. Contractou-se a installação e manutenção d'um d'esses estabelecimentos mediante subvenções annuaes pagas pelo cofre da provincia e pelo do municipio; como, porém, essas subvenções eram fixas, o empresario não se julgou interessado em attrahir e conservar hospedes, e tão mal os tratou e tanto os repelliu que lhe foi annullado o contracto. A hospedaria official foi substituida logo por outra particular que pouco durou; mas este desastre não dissuadiu novas tentativas, feitas com mais tino e mais dinheiro, e em 1892 os viajantes que aportavam á capital da provincia já não corriam o risco de pernoitarem nos bancos da Praça de S. Paulo, se não podiam impôr-se á hospitalidade do governador ou d'algun habitante. Tinham onde se alojar, sem luxo, com certo conforto relativo, quando dispunham de meia libra por dia. Para pobres é que não havia abrigo. Os colonos ficavam na rua, se a fortaleza de S. Sebastião lhes não abria as casernas e os calabouços.

O habitante europeu de Moçambique é, porém, hospitaleiro, e as casas das auctoridades são, especialmente, hoteis ou pousadas, sempre franqueadas, senão de boa vontade, por necessidade ou honra do cargo. Condições essenciaes d'uma hospedagem solicita

são um bom leite, com seu mosqueteiro, e uma banheira. O banho quotidiano de imersão ou de esponja, chega a ser um requisito da dignidade da raça. Sem as abluções frequentissimas o branco até perde a noção de que é branco, porque a sua transpiração cheira a *catanga*. Tambem a agua é o unico êlixir contra as herpes e o lichen. Deve-se tomar banhos frios ou quentes? Variam as opiniões, tanto theoricas como experimentaes. Nas possessões allemãs introduziu-se o banho frio como meio prophylatico, e diz-se que com bom resultado; parece-me, todavia, que só pôde convir ás organisações robustas. Para mim preferi sempre a agua á temperatura do corpo, e experimentei que as imersões demoradas em agua quente são o mais efficaz processo para debellar ou suavisar o lichen, que resulta, segundo creio, da irritação produzida na epiderme pela copiosa e constante transpiração. Em todas as casas bem postas, o serviço dos banhos é tão attendido como o de cosinha, sendo as banheiras abastecidas pelas cisternas, por meio de baldes que dois negros carregam á *pinga*, isto é, suspendendo-os n'um pau cujas extremidades apoiam nos hombros. No mar e nos rios do littoral ninguem se banha, para não ter encontros com tubarões ou jacarés.

O amphytrião bizarro esmera-se tambem em proporcionar ao seu hospede uma mesa bem servida. Os cosinheiros são com raras excepções, pretos ou canarins, e uns e outros têm especialissimas aptidões para a culinaria, e sabem accommodal-a ao paladar e ao estomago dos amos. Não ha uma arte de cosinha local, a não ser a dos indigenas, demasiadamente sobria e primitiva para contentar europeus; a da India é que introduziu na Africa oriental alguns dos seus preparados, e especialmente o *caril*, de que até os miseraveis fazem condimento quasi obrigado da massa de arroz ou de mapira (especie de painço), e que, como todos sabem, é fabricado com a noz do côco ralado, açafraão e *periperi*, que é uma pimenta excessivamente picante, um peixe secco, de procedencia indiatca, chamado *bambolim*, e outras drogas mais ou menos causticas. E' geral a tendencia para condimentar fortemente, e sobretudo para apimentar todas as comidas, e até se professa que nos climas quentes o estomago precisa ser estimulado por meios energicos, por aperitivos heroicos, sob pena de regeitar ou não digerir os alimentos; creio, porém, que esse regimen não é tal um meio de conservar em bom uso os orgãos da nutrição, antes a necessidade d'elle resulta de estragos já soffridos por esses orgãos. Nos logares fartos a comida é variada, os *menus* são exten-

sos, tanto ao almoço, que geralmente se serve entre as 10 horas e o meio dia, como o jantar, que se come ao cair da tarde, quando já tem abrandado o calor; a variedade e a abundancia não excluem, porém, a frequencia de certas iguarias ou materias primas de iguarias. A gallinha, a *pennosa*, é obrigatoria. Quem enjõe a gallinha arrisca-se a passar fome, se não em Moçambique, em muitos logares do littoral e do interior, e a gallinha africana é pequena, magra, insipida, coreacea. Mas os cosinheiros sabem tirar d'ella recursos inexgotaveis, aproveitam-na para base de infinitas combinações, até a disfarçam de modo que nem um naturalista é capaz de a reconhecer; arranjam até *bifes* de gallinha e costeletas de gallinha com tanta carne como se fossem cortados d'uma vitella. Os acepipes especiaes do matto, fornecidos por animaes que o europeu só conhece das jaulas dos domadores e dos jardins zoologicos, e que nunca se lembrou que podessem figurar em talhos, não são usados é claro, em Moçambique; em compensação, os seus habitantes recebem tributos do mar, que especialmente lhes fornece delicioso camarão para o caril. Ha bom pão de trigo, de farinhas americanas. Não se come mal, em summa, e a peso d'ouro obtêm-se quasi todas as delicias da Europa que podem aguentar longas viagens, sendo até alguns mais triviaes lá do que no reino, onde se não produzem nem fabricam.

Vinhos não faltam, e são os nacionaes que mais consumo têm na mesa, e até na mesa dos estrangeiros. O vinho é considerado um tonico, que as depressões determinadas pelo clima torna indispensavel aos europeus, e esta theoria, gratissima aos intemperantes, ajuda-o a supplantar a concorrência das bebidas refrigerantes e a resistir á das bebidas alcoolicas. A doutrina de que os vinhos precisam ser carregados de aguardente, para se não deteriorarem nos paizes quentes, vae perdendo credito, e já não obriga ninguem, que em Africa possa viver na mediania, a escaldar as goellas com alcool tinto de roxo: o mercado está quasi sempre fornecido de diversos typos de vinhos de pasto que o paladar portuguez acceita mesmo na patria, e entre elles encontram-se vinhos verdes, perfeitamente conservados em pequenas vazilhas, e outros que arremedam o Collares e frequentemente se cobrem com as marcas afamadas em Lisboa, como a *F. C.*, que sugere o nome d'um vinhateiro que tambem é funcionario illustre do ultramar. A *Real Companhia Vinicola do Norte* tambem vae mettendo na Africa oriental os seus productos finos, e ainda bem, porque o *Porto* que

anteriormente se encontrava por lá, em geral desacreditava o nome. Dos vinhos estrangeiros, o que mais procura tem é o que se acredita ser de *Champagne* emquanto se não desrolham as garrafas: os do Cabo, apesar de vizinhos são lá tão raros como no reino, e só n'algum banquete de estrangeiro se poderá estragar o estomago com a xaropada da *Constancia*.

O consumo dos vinhos é, porém, restringido, pelo das bebidas alcoolicas, tambem coonestado com falsas theorias de hygiene e therapeutica. Se a aguardente ordinaria, o *mata-bicho*, só tem clientellas negras, os brancos ingerem torrentes de quantas beberagens as industrias de destillação quotidianamente inventam e chrismam em rotulos coloridos e dourados, que as declaram estomacaeas, fortificantes, saudaveis, antifibrifugas, e que a intemperança ainda mais varia misturando umas com as outras para preparar materias primas de bebedeiras, designadas por neologismos americanos e inglezes.

Fui conhecer a Moçambique — de vista, — um sem numero de preparados alcoolicos que julgo serem desconhecidos dos proprios taberneiros finos e grossos de Lisboa, e não ha lá quitanda, por mais reles, cujas prateleiras não verguem sob o peso da garrafaria em que essas drogas toxicas se offerecem por preços extravagantes, á inconsiderada balda de bebericar que em Africa se apossa — é triste dizel-o — da maioria dos europeus. E' sabido, é axiomatico, que o alcool estraga o figado e o baço, que nos paizes tropicaes actua como peçonha nos mais robustos organismos; todavia, o alcool entranhou-se nos costumes locaes, talvez como um dos complexos phenomenos de influencia dos negros sobre os seus dominadores e civilisadores. Pois tenho para mim que uma das causas da minha victoriosa resistencia ás *febres* foi a absoluta abstenção de bebidas alcoolicas, abstenção que calorosamente recommendo a quem visitar a Africa.

Nas casas de jantar encontra-se, em toda a provincia como em todo o Oriente, um aparelho que é desusado na Europa, apesar de ser apropriado aos seus climas meridionaes, o *pancar*. Tem muitas fórmãs, mas consiste, fundamentalmente, n'uma ventarola suspensa do tecto, com proporções para abanar por atacado uma numerosa sociedade. Nunca tem, todavia, o feitio consagrado dos instrumentos portateis de agitar o ar, nas salas ou nas cosinhas. Em geral é um grande rectangulo de téla ou de esteira, estendido sobre uma armação leve de madeira, e pendurado de cutello, por cima da mesa, de modo que possa oscillar, com movimento de

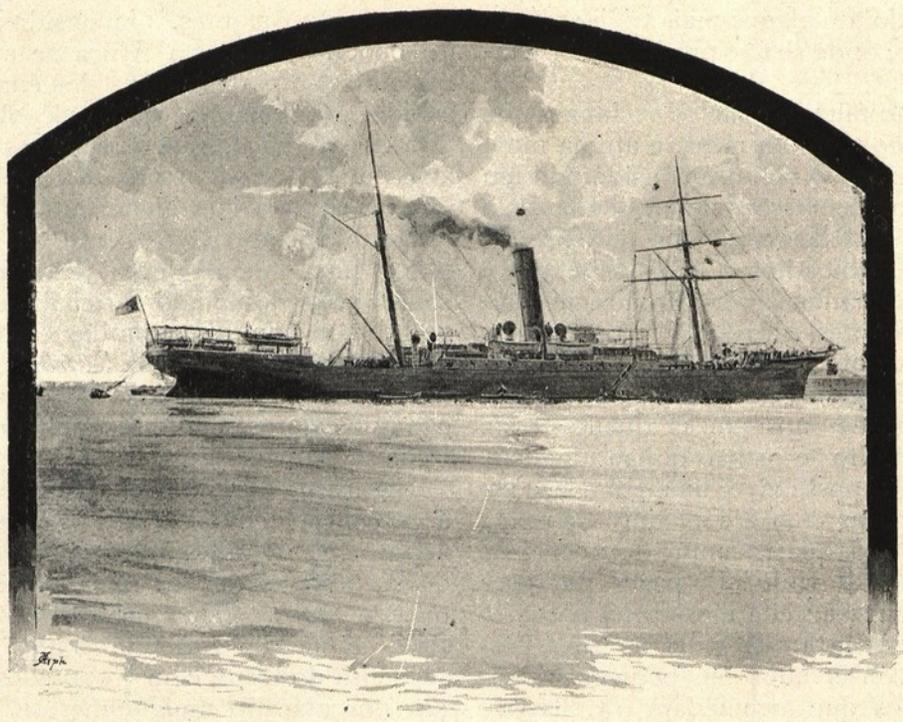
pendulo, sobre a sua borda presa e articulada ao tecto.

Dá-se-lhe impulso por meio d'um cordão, ligado á sua borda inferior e solta, que passa pelo olho d'um camarão ou pela golle d'uma roldana para ir pender no extremo ou fóra da sala onde funciona a engenhoca, e o encarregado de *dar ao pancar* costuma ser um moleque paciente, que de pé ou acorado, passa horas seguidas a puxar e a largar o cordão, a compasso mais ou menos acelerado, conforme o gosto dos patrões pela ventilação. Ha *pancares* enormes, que fazem vendavaes, e não se usam sómente para refrescar a mesa. Sujeitos refractarios a constipações até armam um *pancar* sobre a cama e dormem acariciados pelos seus sopros e acalentados pelos seus rangidos rythmicos; mas

este sybaritismo é excepcional, tão excepcional como o de ter uma negra á cabeceira da cama, a fabricar virações e a affugentar os mosquitos com um leque, como fazia Selika a Vasco da Gama, segundo a chronica de Scribe.

Em Moçambique não se usam como na India, as monstruosas ventarolas encabadas, que um servo agita violentamente, firmando-lhes o cabo no chão; mas só as casas humilimas não têm *pancar*, e quem se acostuma ao seu ministerio não póde dispensal-o. E' uma consolação! Modifica inteiramente a temperatura d'uma sala, que das portas e janellas escancaradas só recebe baforadas quentes; enxota os mosquitos, espalha *far-tuns*, abre o appetite e até é capaz de causar pneumonias.

(Continúa).





MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO II — NO CEMITERIO DOS MARTYRES

PERFUMADA e limpida a atmosphera. No céu brilham as estrellas com o fulgor de raios penetrantes; e a dentadura negra das muralhas que circundam a cidade começa a recortar-se no azul que vae esmorecendo invadido pela claridade leitosa da lua.

Nem a mais tenue aragem faz menear a ramaria dos gigantes platanos; e os cyprestes erguem-se calmos, sinistros, petrificados.

Antiochia, como se as horas de sol a não tivessem fatigado, ia entregar-se á habitual orgia dos repastos com que se prolongavam as ceias, ao franco abandono dos corpos á lascivia, ao goso de todos os prazeres sensuaes, a que não sabia nem podia esquivar-se, dominada de ha muito pela *alogia*, essa incuravel doença das sociedades em dissolução, especie de bestialidade produzida pela intemperança.

Ao cair da tarde tinham saído tanto pela porta dos Cherubins, como pela de Daphné, abertas nos muralhões — tão espessos que um quadriga poderia corre-los pela cumieira, se o não detivessem as entradas baixas das torres escalonadas por elles fora — muitos homens, na sua maioria vestidos sordidamente, e mulheres de olhar languido e ao mesmo tempo profundo, cobertas com mantos escuros, que quasi lhes occultavam as feições, caíndo-lhes da testa sobre as costas, conchegados ao peito pelas mãos nelle cruzadas, e envolvidas nas bastas e miudas pregas da sua roda. Em vez de seguirem a estrada, que procurava a linha do valle, desenvolvendo em commodas inclinações a sua facha de lagedos desbastados, dispersavam-se pelos asperos semedeiros da meia encosta abertos no silvedo, caminhando cautellosos e pouco tranquilllos. Aqui passavam por vergeis em flôr, alem por bouças de loureiros,

ou mattas de cedros amplos, robustos, immoveis como os que sombreavam o Libano, ou atravessavam florestas de altivos e funebres cyprestes, que pareciam columnas irregularmente dispostas num chão safaro e escorregadio. Outras vezes, descendo, atravessavam de pedra em pedra, sobre pontes rusticas, veios d'aguas limpidas, que se despenhavam em saltos espumosos pelas ravinas cavadas nas rochas; subindo depois a alturas, onde descansavam a tomar novo folego. Ahi, olhando atrás e por cima dos merlões da muralha, viam a cidade lá ao longe, orlada pela lista prateada e sinuosa do Oronte, esbatendo-se no ceu afogueado, que fazia pensar no mar, na serra... e no deserto, para alem do mar e da serra. E mais de um imprecava a opulenta cidade, pedindo a Deus que as suas muralhas lhe servissem de sepulcro, arrasada com um novo terremoto!

Ao fim de duas horas de caminho iam-se juntando numa clareira, fechada por espessa balsa de murtas entrelaçadas com as hastes de roseiras silvestres, no sopé d'um rochedo negro, mal coberto de manchas de musgo avermelhado, que se erguia severo, affrontando com aspereza abrupta toda a harmonia serena e voluptuosa d'aquella vegetação luxuriante. Nas superficies mais lisas do arrogante frágão escopros grosseiros, em mãos que sabiam dar caracteristica ao traço e graça ao desenho, tinham gravado monogrammas de Christo, imagens d'animaes, ancoras, arvores ou lettras, outros tantos symbolos da immortalidade da alma, da esperanza de salvação, do Bom Pastor, e até por baixo de alguns desenhos se liam breves inscrições em grego, latim ou syriaco, nas quaes se acclamavam, na paz do Senhor, os nomes dos martyres queridos. Dispersos pelo terreno varios monticulos indicavam sepulturas, nas

quaes o fresco do sitio e o calor do sol primaveral tinham feito desabrochar e florir grande variedade de hervas rasteiras, que lhes lançavam por cima uma alegre e viçosa cobertura funeraria.

Se a ida ao bosque de Daphné, ao local onde se achavam os restos dos martyres das passadas perseguições, fôra um d'esses movimentos instinctivos das multidões, que pa-

tavam-se tristes, incapazes de reacção physica ou moral. Pelo costume das suas reuniões cultuaes dividiram-se em dois grupos. De encontro ao rochedo, na pequena rampa que d'elle descia, os homens, e com elles Romano, que fôra dos ultimos a chegar na companhia do irmão que o tinha acolhido. Na planura, em baixo, as mulheres com as creanças, umas ao collo, procurando seios pequenos e incons-

sistentes, outras crescidas e ruidosas, que em breve dormirão nos regaços maternos.

Longo foi o silencio, até que em tom lamentoso um dos mais velhos, leitor das escripturas, antigo letrado, deixando as costumadas amplificações rethoricas e o floreio das sentenças, em que se exercitara nas escolas de eloquencia, ao acaso das palavras, como quem geme saudades do passado, que cada vez mais se perde na neblina da desesperança, e dirigindo-se de começo a Romano, recordava esses dias de sol nos quaes o bispo Cyrillo e outros que o antecederam iam em procissão áquelle mesmo lugar.

Cercavam-no os padres, diaconos, subdiaconos, diaconisas e outros cleros menores exorcistas, leitores e coveiros. Milhares e milhares de fieis seguiam-no cantando hymnos. Após estes os cathecumenos, que já tinham conquistado o grau d'ouvintes, alegres e piedosamente se juntavam á procissão que, partindo da antiga basilica, saía pela porta de Daphné e se dirigia para alli. Chegados que eram, dispunham as suas merendas sobre as sepulturas, repartindo os abastados com os pobres dos matotes que traziam, e que o

bispo geralmente abençoava. Depois a frescura do ambiente, em seguida a uma caminhada á torreira do sol, banhava todos num ineffavel bem estar, que fazia antever o que seria a vida no Paraiso.

A' maneira que ia falando iam-se todos agrupando ao redor do velho, e elle dirigindo-se á assembléa, continuou:

— E nenhum por certo esqueceu os pagnyricos que o nosso bispo improvisava sobre os sagrados mortos, nem da uncção que descia ao fundo de todas as almas, a que dava extranha intensidade o accordo que intima-



O IMPERADOR DIOCLECIANO

Busto em marmore, guardado no Museu do Vaticano

recem inspirados, mas que são filhos da uniformidade e tenacidade d'uma idéa commum, os christãos, á maneira que iam chegando, olhavam-se reciprocamente, sem saberem que fazer nem que decidir. Chegavam, e nem sequer se saudavam com o costumado beijo fraternal, porque a Igreja commemorava naquelle dia a morte de Jesus, entregue á synagoga pelo beijo de Judas.

Cançados da longa jornada, perturbados pelo espectáculo do arrasamento das egrejas, ao fim d'uma noite de vigilia, preces e lagrimas, extenuados pelo jejum da Paixão, sen-

mente se estabelecia entre o nosso estado d'alma e o perfume que exhalavam aquecidas pelo sol as murtas floridas, os buxos, os loureiros, as romanzeiras, as cevadilhas, as rosas silvestres, os jacinthos carnudos e uma infinidade de flôres sugando côr e aroma nas fendas terrosas dos rochedos ou nas aguas frias dos regatos. Corações e natureza uniam-se na adoração e sentimento do Creador.

Calou-se o velho, mas a assistencia, dominada por tão santas recordações, deixava correr a noite, na tranquillidade das almas para quem o destino é fatal e invencivel.

Tinham sido arrazadas as egrejas; pois, embora penetrados do relento, esperariam alli que raiasse a aurora, e mal o seu clarão doirasse o pincaro dos fragões, e as aves entoassem o seu alegre chilreio matinal, sobre aquellas aras sagradas, que outras tantas eram aquellas sepulturas, entoariam o *Alleluia* em louvor da resurreição de Jesus Salvador.

Tirou Romano de dentro das dobras do manto um pequeno rolo de pergaminho em que estava escripto o evangelho de S. Lucas, e quiz lê-lo. Mas se a claridade do luar era bastante para dar valor aos tons da paisagem, imprimindo a toda ella um sentimento de profundo mysticismo, exacerbado pela oscillação de milhares de pontos luminosos e frios em que a lua transformava a folhagem humedecida pelo relento; se era bastante para fazer distinguir as feições angustiosas dos presentes, não chegava para deixar lêr as pequeninas letras gregas e seus mil pontinhos e assentos em que o evangelho estava escripto.

Por isso, ajuntados cavacos e folhas secas, accenderam uma fogueira, á luz da qual o velho, a quem Romano passou o manuscrito, foi lendo o texto grego, que o diacono traduzia em syriaco e rapidamente commentava.

A toada monotona da leitura, a distensão pacificadora que se ia operando nos espiritos, o começo de bem estar physico fizera com que uma especie de suavissima embriaguez se apoderasse da assembléa christã.

Pela immobilidade flacida do descanso oriental e pelas palpebras cerradas parecia que toda ella adormecera. Mas o leitor e o diacono sabiam que todas as atencões estavam fixadas nas suas palavras, que as ouviam naquelle estado d'espirito beato com que os filhos do oriente se entreteem horas e horas ouvindo historietas. Quando a leitura chegou aos versiculos onde o texto assume uma simplicidade tragica, Romano, tomando o rolo das mãos do leitor, começou de lêr, mas logo em syriaco, com voz quente, colorida, firme, contrastando com a voz monotona e tremula do velho.

Um sentimento de horror e de entusiasmo sacudiu a multidão.

«Era approximadamente a sexta hora, dizia Romano, e d'alli até as nove as trevas cobriram a superficie da terra.

«O sol obscureceu-se, e o véu do templo se rasgou d'alto a baixo.

«E Jesus, exclamando com voz forte, disse: Meu Pae, nas tuas mãos entrego o meu espirito. E, tendo dito isto, expirou.»

Calou-se a voz e echoaram suspiros e gemidos.

E Romano leu mais, com esse tom de tristeza que dá o conhecimento das fraquezas humanas:

«E todo o povo que se tinha reunido para presenciar este espectaculo, vendo o que se passava, saiu d'alli batendo nos peitos.

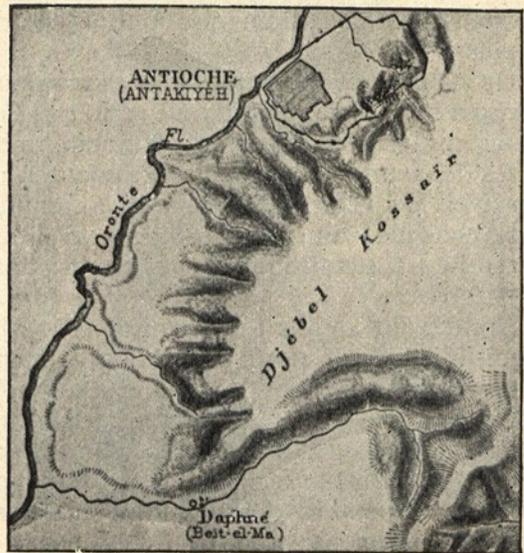
«E todos que o tinham conhecido e as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galilea estavam de longe vendo estas coisas.»

As lagrimas não lhe deixaram continuar a leitura, e no meio do silencio que dominou a selva só se ouvia o estalar da lenha humida que se torcia nas chammass da fogueira.

Repentinamente começaram a distinguir-se passos rapidos quebrando e pisando os ramos e folhas seccas do bosque.

Seria algum retardatario?

Na balsa das murtas fez-se uma abertura e no emmaranhado dos arbustos appareceu um soldado romano, meio envolvido numa



MAPPA DE ANTIOCHIA E DO BOSQUE DE DAPHNÉ

pesada abbola, que quasi lhe escondia a coirã articulada de legionario.

E como se atrás d'elle se seguissem cohortes e legiões convertidas em alcateas d'algozes, todos se ergueram, e um grito unisono

de desafio e santo entusiasmo vibrou no silêncio:

— Viva Jesus!

O soldado, extendendo quasi horizontalmente as mãos desarmadas, clamou com voz potente:

— Viva Jesus! Rei e Senhor nosso!

— Amen! respondeu a multidão em côro.

— Hesico! disse uma mulher, saíndo do grupo e approximando-se do soldado, seguida

d'uma creança, que a elle correu, chamando-lhe pae.

— Que Deus te abençõe e proteja, Barallah, disse o recémchegado, curvando-se para beijar o pequenito.

— Bem inspirada foste em vir, Martha. A ti e aos meus irmãos paz em Christo!

— Paz em Christo, clamaram todos voltando-se em massa para o oriente, e elevando as mãos ao céu estrellado, onde a lua resplandecia com toda a sua formosura!



CAPITULO III — A COMMUNHÃO NO BOSQUE

HESICO era um thracio robusto, cheio, vigoroso de formas. No rosto oval, nos malares salientes, nos olhos pequenos e vivos, no achatamento do nariz e proeminencia do queixo, nos bastos cabellos escuros sentia-se o que quer que fosse do mongolio descido dos Uraes, de ha muito mestiçado com gente de outra raça, de tez alva, olhos claros e cabellos loiros. Começara a sua vida militar nas cohortes auxiliares fronteiriças, e passara depois a ser arregimentado na antiga 10.^a legião, a Fretense, quasi sempre aquartelada em Jerusalem.

As feridas recebidas na ultima guerra contra os persas, na qual Galero recuperou o prestigio compromettido na primeira que commandou, fizeram com que ficasse em Antiochia convalescendo, provisoriamente incorporado nos veteranos, que occupavam a pequena cidadella, num dos contrafortes do Silpius.

De natural concentrado, não esquecendo nunca a sua aldeia, perdida no meio das florestas mysteriosas do baixo Danubio, tinha crises de completo devaneio, alheamentos invenciveis da vida real. A miude os camaradas o chasqueavam, dizendo-lhe:— que tinha aprendido a ser taciturno com os ursos das suas selvas.

Aprazia-lhe descer até a grande Avenida, segui-la, sair pela porta oriental e ir vagar pelos campos, deliciando-se com a athmosfera perfumada dos pomares e jardins, que aspirava a grandes haustos. Ia alem até as margens do Oronte, a caminhar ao arrepio da corrente, á sombra dos platanos, entretenendo-se infantilmente com o trabalho das azenhas, de cujas rodas negras e musgosas saíam, no meio das espumas brancas, pulverizações que o sol doirava.

Junto d'uma d'essas azenhas agrupava-se um pequeno nucleo de casinhas, no meio de jardins fructiferos, onde predominavam os abrunheiros, as macieiras e romanzeiras de flores como purpura viva; e ao redor parrei-

raes d'onde pendiam cachos aloirados protegidos por enormes pampanos. As heras revestiam as paredes d'alto a baixo, chegando quasi a impedir que pelas estreitas janellas lá dentro entrasse a luz.

Numa d'essas casas habitava, por comiseiração do moleiro, dono da azenha, uma orphã que vivia de fiar e tingir lã, com que tecia pannos de listas vermelhas e roxas para uso da gente do povo. Apascentava de manhã, pela fresca, duas cabras, e ajudava a gente do casal, quando havia maior labutação na moenda.

Hesico sentava-se á sombra do parreiral e entretinha-se conversando com a tecedeira. Tinha ella essa figura pequena e franzina, que faz com que as mulheres da sua raça pareçam constantemente creanças, e inspirem, desde que se vêem, um sentimento de meiga piedade. Elle, o forte batalhador, sentia-se attrahido para ella. São d'estes contrastes de força e fraqueza que tantas vezes se origina o amor.

Como todas as syrienses, Martha, que assim se chamava a tecedeira, tinha uma certa finura de espirito, e, como era christã, aproveitou-a para insinuar, e por fim fazer calar na alma do thracio, dominado pelas devoções pagãs, mas alheia a subtilezas metaphysicas, essas verdades simples, claras e consoladoras da doutrina de Jesus, que respondem a grande numero de curiosidades do espirito. A conversão foi-se operando lenta e progressivamente. Deslocavam-se os nomes de muitos deuses para serem substituidos pelo de um só. O espirito maligno mudava de moradia. Se até alli tinha habitado no deus dos christãos, começou a animar os do paganismo.

O sol escondia-se nos areaes da outra margem, e elle, que a considerava uma creança, gostava de passar alli as primeiras horas da noite, em frente d'ella, ouvindo-lhe contar passos da Paixão de Christo, rasgos de coragem dos martyres. Depois, á luz serena e

branda da lampada de azeite, quando ella fitava nelle o seu olhar vago, que vinha lá do fundo do véu que lhe velava o rosto, quando, juntamente com innocentes languidezas amorosas, lhe mostrava que o supremo goso na vida seria a consagração que a todos os actos d'ella dá o christianismo, Hesico sentia-se dominado, não tinha nem sabia que responder. No enlevo em que vivia a saude foi-se-lhe robustecendo, e via que em breve teria de voltar á fileira.

Então acabrunhava-o a idéa de nunca mais vêr Martha, e um dia propoz-lhe em poucas palavras que o acompanhasse.

— Tua mulher, seguir-te-hei onde fôres; serei como a noiva dos Cantares. Sabes?

— Não sei, respondeu elle.

— Aquella que é como a rosa de Grarad, e o junquillo do valle. E tu serás para mim como a macieira entre as arvores da floresta, o bem amado entre todos os homens. Desejo a tua sombra, a ella me acolherei.

E calou-se.

— Dize mais...

— E' uma historia tão bonita...

— Conta.

E ao ruido monotono da roda da azenha, ao som do chapinhar da agua, e ao arrastar abafado das mós, ella continuou dizendo-lhe versiculos do Cantico dos Canticos.

— Eis que o inverno já passou, dizia ella com um sorriso fino e quente, a chuva já não cae. As flores apparecem sobre a terra; volveu o tempo das canções, e a voz das rolas já foi ouvida em nossos campos.

— São esses os canticos da tua religião?

— E ainda os ha mais formosos.

— Dize! Dize! Tudo que tu me contas me parece mais penetrante do que o hymno a Nemesis, ou o canto glorificador de Helios.

— Ouve. Põe-me como um sello no teu coração; como um sello no teu braço. O amor é forte como a morte, e o ciume cruel como o sepulcro; os seus amplexos são como brasas de fogo, e chammas vehementes. Nem todas as aguas seriam capazes de o extinguir, nem os rios afo-ga-lo; quem quer que dê todos os bens da sua casa por este amor, por certo o tem em nenhuma conta. E a sua voz tinha caricias e ternura; mas não tinha concupiscencia, embora tivesse seducção.

Hesico inebriado, nem sequer disse uma unica palavra de despedida. Saiu e foi andando pela margem do rio. Quando chegou á bifurcação onde se forma a ilha em que se ergue o palacio real, os mil vidros coloridos e illuminados das suas janellas trouxeram-lhe á lembrança que a mulher de Diocleciano, o imperador, era christã; christã Valeria, sua filha, mulher de Galero.

No palacio dos imperadores grande numero de officiaes e altos cargos palatinos, quasi todos os eunuchos cubicularios se dizia serem christãos. Verdade é que Galero Cesar e o Augusto Maximiano Hercules eram inimigos figadaes do christianismo. Mas pouco importava. Estava decidido.



UM LEGIONARIO ROMANO

Dias depois o bispo recebeu-o como neophyto. E numa manhã, ao nascer do sol, sem o intermedio de permuta, cortejo de parentes e alvoroço de comitiva, os dois encontravam-se á porta da basilica apostlica. Já os esperava o padre, acompanhado de dois

acolytos, formando as diaconisas o fundo do grupo sacerdotal. Hesico e Martha declararam que se recebiam por marido e mulher. O soldado, tirando do dedo o anel d'ouro, que desde o tempo de Septimo Severo os infantes podiam usar á maneira dos cavalleiros, enfiou-o no anelar da mão esquerda de Martha, nesse dedo d'onde, segundo a tradição egypcia, parte um delgadissimo nervo, que vae direito ao coração. Abençoados e despedidos pelo presbytero, este recomendou a Martha, cujos olhos despediam um brilho afogueado do fundo do seu véu, que se tinha conquistado um homem para si, era justo que partilhasse a conquista com Deus.

Obrigado a voltar á fileira, Hesico foi para Jerusalem, e Martha, sempre submissa ao marido, verdadeira esposa christã, docemente risonha, constante allivio ás tribulações, acompanhou-o e foi para elle uma insinuante professora de doutrina; tanto mais assidua, quanto mais intima era a vida em commum, permittida aos legionarios.

Raras vezes os diaconos teriam tido um cathecumeno que fosse mais assiduo como ouvinte, do que este soldado de cem carnificinas. Se ouvia o ensino da boca da mulher amada! De maneira que quando foi admitido como genuflexante, já levava sabidas todas as orações que Martha lhe repetia, tendo o cuidado de nunca lhe ter ensinado o *Padre Nosso* nem o *Credo*, que só lh'os recitou depois que foi considerado *competente*, e poucos dias antes do baptismo que recebeu, como era de uso, num sabbado santo.

Entretanto tinha-lhes nascido um filho, a que puzeram o nome de Barallah, que quer dizer: *Filho de Deus*.

A vinda de Galero para Antiochia tinha determinado a mobilização da legião. Hesico voltara e fizera parte da gente armada que tinha expulsado os christãos da basilica apostolica.

Quando a luz da fogueira de todo o illuminou, Romano reconheceu-o como tal, e, antes que elle dissesse mais palavra, apostrophou-o.

— Não eras tu dos que esta madrugada nos expulsaram?

— Era. Soldado marchei ás ordens dos meus chefes.

— Soldado de Cesar para perseguir os filhos de Christo, não pode ser.

— Pois não o será mais. Nas fileiras havia liberdade de crença; mas hoje, que o Augusto a não tolera, deixarei de o servir.

— Vaes desertar?

— Não. Vou declarar que sou christão.

— Mas isso é o martyrio.

— Pouco me importa. Mas quero dizer o que aqui me trouxe. No meio da confusão do assalto approximei-me do sacrario e d'elle tirei e escondi nas pregas do meu manto a pomba eucharistica, e aqui vo-la trago para consolação de todos.

— Tens razão, disse Romano. Convem que nos confortemos com o pão dos anjos. O dia que vae raiar é o da Alleluia na christandade, embora de lucto para nós.

Um santo terror de Deus alli presente em corpo real, nas mãos d'aquelle soldado, opprimiu todas as almas, e a pomba de prata, batida das chammas, dava a visão biblica d'um raio de fogo saíndo da sarça ardente.

Romano então, tomou o véu da cabeça de Martha, que extendeu numa das sepulturas, sobre elle collocou a pixede, ajoelhando e adorando-a. E voltando-se para o grupo disse em voz alta:

— Se estão presentes cathecumenos: *It missa est*.

Uns quatro ou cinco homens retiraram-se para alem das balsas.

Assim que os cathecumenos se afastaram, Romano recitou uma oração em acção de graças, que todos repetiram, e fraccionando o pão, que tirara do vaso sagrado, ergueu o braço direito segurando a particula entre dois dedos, e disse:

— As cousas santas para os santos.

E logo resou na clareira, em unisono severo, lento, compassado, o trisagio: «Um Santo! Um Senhor Jesu-Christo na gloria de Deus Pae: Abençoado por todos os seculos. Amen!»

Depois cruzando o braço direito sobre o esquerdo encostado ao peito, commungou com a compunção e recolhimento da creatura que sabe que em si recebe o corpo real do seu Creador.

Outros homens se seguiram na communhão, cantando o coro:

«Faze-me justiça, ó Senhor Deus, e sustem a minha causa contra a nação cruel. Livra-me, Senhor, do homem enganador e feroz!»

Nem todos puderam ser contemplados, por mais pequenas a que foram reduzidas as fracções; mas todos se sentiram retemperados.

Voltaram os cathecumenos, accenderam-se novas fogueiras, que a humidade e o frio da alta noite tornavam appeteciveis e consoladoras. A' roda de umas os homens, á de outras as mulheres, reunindo-se as mães em grupo separado, com as creanças adormecidas; pequeninos cherubins na formosura, que sendo caracteristica da raça na puerilidade, se esvae e desaparece com esta.

Ninguém dormia, a não ser ellas. A tensão nervosa suscitava a insomnia.

Romano ficara isolado, de pé, encostado a um fragão, que rasgava o terreno verde, com o seu cabeça arido, e em linguagem eloquente, breve, precisa, como quem desabafa, começou de fazer uma narrativa da perseguição que se estava desencadeando.

— A vida dos christãos, dizia elle, pode comparar-se ao mar agitado até o fundo dos abysmos, arrojando contra a praia as suas ondas irritadas. A tormenta da iniquidade fustiga com a violencia das suas vagas o baixel da religião, no qual já se vêem mortos muitos dos pilotos, e submergidos um grande numero de tripulantes. Por toda a parte o terror e os naufragios. Os editos do imperador tornaram a procella mais terrivel. Os tyrannos vomitaram sobre nós a sua raiva. Os magistrados, nos seus tribunaes, só sabem pronunciar sentenças de morte. Os legisladores publicam as mais horrendas ameaças. Os juizes affirmam e ordenam que se deve renunciar a Jesu-Christo. Arrastam-se os homens aos sacrificios dos demonios; constrangem-se as mulheres a approximarem-se dos altares abominaveis e a seguirem as mais abominaveis superstições. Os bispos foram impellidos a fugir, e os fieis expulsos de suas egrejas.

O calor de suas palavras era por tal forma communicativo, que aquella turba, tanto tempo pusilanime, onde muitos eram *lassi* e bastantes *libellaticos*, se sentia vibrar na mais energica disposição do martyrio, por mais cruel que se lhe apresentasse.

Foi então que se ouviu a potente e forte voz do soldado, procurando um reverso ao quadro, para exacerbar o enthusiasmo que o diacono accendera com as suas palavras.

— Emquanto, como ouviram, por todas as terras do imperio os fieis são tratados como animaes damninhos ou feras perigosas; por este bosque em que estamos, nas vertentes das collinas, no alto dos montes e no mais fundo dos valles, juntamente com as habitações orgiacas, com as moradias da devassidão e vivendas do goso impuro e sensual dos ricos, o diabo tem erguido os seus altares, na figura dos deuses, e principalmente na de Apollo, que vive num templo que quasi sobrepassa o de Jupiter em riqueza e magnificencia. Outros diabos chamados Iris, Demeter, Cybelle e tantos mais teem culto, sacerdotes, sacrificadores, guardas, necoros, e uma infinita multidão de escravos.

Era bella aquella figura aspera de soldado, a quem as chammas da fogueira illuminavam

de chapa, parecendo envolve-lo numa aureola de fogo; coruscante o olhar, e encontrando, no seu odio de crente, palavras de dominadora eloquencia.

— Já vi, continuava elle, já queimei incenso, já libei em honra d'esse Apollo adrede feito para enfeitiçar as almas. A nada de humano se pode comparar a doçura da sua physionomia; e só o diabo podia dar artes para que o marmore fosse trabalhado por tal forma, a parecer a pelle delicada cobrindo uma carne rija e palpitante. Cinge a cintura com uma facha que sustenta as mil pregas da sua tunica de ouro, caíndo umas direitas, e arregaçando-se outras em curva da mais graciosa linha grega. De todo elle irradia um encanto que acalmaria o mais violento. Parece até que se ouvem as palavras do suavissimo canto que entoava, e que aos nossos ouvidos chegam os accordes da lyra com que se acompanha, fitos os olhos no céu, como se de lá lhe viesse a inspiração para as palavras e a arte aos dedos.

O fundo sensual da raça, a assimilação, embora inconsciente, das intenções da arte grega determinava uma emoção *sympathica* na alma de toda aquella gente, mal esquecida ainda das lendas pagãs, ao ouvir a descripção do deus, a que era consagrado o bosque.

Mal esperava ella, no momento em que se mergulhava em beatitude artistica, que a voz do legionario de novo se erguesse, mas turva, aspera, imperiosa, e arrancando da espada, que fez chispar no espaço á luz da fogueira, clamasse:

— Pois é esse deus infernal que devemos ir derribar da sua ara; arrazando depois o templo maldito, como foram arrazados os nossos; e sobre as ruinas das suas columnas quebradas e em monte commemorar a resurreição de Christo, Senhor Nosso.

É todos, possessos de enthusiasmo, ergueram os cajados gritando:

— Ao templo d' Apollo.

Então, inconscientes, loucos, impulsionados pela eloquencia dominadora de Hesico, que simultaneamente soubera falar aos instinctos de raça e aos sentimentos christãos, as mulheres tomando umas as creanças ao collo, impellido outras as maiorzinhas estremunhadas e vacillantes para a frente, os homens erguendo os bordões, precipitaram-se para a estrada longa. E, sem se lembrarem que não tinham para o ataque senão aquelles cajados, partiram tão resolutos como se fossem brandindo armas invenciveis, clamando e gritando, tomados da possessão divina:

Viva Jesus! Viva Christo!



UMA SCENA DE PESCA



NO PATEO — À HORA DA SESTA

De Mogador a Marrocos

Marrocos consegue despertar uma viva curiosidade investigadora para o europeu politico no conflicto dos interesses internacionaes e para o «dilettanti» de sensações raras no estudo de costumes extranhos. Estado ainda fechado ao convívio da civilização europea, impenetravel quasi, mysterioso na sua immobilidade historica, convida o viajante a ousar o incommodo da aventura, para obter compensação na surprcza da paisagem, na impressão d'aquella vida peculiar que tem inspirado, em deliciosas descrições, a penna suggestiva de Amicis e de Lotti. N'este momento, diferentes incidentes que na sua insistencia, talvez exaggerada propositalmente, denunciam mal definidos intentos, tornam opportunas as seguintes curtas notas de viagem de artista em busca de motivos para composições impressionistas.

O VERDADEIRO Marrocos não se encontra em Tanger, porto aberto e acessível aos europeus, onde o telegrapho e o telephone entretecem a rêde dos seus fios conductores de energia electrica e de progresso.

Quem quizer vêr a sobrevivencia do orientalismo potente nas suas feições essenciaes precisa visitar o sul; porque n'aquelle districto que está situado entre Mogador e a cidade de Marrocos, não penetrou ainda o espirito do modernismo. O visitante sente-se transportado aos tempos dos patriarchas, e difficilmente se convence que aquelle paiz, cujos principaes caracteristicos são o atrazo

e a barbaria, confine com a civilização europêa.

De Londres a Mogador gastam-se dez dias de viagem pelos vapores ordinarios. Mas não é facil poder conseguir-se vêr a cidade, e menos facil ainda effectuar o desembarque. Mogador que é por assim dizer o porto de Marrakesh, capital, não offerece um salvo conducto para embarcações se o mar se convulsiona em caprichosa sanha — o que succedeu á minha chegada. Uma forçada visita a Las Palmas foi a consequencia immediatamente derivada — uma visita, comtudo, que não deixou de ter as suas compensações. A viagem de volta a Mogador foi seguida de

mais feliz resultado, e consegui afinal pôr pé em solo marroquino.

Mogador, murada toda em roda, escurecida por estreitas ruas, e alegrada por amplas praças é uma typica cidade marroquina. Ella tem o distinctivo usual dos bairros — o *mellah* dos judeus; a povoação propriamente mahometana, e o mercado dos crentes e dos inseparaveis cães descrentes. Mammon é um poderoso nivelador de castas e de crenças. O digno mouro, o arreganhado preto, o velhaco judeu, aqui e em toda a parte supremo em negocios, formam um interessante estudo de ethnologia, emquanto que os camellos, os burros e mulas, completam quadros de variegadas vida e côr.

A velha Mogador, outr'ora residencia de regalo, mas agora a villa deserta de Deabat está na visinhança da moderna cidade. Ao pé d'ella estão as ruinas do palacio do sultão, perto das quaes se vêem os restos do que se diz ter sido um forte portuguez. A pequena distancia para baixo de Deabat, está a Casa da Palmeira, onde fixei residencia. Era um verdadeiro oasis no deserto. O largo exterior, e entrando o pateo interior rodeado por uma ar-

caria brincada com uma fonte no centro, e os quartos em volta do pateo, são todos distinctamente mouriscos nos seus caracteres. Do telhado em terraço gosa-se d'uma magnifica vista, que abraça o cume das montanhas do Atlas, coberto de neve. A casa é cercada de jardins, onde se abrem as perfumadas flôres da giesta, e estendendo-se por milhas, terra a dentro, ha uma floresta de arvores de argan.

Quanto mais via Mogador tanto mais impressionado ficava com a sua belleza. Olhando para ella a distancia, tendo Deabat na frente, nada mais similhantemente parecido a uma perola de oriente notavel encastoadada em saphira; a brancura das construcções e o azul intenso do mar suggestionava-me a comparação. O nome arabico da cidade é *Suerah* significando a bella ou pittoresca cidade, e a expressão n'este caso não é mero symbolo da exaggeração oriental.

Durante a minha estada na costa fui iniciado nos mysterios da caça aos javalis, que é o divertimento predilecto dos europeus re-

sidentes em Mogador. A minha primeira caçada ao javali teve o encanto da novidade, e ainda o maior encanto do successo fortunoso, porque matámos a nossa presa duas horas depois da partida. Experiencias subsequentes mostraram-me comtudo, que os javalis marroquinos não são sempre tão accomodatícios. Elle possui uma facilidade admiravel de se collocar fóra de caminho, justamente quando a sua presença é mais desejada. Os mouros entram em cheio no *sport*; todavia limitam-se ao papel de seguir a pista, e fazem-o com proficiencia.

Além da caçada aos javalis, Mogador fornece uma outra variedade de incidentes excitantes para quem os procura. E por acaso apparecem tambem frequentemente. O guia mourisco é um milagre de teimosia. Teima em fazer e faz o caminho mais longo, po-

dendo cortar pelo mais curto. Escolhe os mais difficeis e cheios de precipicios; e experimenta, até o extremo, a paciencia e as forças do viajante. Diverte-se positivamente em conduzir-o á borda de alcantilados despenhadeiros, desprezando as veredas trilhadas e conhecidas, e considerando uma obrigação

levar aquelle que o emprega por onde crescem e se emmaranham os abrolhos.

Se acontece que a mula, que na verdade e em regra é firme, e na qual elle tem illimitada confiança, escorrega, o viajante é levado para a eternidade, cahindo d'um rochedo alto e escarpado. Felizmente raras vezes as mulas desmentem a sua tradicional reputação de seguras e firmes, o que já não succede aos seus primitivos e complicados jaezes.

Quando, como necessariamente se dá a cada passo e por qualquer circumstancia um empuxão os desarranja, o remedio é muito simples. Um bocado de barbante põe o caso a direito — isto e nada mais. Os bocados de barbante multiplicam-se tão rapidamente, que ninguem se poderá admirar, de que haja um importante pedido de cordas de dois fios em Marrocos.

Os mouros «os guias dos campos», como classe são dignos de confiança, mas ha occasiões, em que se torna necessario fazer-lhes reconhecer os devidos direitos de propriedade.



MOGADOR — EPISODIO DE UMA RUA

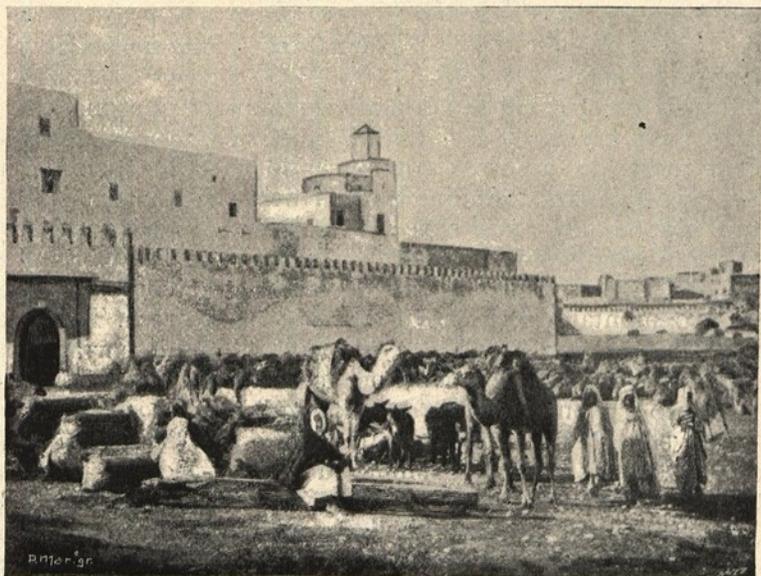
N'uma manhã, quando acampava a algumas milhas de Mogador, a minha espingarda desapareceu de um modo mysterioso. O meu criado de confiança Omar maliciosamente desconfiou de quem era o culpado, mas não tinha provas directas. Offereceu ao supposto ladrão uma somma de dinheiro para descobrir a espingarda, mas elle protestou nada saber a tal respeito. O offerecimento de maior somma avivou-lhe a intelligencia e alguns minutos mais tarde a arma foi encontrada. Omar, á vista d'isto, pediu-lhe a reentrega da somma. A resposta foi o brilho de uma faca, que n'outra occasião teria ficado enterrada entre as costellas do pobre Omar, se eu não tivesse intervindo a tempo. O culpado breve ficou atemorizado, e o negocio finalizou n'um impetuoso palavriado de pedidos de perdão e misericordia, que alcançou. O ladrão teria rasão de amaldiçoar o dia em que vira a detestavel espingarda se tivesse sido entregue ás ternuras da lei marroquina.

Tive ensejo de assistir em Mogador a um casamento judeu cujas formalidades são originaes. Realisou-se á noite. A noiva vestida de setim branco e recamada de bellas joias era acompanhada de uma procissão de musicos e de porta-lanternas que a precediam; e assim conduzida pela mão, porque conservava os olhos vendados até ao fim da cerimonia, seguia para a casa do noivo. Alli foi recebida por este, que estava esmerada e ricamente vestido em trajas tradicionaes. Ella foi então levada para uma cadeira posta sobre um estrado elevado, especie de mesa. Tres rabbis apregoaram o contracto do casamento e annunciaram a fortuna dos noivos, que era bem avultada. Encheu-se um copo de vinho e o noivo apresentou-o aos labios da noiva para beber. Depois encheu-se de vinho um copo maior que o noivo atirou para dentro de uma taça de bronze, quebrando-se. E' signal de felicidade se o copo se quebra á primeira pancada, emquanto que no caso contrario se considera o infeliz par submettido á ruina fatal de bens terrestres.

Afinal chegára o momento de partir para Marrakesh ou a cidade de Marrocos, objectivo da minha viagem. Munido de cartas de apresentação, acompanhado de quatro criados, quatro mulas e um camello, puz-me a caminho. Um

dos meus criados era soldado mouro, que o governador me concedeu como guarda protector, pago á minha custa, é claro. Cheguei a Marrakesh sem a occorrença de incidentes notaveis, mas apoz uma viagem cheia de interesse artistico.

A vista é soberba em muitas passagens. Por toda a parte o olhar se encanta com a mais diversa paizagem, rica de aspectos caracteristicos, e de colorido magnificante. A vegetação é luxuriante: as palmeiras, o argan, as figueiras, as ameixoeiras, as oliveiras, abundam, emquanto que innumeradas e lindas flôres silvestres atapetam o terreno. As formosas aldeias, algumas das quaes como que empoleiradas nos affloramentos dos rochedos nas montanhas, e as casas santas de piedosos devotos dão um animado interesse aos prodigiosos dons da Natureza. N'uma das aldeias — Maramer, que tem um importante mercado, recebi pela primeira vez a hospedagem de um mouro. O Kaid convidou-me para a sua casa e poz dois quartos á minha disposição, um para mim e outro para os meus homens. As barracas ou lojas do mercado são de genero primitivo. Os tres lados são construidos de pedra solta, com a frente aberta, e os tectos são de tijollo assentos sobre ramos de arvores. Nas mais pequenas aldeias que visitei, as moradias são cobertas de colmo, cabanas de feitio conico, e n'alguns casos o nobre mouro faz a alteração de a cobrir de lona, levantada sobre páus, circumdando-a



MARROCOS — PORTA DOS LEÕES

de uma defeza de plantas espinhosas. Maramer é uma aldeia mais ou menos em ruinas — e de nomeada pelos acontecimentos que se dêram n'uma das ultimas rebelliões em Marro-

cos. Passando pelo acampamento do governador de uma das provincias, que estava em caminho para a côrte em Marrakesh, vi uma esplendida exhibição do «jogo da polvora». Uns dez mouros vestidos de longas e largas roupagens, e montados em cavallos vistosamente ajaezados, estavam promptos para o exercicio. A um dado signal os cavalleiros levantavam ao ar as compridas espingardas e partiam a trote, augmentando gradualmente o passo até attingir o galope desfechado. Depois voltavam separadamente; cada homem semelhante a uma massa de neve, apontava a arma, a um objecto imaginario e toda a tropa disparava a um tempo. Isto repetiu-se diversas vezes. A intervallos, quando me ia distanciando do logar, continuei a ouvir descargas sobre descargas. «O exercicio do tiro» é o divertimento nacional do mouro militar.

Cheguei á cidade de Marrocos oito dias depois de ter partido de Mogador. Recebi o melhor acolhimento do tio do sultão, que muito affavel e obsequioso pôz á minha disposição como guarda um soldado fardado. Alli encontrei o meu compatriota, Kaid Maclean, que é um exemplo bem concludente da facul-



MARROCOS — PALACIO DO SULTÃO

dade do escocez em se adaptar, a qualquer meio, por diverso ou extranho que seja. Tem merecido a maior confiança do sultão, sendo para admirar a influencia de que dispõe nos negocios do paiz, não obstante estrangeiro e christão. Apesar da sua prolongada residencia em Marrocos, ainda é o montanhez da nevoada Escocia. A primeira vez que jantei com elle, deu-me a agradável surpresa de ouvir, tocadas no instrumento nacional, especie de gaita de folles, as suaves e caracteristicas composições escocezas, todas repassadas d'uma funda tristeza.

Kaid Maclean possui uma linda casa, cercada de grandes jardins que confinam com os do sultão.

Marrakesh é uma cidade animada e brilhante. Nas ruas circula sempre multidão interessante, e os mercados são vivamente orientaes nos seus costumes. A grande mesquita e o palacio do sultão, são as construcções mais notaveis da cidade, mas esta con-

tem outros modelos curiosos da architectura arabe.

Tive occasião de vêr Marrakesh *en fête*, pela visita do embaixador francez. Fóra das portas da cidade 5.000 soldados das tropas do sultão guarneciam a estrada no cumprimento de uma milha. Estavam com uniforme de gala, cujas cores vivas e variegadas brilhavam ao sol. Em quanto esperavam pelo hospede de seu amo divertiam-se com o «jogo da polvora». Foi grande o descontentamento quando se annunciou que o embaixador tinha decidido não entrar na cidade, e as tropas tiveram de voltar para os aquartelamentos habituaes. Parece que o embaixador se sentira de não ser visitado a tempo e de não ter recebido as felicitações de chegada. Comtudo, as difficuldades foram superadas, e o desesperado emissario francez benevolmente se permittiu entrar na cidade á noite.

Dias depois consegui voltar para Mogador por differente caminho, sendo meu empenho vêr mais de perto as montanhas do Atlas, que só admirara a distancia. Depois de ter andado tres horas a cavallo cheguei á aldeia de Tamslóhat, onde fui obsequiosamente hospedado por um mouro rico,

que me tinha acompanhado desde Marrocos. Offereceu-me á chegada chá e bollos, pelo dia adeante *lunch* e mais tarde jantar em casa d'elle. Oh! Deus! Que comidas aquellas! Agachados em volta d'uma pequena meza redonda, empregavamos para comer as facas e garfos fornecidos pela natureza. Traziam-nos pratos sobre pratos, com desgarrada pressa, a que eu por cumprimento forçado ia fazendo o acolhimento possivel; mas depois d'aquelle jantar nunca mais pude supportar o mel, e comtudo envergonho-me de ser um guloso. Depois de cada prato traziam uma bacia de agua perfumada e ao mesmo tempo eramos burrifados de essencias. A final queimaram cedro ou outras madeiras odoriferas para deliciar o olfato. Depois do jantar seguiu-se o chá, e o meu hospedeiro mandou chamar musicos que cantaram canções acompanhadas por um tambor em fórma de vaso.

O tecto da casa de jantar era em madeira muito bem trabalhada e artisticamente deco-

rada, porém as paredes brancas. Em geral não tem decoração mural as casas marroquinas.

A aldeia de Amsmiz que visitei em seguida está pittorescamente situada na espalda d'um monte do Atlas, coberto de neve, tendo na frente o grande pico de Tezah. O governador forneceu-me de jantar e nova guarda de sete soldados. Na praça do mercado eu era olhado com curiosidade, porque provavelmente muitos d'aquelles camponezes nunca tinham visto um

christão. Os meus soldados, sinto dizel-o, deram-me serios incommodos, teimando em cantar as monotonas cantigas do seu paiz e em gritar álferta toda a noite, não me deixando adormecer. Naturalmente assim procederam pela grande força do dever, por isso lhes perdoei.

Nunca me esquecerei da impressão que soffreu o meu espirito na minha jornada pelas montanhas do Atlas. Fui um dos poucos europeus que tem viajado por aquelles caminhos. Com uma só excepção, fui o mais hospitaleiramente recebido pelos Kuids das differentes aldêas por onde passei. Ter-me-hiam matado com amabilidades, se a minha capacidade gastronomicã fosse menos apropriada e resistente ás circumstancias. Reclinadas sobre os contrafortes das montanhas, isoladas longe da vida e do movimento, as aldêas do sul de Marrocos parecem adormecidas nos braços protectores da Natureza, prodiga de aspectos deliciosos.

Desconhecendo o que se passa pelo mundo, sem os complicados mecanismos da vida social, sem as suas artes e sciencias, descuidados, se não ignorantes, das intrigas chronicas e dos segredos politicos do seu proprio paiz, estes simples camponezes vivem concentrados, nas suas casas da montanha, comprando e vendendo, casando e tendo filhos sem a lembrança dos seus menos afortunados compatriotas das planicies. Talvez que, analysando mais de perto as condições da vida d'elles, se desvaneça esta pintura idyllica. Os affaveis Kuids que me prodigalisaram

tantos favores, poderão ter sido uns verdadeiros Barbazues para o seu povo, mas vistas de fóra as aldêas das montanhas parecem ser habitações de tranquillidade e cheias de



MARROCOS — ARREDORES

socego. D'uma cousa pôsso comtudo falar com confiança, é do panorama. Elevadas montanhas e sorridentes valles, assombreados rios, sorridentes ribeiros; rosas e arbustos varios, crescendo n'uma tal profusão nas veredas estreitas que se entrelaçam, formando como uma abobada sobre a cabeça dos viajantes, e envolvendo n'um abraço a admiravel atmosphera de Marrocos, cujos effeitos de luz e de côr são ao mesmo tempo a alegria e o desespero do artista pintor. Na verdade a Natureza, em parte alguma foi mais generosa nos seus dons do que n'esta resplandecente terra de belleza, plena de contrastes, de mysterios e de encantos.

A viagem de volta para Mogador levou nove dias; e, se me tivessem permittido as circumstancias, de bôa vontade a prolongaria a nove semanas. Quem sabe se na minha seguinte visita, terá já havido a inevitavel divisão do imperio marroquino. Não é facil dizel-o; mas as indicações actuaes deixam antever-lhe uma probabilidade proxima.

Tal é a opinião do viajante inglez que é um distincto pintor da Academia Real; e da sua narrativa transparece a influencia intensa que a Inglaterra mantem e desenvolve no velho imperio, immobilizado em frente da civilisação e governado por um rapaz de vinte annos, successor de seu pae e representante d'uma dynastia celebre, «grão sherif, eleito de Deus, sultão de Marrocos e de Fez, rei de Talifet e de Sous».

Esta dynastia de Talifet foi fundada nos principios do seculo xvii por um santo va-

rão, habitante d'aquelle formoso oasis, e que possuía, segundo se conta, o condão milagroso de fazer com que os campos déssem duas colheitas e as palmeiras dupla fructificação. Sua magestade sherifiana pertence a uma raça em que os crimes e as tragedias do harem tem feito numerosas victimas. Muley, seu pae, morreu de mal das entranhas causado por um philtro d'amor que lhe deu a beber uma das suas mulheres. O anterior imperador morrera afogado, o precedente envenenado, segundo se affirma.

Ainda uma curiosa fôrma de etiqueta d'este caracteristico paiz. O sultão Muley costumava receber a cavallo, em plena praça, em audiencia solemne, os embaixadores europeus.

Um dia, o embaixador hespanhol perguntou-lhe porque é aquelle extranho costume e descreveu-lhe a fôrma de recepção dos monarchas christãos. O imperador marroquino observou-lhe em altiva resposta: — O meu throno é o meu cavallo; o meu baldaquino a aboboda do céu.



O AMOR INSPIRA A ARTE — QUADRO DE P. THUMANN

UMA CASA MYSTERIOSA

Comunicação de Madame Tschopp, de Rheinfelden, Aargau, Suíça, d'uma extranha aventura, succedida n'uma casa que a tradição popular considerava visitada por phantasmas. Todos conhecemos habitações condemnadas ao abandono pela fama de serem abrigo de almas penadas, ou séde de mysteriosos phenomenos sobre os quaes a moderna investigação scientifica tem feito curioso inquerito. A narrativa de Madame Tschopp restringe-se ao facto, singelamente, sem pretender encontrar-lhe explicação, contado apenas com os elementos que a sua memoria conservou.

QUANDO meu marido foi nomeado reitor d'um collegio de Schinznach, tivemos grande difficuldade em encontrar casa. Schinznach é uma pequena aldeia, ao norte da Suíça, muito notavel e importante pelos seus vinhedos e pelos seus campos de trigo.

Todas as casas ou mesmo cabanas estavam occupadas pelos lavradores, com suas mulheres e filhos. Debalde procurámos uma residencia qualquer, ainda que de janellas sem vidros ou com um jardim abandonado que nos dêsse a ventura de viver sem outros inquilinos. Lastimámos-nos do caso ao parochio da aldeia.

— Não haverá absolutamente uma casa, ou mesmo um pardieiro, onde nos possámos abrigar ?

O bom homem olhou para nós attentamente condoído e accrescentou :

— Então a hospedaria . . .

— Mas é isso que desejamos evitar.

— Então vae haver a casa nova, que estará acabada em quinze dias.

— Receamos ir habital-a desde logo ; casas novas são sempre humidas ; são prejudiciaes á saude. Não haverá outra cousa ? Pittoresca, ainda que antiga ?

— Não . . . Quero dizer, sim ! respondeu pou-sadamente como quem reflecte ; e em seguida interrogou-me com vivo interesse : — Acaso é supersticiosa ?

Sorri-me da pergunta, e affirmei-lhe logo :

— Não sou ; absolutamente nada. Nem creio que possa haver alguém que seja supersticioso n'esta aldeia tão risonha.

— Venham então ; vou-lhes mostrar uma pequena vivenda, como desejam, pittoresca, commoda e antiga, que tem estado ha muito deshabitada.

Encaminhou-nos por uma rua estreita, e entrando n'um jardim, apontou-nos a alludida vivenda. Senti uma impressão deliciosa ao vêr o aspecto d'aquelle quadrinho de belleza rustica. Não foi tanto pela visão das plantas floridas que cresciam em silvestre profusão, nem tão pouco pelo panorama, comquanto as montanhas, ao longe, cobertas de neve, produzissem effeito encantador. Mas o que me attraheu desde logo foi a sensação de paz e de simplicidade que d'alli irradiava ; e com o entusiasmo de uma rapariga de escola, voltei-me para o nosso guia e declarei-lhe que me agradava e devia servir. Tinha cinco divisões que se communicavam, forradas e pintadas de novo ; encantadoras. Quando abri as janellas aspirei um ar embalsamado pelo perfume das flôres e os passarinhos nas arvores pareciam glorificar em seus chalreios a vida selvagem, mas livre. Eu estava encantada com o achado.

— Mas onde está a cosinha ?

perguntou meu marido que tem o espirito mais pratico e menos poetico do que o meu.

— Bem, disse o pastor d'almas, aconselho-vos a transformar um d'estes quartos em cosinha.

— E lá em baixo ?

— É melhor não pensar no pavimento inferior. Considero-o inhabitavel !

Era uma contrariedade ; mas não fiquei desanimada.

— Então deixaremos de parte o outro pavimento, e entraremos n'esta linda e mysteriosa casinha tão depressa nos cheguem de Bâle os nossos moveis.

Elle ainda accrescentou que não nol-a recommendava, e que não ficava responsavel



MADAME TSCHOPP

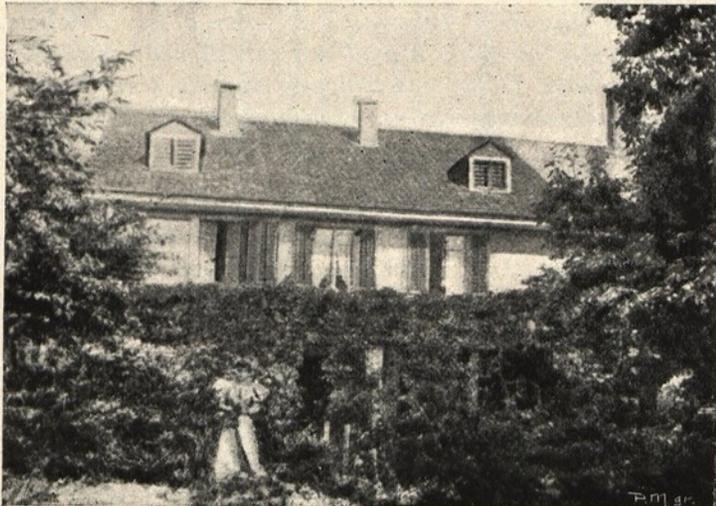
por esta simples indicação, e depois deixou-nos.

— Graças a Deus que se foi embora, disse eu. Nunca vi ninguém mais desanimador e mais proprio para arrefecer o entusiasmo dos outros.

— Todavia, accrescentou meu marido, deve haver algum motivo para aquella reserva.

— E os motivos baseam-se sem duvida lá em baixo; vamos vêr o que ha lá?

Para nosso maior espanto, o pavimento in-



A CASA MYSTERIOSA

ferior consistia apenas n'um grande quarto escuro. Illuminavam-o escassamente duas frestas altas que faziam lembrar as pequenas vigias dos navios. O quarto cheirava fortemente a bafio.

Corri tudo em busca d'um fogão ou de algum armario. Nem uma nem outra cousa; sómente nas paredes viam-se escriptas algumas linhas, mas tão mal que nem eu nem meu marido podemos decifrar-lhes a significação.

— É um quarto inutil. Semelha uma prisão. E emquanto dava a volta á chave decidi fazer d'elle o menor uso possivel.

Afinal, estabelecemos-nos confortavelmente, e não fômos incommodados por almas d'outro mundo, nem por phantasmas, nem mesmo por outros mais formidaveis inimigos, a poeira e a humidade. Viviamos felizes e saudavelmente na nossa bonita casinha, e em pouco tempo tinhamos-nos esquecido da existencia do insalubre quarto lá de baixo. Comtudo estava escripto que teria de me lembrar d'elle desagradavelmente.

Um anno depois de estarmos em Schinznach, meu marido teve de se ausentar em virtude d'uns negocios que tinha de tratar no cantão de Appenzell. Como a sua ausencia era temporaria, resolvi ficar só na mesma casa. Comtudo depois da sahida de meu marido

apossou-se do meu espirito uma profunda tristeza e apenas me distrahia com o meu fiel pequeno *terrier*, o *Bobbeli*.

Adoeci, e levada por um impulso que podia difficilmente explicar, fui algumas vezes, dar volta á grosseira fechadura do quarto escuro, lá de baixo, tentando decifrar os exquisitos signaes e sentenças escriptas nas paredes.

Uma tarde sahi e dirigi-me a uma pequenina loja na aldeia, conhecida pelo *Consum*. Era uma especie de armazem, onde tudo se vendia em curiosa promiscuidade, desde o arratel de queijo até a fita de seda. Da parte de fóra do balcão da loja, quando entrei, estavam duas mulheres fallando alto e com grande animação. Bati no balcão duas vezes, mas como não me déssem attenção alguma, sentei-me e esperei até que terminasse a conversa. Comprehendia o exquisito dialecto suiso, e com grande espanto meu descobri que a minha pequena vivenda era o assumpto da conversação.

— Imagina, disse uma, está outra vez alugada depois de tantos annos! Eu não viveria n'ella por dinheiro algum.

— Nem eu tão pouco. Imaginaria estar ainda sempre vendo as janellas gradeadas, e aquellas hediondas caras por traz, parecendo animaes n'uma jaula.

— E aquella bello rapaz, que ficou doido com a traição da sua amante. Eu sentir-me-hia perseguida por elles todos se alli vivesse.

— E o que pensam d'isso os novos inquilinos?

— Ah! esses nada sabem. Vivem lá perfeitamente felizes, e fizeram o sitio tão bonito, que ninguem poderá adivinhar que foi algum dia uma casa de saude para doidos.

Fugi da loja, resolvida a não deixar envenenar os meus ouvidos com mais contos. Ah! mas já tinha ouvido demais. Uma casa particular de doidos! A minha perfumada latada de rosas, o meu pequeno ninho verdejante, a minha vivenda ideal, um hospital de doidos! Eram realmente crueis novidades. Cheguei a casa pallida e tremula. Casa! Que digo eu? Para mim já não era a minha casa. Já não tinha encantos para mim, nem a madresilva que guarnecia a minha jane'la, nem os proprios passarinhos que cantavam no jardim. Sentei-me na minha salinha entregue a lugubres e tristes pensamentos. Comecei a vêr e a comprehender cousas que a principio me pareciam enygmas. Os meus cinco pequeninos cubiculos, teriam evidentemente abrigado pobres

almas soffrendo; as paredes, agora alegremente forradas, teriam sido provavelmente almofadadas e as janellas gradeadas. Fui abril-as para examinar a alvenaria do lado de fóra. Sim! Pareceu-me vêr signaes de buracos, onde se teriam chumbado as barras de ferro. Na imaginação povoei os quartos d'aquelles infelizes que alli tinham vivido. O chalet estivera por muito tempo sem inquilino. Fômos nós sem duvida os primeiros a occupal-o desde que se fechára o asylo.

Percebi então a precaução do parochio com respeito á casa e a rasão porque me perguntára se eu era supersticiosa. Compreendi tambem, como uma vivenda, aparentemente tão encantadora, tinha ficado tanto tempo sem alugador. E o quarto lá de baixo! O escuro, o humido, o insalubre quarto lá de baixo! O que teria *aquillo* sido? Um suor frio me aljofarou a fronte, só a pensar n'isso. Deveria ter servido de prisão para casos perigosos. E os herioglíficos das paredes que ainda não tinham sido apagados pela poeira ou pelo tempo. O que quereria aquillo dizer? quem os teria escripto? Talvez fosse alguma carta, alguma poesia, nascida d'um cerebro doente, talvez alguma extranha narrativa das causas que roubaram a rasão ao desgraçado louco. O crepusculo surprehendeu-me no meu meditar. Depois cahiu a noite.

Oh! terrivel noite de angustia mental! Qualquer pequenino ruido fazia-me estremecer como se fosse uma criminosa. O sibilar do vento era para mim o lacinante gemido de alguma alma penada, que talvez tivesse habitado o quarto em que eu dormia. Os gritos da coruja, que ouvia indifferentemente todas as noites, soavam-me agora como phreneticos gemidos da loucura. Acudiam-me á memoria todos os casos de demencia que presenciara ou de que ouvira fallar.

Pela madrugada, consumida pela febre e pelo delirio da noite, adormeci d'um profundo somno, e não acordei senão dia claro. O sol, inundando a minha janella, parecia rir-se dos meus terrores e envergonhar-me. O projecto que eu tinha formado durante a noite de abandonar a minha vivenda, no momento avisado, parecia-me agora um perfeito absurdo.

Resolvi voltar ao *Consum* e procurar saber se realmente teria ouvido certo o que se dizia da minha residencia, e, se assim fosse, de telegraphar a meu marido, para que elle me esperasse em Appenzell no dia seguinte.

A velha da tenda confirmou os meus recios. Depois de uma leve hesitação, fez-me uma descripção aterradora da casa e dos seus antigos habitantes. Comquanto não podésse acreditar nem na metade d'aquelles contos, ainda assim colligi d'elles a sufficiente infor-

mação de que a casa tinha sido um hospital de doidos e, ainda mais, era considerada uma casa onde appareciam phantasmas.

Voltei de novo para casa mais amedrontada e horrorisada do que estava. Não havia remedio senão passar ainda mais uma noite debaixo d'aquelles tectos. Em primeiro logar era-me impossivel ir ter com meu marido antes do dia seguinte, e em segundo logar não queria que escarnecessem da minha covardia. Tinha-me proclamado «insupersticiosa», não devia contradizer as minhas palavras.

N'essa noite não me despi nem me metti na cama, sentei-me porém á janella com o meu cão *Bobbeli* ao lado. Comquanto *Bobbeli* fosse pequeno era muito bravo e sentia-me quasi segura sob a sua protecção.

Estar sósinha n'uma casa solitaria, sentada uma noite inteira; vendo o céu escurecer cada vez mais, e sentir esfriar progressivamente a temperatura; saber que aquelle mesmo quarto tinha sido outr'ora occupado por doidos tagarellas, cujas almas se dizia andavam vagueando ao redor! Calcule-se qual seria a minha tensão de nervos e como eu tremeria ao menor ruido! Comecei a phantasiar as physionomias d'aquelles que estavam atraz das grades das janellas, olhando para fóra como animaes ferozes n'uma gaiola, e depois pensei nas garatujas escriptas nas paredes.

Esta idéa attrahiu-me horrivelmente e determinei que antes de abandonar a casa as iria



A RUA DA ALDEIA ONDE ESTÁ O «CONSUM»

examinar mais uma vez. Esperei impacientemente pelo raiar da aurora para levar a effeito este meu projecto.

Chegára afinal o dia! Um pallido traço ama-

rello atravez do céu negro. Então, cançada de espirito e de corpo, cahindo-me o suor frio da testa como gottas de gêlo, segui cautelosamente pela escada abaixo. Nem sequer chamei o meu cão que ficou dormindo socegada



MADAME TSCHOPP E O SEU CÃO BOBBELI
NO JARDIM DA CASA

mente. Tinha determinado ir decifrar o que estava escripto no quarto escuro! Que impulso me levaria a fazel-o? Não o posso dizer, mas analysando desapaixonadamente esta minha deliberação, poderei sómente calcular que teria sido o resultado do estado hysterica mente tenso do corpo e do espirito.

Entre no quarto e apalpei as paredes. Oh! era horrivel — a sensação do frio humido. A pallida luz da madrugada ainda era mais terrivel do que a escuridão da noite. Estava imaginando como seria o homem que escrevera aquellas extraordinarias palavras; parecia-me vê-lo emmagrecido, livido, com dedos crispados como garras, traçando aquelles caracteres e ouvia o rir horripilante do doido. Doente de medo deixei a minha tenebrosa tarefa e quando me dirigia para a porta, com inexpri mível terror vi-a embargada pelo vulto de um homem. Deveria ser um velho pela tez enrugada e cabellos brancos, mas a sua figura era erecta e os olhos brilhavam como chammas.

No primeiro momento de terror pensei que a figura era uma phantasma da minha imaginação e tentei passar apressadamente. Vendo a minha tenção, o vulto extranho cahiu sobre mim agarrando-me pelos pulsos com verdadeira ferocidade, balbuciando qualquer cousa

inintelligivel. Tentei desembaraçar-me das suas garras, mas foram baldados os meus esforços. Luctei phreneticamente, como quem defende a vida. Mas, por mais que quizesse resistir, estava privada dos movimentos pelo aperto dos pulsos. Então repentinamente lembrei-me do meu cão e fazendo um ultimo e supremo esforço chamei com toda a força — *Bobbeli*, aqui *Bobbeli*.

Ouvi ainda o ruido das suas patas, depois um rosar fundo de arremetter; simultaneamente senti afrouxar a pressão dos meus pulsos, e nada mais vi nem ouvi, nem soube o que se passou.

Quando voltei á vida, um sol forte e quente irrompia pelas frestas do extranho quarto humido da vivenda. Sentia-me fraca e doente, tive difficuldade em reunir as minhas lembranças.

Os acontecimentos da noite passada pareceram-me um terrivel sonho e se não fosse a minha presença inexplicavel no quarto escuro e as minhas contusões nos pulsos, não poderia crer que tivesse tido o mysterioso encontro. Com quem? Quero acreditar que o homem de cujas mãos eu tão difficilmente escapei fosse com certeza um doido perigoso. Talvez fosse o auctor d'aquellas palavras escriptas na parede, e quem sabe fugido, que voltasse a visitar o logar onde arrastara parte da sua desgraçada vida. Como conseguiu chegar até alli? Como entrou em casa e desceu a escada? Fora realidade ou allucinação extranha do meu cerebro doente? Com grande difficuldade me levantei e tremendo ainda de pavor vim cambaleando para o jardim. Uma vez alli, banhada pela luz vivificante do sol, começava de reflectir mais serenamente sobre o meu terrivel encontro quando uma rapariga da aldêa veiu correndo dizer-me que o meu cão estava morrendo no celleiro.

O meu *Bobbeli* morrendo! O meu fiel e pequeno amigo! Segui a rapariga até o celleiro e lá estava effectivamente o meu pobre cão. Corria-lhe sangue d'uma funda ferida no peito e os seus olhos estavam já com aspecto embaceado. Corri para elle, e acariciei-o ternamente. Deitou-me um olhar supplicante; lambheu-me as mãos com a sua lingua quente e secca, deu um pequeno gemido e cahiu morto no chão.

N'esse mesmo dia deixei Schinznach. Segundo o desejo de meu marido não contei áquella gente simples as particularidades da minha noite de terror; mas penso que elles adivinharam pouco mais ou menos que a minha partida precipitada fôra proveniente d'al-guma aventura extraordinaria na vivenda mysteriosa.

MEDITAÇÃO

MAZURKA POR

VISCONDESSA DE FARIA PINHO

Moderato

Piano

f

This system consists of two staves of music. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The time signature is common time (C). The key signature has one sharp (F#). The music begins with a piano (*p*) dynamic, followed by a forte (*f*) dynamic. The melody is characterized by eighth and sixteenth notes with slurs and accents.

stento

This system continues the piece with two staves. The dynamics include piano (*p*) and stento. The notation features various rhythmic values and slurs, with some notes marked with accents.

pp *apiacere* *m.g.*

This system features a piano section with two staves. The upper staff has a piano (*pp*) dynamic and includes the instruction *apiacere*. The lower staff has a mezzo-forte (*m.g.*) dynamic. The music is characterized by flowing sixteenth-note passages in the upper staff and block chords in the lower staff.

Tempo de Mazurka

p

Ped. Ped. Ped.

** Ped.*

This system marks the beginning of the Mazurka section with two staves. The time signature changes to 3/4. The upper staff starts with a piano (*p*) dynamic. The lower staff features block chords. Pedal points are indicated by *Ped.* and ** Ped.* markings.

** Ped.*

3

This system continues the Mazurka section with two staves. It includes a triplet of eighth notes in the upper staff, marked with a '3' above it. Pedal markings ** Ped.* are present in both staves.

1. 2.

* Ped. * Ped. *

p

Ped. *

ff

Ped. * Ped. * Ped.

1. 2.

p dolce

* Ped. *

p

Ped. *

1. 2.

Ped. Ped. *

First system of musical notation. Treble clef, key signature of one flat (B-flat). The piece begins with a piano (*p*) dynamic. The right hand features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a harmonic accompaniment of chords. Pedal markings (*Ped.*) are present in the first and third measures, with asterisks (*) indicating specific pedal points.

Second system of musical notation. It continues the melodic and harmonic development. The right hand has a more active line with slurs. The left hand maintains the chordal accompaniment. Pedal markings (*Ped.*) are present in the first and third measures. A first ending bracket labeled "1." spans the final two measures, leading to a second ending labeled "2.".

Third system of musical notation. The right hand features a melodic line with a fermata over the first measure. The left hand continues with chords. Pedal markings (*Ped.*) are present in the second and fourth measures.

Fourth system of musical notation. The right hand has a melodic line with slurs and ties. The left hand continues with chords. Pedal markings (*Ped.*) are present in the first and third measures.

Fifth system of musical notation. The right hand has a melodic line with slurs and ties. The left hand continues with chords. Pedal markings (*Ped.*) are present in the first, third, and fifth measures, with asterisks (*) indicating specific pedal points.

Sixth system of musical notation. The right hand has a melodic line with slurs and ties. The left hand continues with chords. Pedal markings (*Ped.*) are present in the first, third, and fifth measures, with asterisks (*) indicating specific pedal points. A first ending bracket labeled "1." spans the final two measures, leading to a second ending labeled "2.".

dolce

Ped. * Ped. Ped.

Ped. * Ped. Ped.

p

Ped. * Ped. *

Ped.

Como se fazem as notas

Corre a miude a noticia de que uma nova tentativa de emissão de notas falsas veio perturbar a confiança no papel que circula; e d'ahi discute-se muito naturalmente o fabrico da moeda de papel, a sua garantia, as perdas ocasionadas pela falsificação, e todas as questões que intimamente se relacionam com uma circulação forçada e legal de papel, quasi exclusivo meio de troca nas transacções correntes. O artigo seguinte procura satisfazer uma parte d'esta intensa e natural curiosidade fornecendo alguns elementos de apreciação.

QUANDO o Estado resolve cunhar uma certa quantidade de moedas de prata, todos calculam com facilidade o lucro que elle auferê da operação. Sabe-se o custo das materias primas, a barra de prata e o cobre, conhece-se a constituição da liga, avaliam-se com muita justeza as despezas da amoedação, desconta-se tudo isto do valor nominal marcado no cunho e cifra-se o lucro para o Estado. Mais tarde as contas officias publicadas confirmam as previsões do calculo.

Por uma analogia de raciocinio, apparentemente verdadeiro, forma-se no espirito dos que desconhecem o mecanismo interior da circulação fiduciaria uma errada idea em relação ao fabrico de notas. Se não se conhecem tão completamente, como para a moeda metallica, as despezas do custo, tem-se a presumpção muito aproximada de que é insignificante o preço de produção dos papeis estampados em relação ao valor nominal de moeda que se lhes inscrevem. D'aqui a idea de fabulosos lucros, e a correlativa de nenhnm prejuizo quando apparecem falsas no mercado. Com a despeza de um ou dois vintens fabricam-se vinte mil réis; excellent negocio, quando se emittem; e se têm de recolher algumas que não tenham a marca da casa, substituam-se por outras do mesmo custo que a perda não arruina ninguem, tal o raciocinio que tenho ouvido ingenuamente formular. E depois comprovam-o por comparação: porque é rendoso o monopolio do tabaco? porque o custo d'um kilo de fazenda, com todas as despezas, não excede sete tostões e vende-se por cinco mil réis; se d'estes der uma parte fixa ao Estado ainda fica o monopolista com muito.

Com effeito, assim succede para o caso da prata e do tabaco porque o Estado marcou a tantas grammas de prata cunhada, como a um kilo de tabaco fabricado, um *valor convencional* que se não restitue. A differença

entre o custo da prata para uma moeda de cinco tostões e este valor, constitue receita definitiva do Estado; a differença entre o custo do tabaco manipulado e o preço de venda constitue definitiva receita do Estado e do monopolista. Mas a differença entre o custo d'uma nota fabricada e o seu *valor representativo* não constitue receita do banco. Ao contrario quasi, creou uma responsabilidade, *um valor que tem de restituir*, logo que a nota venha a sahir das suas caixas.

Porem o banco emissor, diz-se, não paga agora as suas notas; na verdade está relevado, por necessidade publica, de as pagar a moeda metallica que não existe, não está relevado de as pagar com os valores que possuir e que as representam. Cada nota que circula tem no banco o seu valor representativo e restituivel; cada nota falsa que circula é uma duplicação d'aquelle valor. D'aqui o interesse que todos devem ter de depurar a circulação, de a fiscalisar quanto possam; que n'isto está a sua defeza pessoal, a conservação do valor da moeda, e como esta mede todos os valores a conservação da propria riqueza ou haveres.

Claro está que não é este o unico elemento de depreciação da moeda de papel, da nota inconvertivel em barras ou cunhos de ouro que possuem valor real, intrinseco, universal. Outros, e mais importantes, factores produzem aquelle effeito. Não vem para aqui agora expol-os, nem discutil-os por menor. Basta, para completar o nosso intuito de apresentação simples do assumpto, examinar, se com relação á nota do banco se verifica aquelle caracteristico de *valor representativo e restituivel*. Por outras palavras apontar as garantias da circulação.

As notas sahem das caixas do Banco, ou porque este as entrega contra valores em todas as transacções que faz, lettras que desconta, cambiaes que compra, penhores que recebe: ou porque as entrega em pagamen-

tos ao Estado, o qual em troca lhe deposita dia a dia as receitas dos impostos, e os penhores de divida publica, pelo que dispende a mais da receita, segundo contractos definidos e auctorizados por lei. Eis o valor representativo, equivalente, restituivel á medida que as notas refluissem. Falta-lhe porém uma qualidade tambem essencial, pelo menos na parte que diz respeito á divida do thesouro publico, a de ser *realisavel* em curto praso. D'aqui a necessidade de ser a nota inconvertivel. Na verdade, as letras cobram-se no vencimento, os creditos reembolsam-se; mas as inscrições dadas de penhor pelo Estado não se vendem com facilidade em tão quantias sommas. Tem de se esperar a oportunidade da subscrição d'um emprestimo nacional que, tomando os titulos, os pague em notas, que assim reentrariam na thesouraria do Banco, liquidariam a divida do governo e a circulação de notas diminuiria correspondentemente.

Além d'este valor representativo e equivalente das notas que circulam, o Banco conserva em caixa para lhes augmentar a qualidade restituivel e até certo ponto aferidora, como medida padrão, uma reserva de ouro e de prata, cuja importancia faria sufficiente face, em épocas normaes de circulação metálica, á quantidade de notas exclusivamente empregadas na representação de operações

que é avultado (13.500 contos) e as suas reservas estatutarias.

Será excepcional e unica esta situação da nota portugueza, de curso forçado? Infelizmente é vulgar na historia de todos os paizes, e em todos os tempos. Em 1821, a poderosa Inglaterra ainda tinha curso forçado ás suas notas do Banco; só em 1878, a França, que é rica, pode dispensar o curso forçado das notas do Banco, após os desastres da guerra. Não fallamos da Russia, da Austria, da Italia, dos Estados-Unidos, que este assumpto sahe agora do quadro restricto d'este artigo.

Se são necessarias, indispensaveis, as qualidades de valor que ficam descriptas para que a nota possa cabalmente desempenhar as funcções de moeda, que desde a explosão da crise economica e financeira do paiz em 1891 tem vindo exercendo, tambem são indispensaveis e necessarias outras qualidades materiaes de fabrico e de segurança a que teem de satisfazer para afastar ou desilludir os criminosos esforços do falsificador para quem não ha valor representativo e restituivel na nota e apenas lucro effectivo, receita definitiva, na passagem fraudulenta. N'esta lucha entre o Banco fabricante legal e o falsificador ousado, teem os progressos da sciencia e da industria favorecido involuntariamente mais este ultimo do que aquelle, e não

só aqui, onde ainda se está longe (e ver-se-hão as causas) de attingir uma perfeição satisfactoria de fabrico, como n'outros paizes. Por isso, em toda a parte, se procura illudir a dificuldade, evitando quanto possivel o alargamento de circulação em notas, sobretudo de pequenos typos poupando-lhes o uso, substituindo-as pelos cheques, adoptando todos os processos de compensação directa de transacções pela utilização de contas correntes, de encontros de praça para praça.

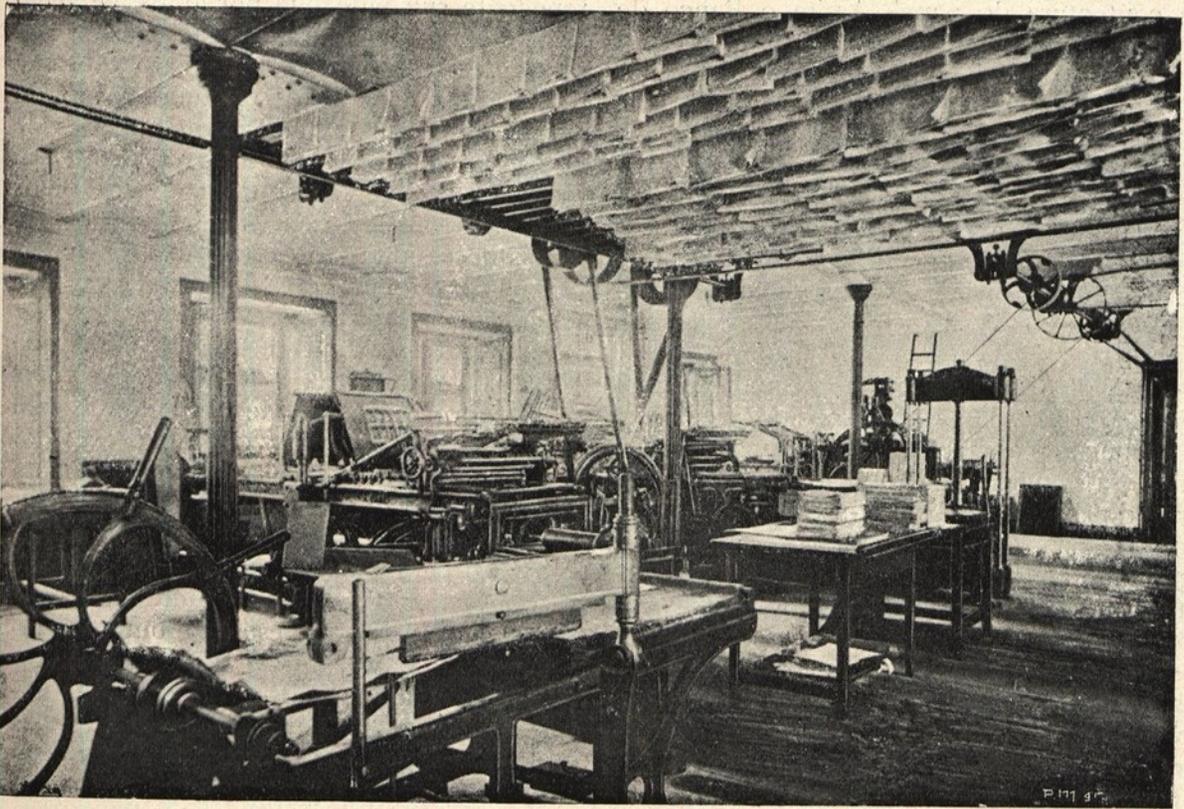
Out'ora, quando o falsificador tinha de exgotar a paciencia e a habilidade na reproducção d'uma gra-



UMA DAS OFFICINAS DO BANCO DE PORTUGAL

bancarias ou commerciaes. Finalmente, para cobrir ainda as differenças de avaliação, as falhas de valor, provenientes da depreciação occasional e imprevista da carteira, o Banco possui e responsabilisa o seu capital proprio

vura finamente trabalhada, plena de complicações de desenhos que n'uma desconhecida proporção tinham sido reduzidos, e que o mais minucioso exame á lente não conseguia desvendar, ainda a lucha era me-



UMA OFFICINA DO BANCO DE PORTUGAL

nos intensa. A gravura matriz sobre aço da actual nota de 100 francos do Banco de França custou cinco annos de trabalho, tal a accumulacão de difficuldades que deveriam desanimar os imitadores. Hoje, porém, estes teem ao seu dispôr os mais finos, correctos e rapidos processos de reproducção industrial que lhes abreviam as tentativas. Não ha segredos de reproducção dos clichés extrahidos das gravuras matrizes, não ha segredos de tintas, nem segredos de impressão que possam servir de defeza efficaz. Ainda os melhores processos dispensam complicados machinismos, o que simplifica o disfarce, sobretudo além de fronteiras. Tudo se imita, se acaso se não reproduz, com exactidão e com presteza. A falsificacão multiplica-se ousadamente, quando encontra sobretudo terreno que suppõe facil de explorar, como no nosso paiz, trazido d'um dia para o outro a uma circulaçãõ exaggerada e voraz de notas. Os numeros, que serão citados, demonstram este conceito.

Ainda assim, tendo a falsificacão atacado quasi todas as chapas dos diversos typos de notas do Banco de Portugal, tem sido felizmente insignificante ou annullada nas suas investidas, deixando muito a desejar na reproducção do que apparentemente lhe pareceu facil e mal acabado. E' bom fazer notar de passagem que a belleza artistica não é

sómente, nem o melhor, nem o mais seguro meio de defeza.

Repousam as duas principaes garantias da nota contra a falsificacão na qualidade do papel, com as suas respectivas marcas d'agua, e na qualidade do desenho estampado; mas succede que não é facil conciliar n'um só typo as duas, porque, onde o papel é tudo como finura, e perfeicão no lavor translucido, perde-se qualidades de impressão em desenhos complexos e de duracão da nota, o que por si só é já garantia. Com mais segurança se recebe uma nota de uma emissão já antiga, relativamente, do que novas e frescas ainda do fabrico. Entre estas mais facilmente se escoam as novas tambem do falsificador. O Banco de Inglaterra, e é o unico, adoptando o papel para maximo de garantias, em vez do desenho, estabeleceu forçadamente a regra absoluta de que nota reentrada nas caixas do banco é nota immediatamente inutilisada e amortisada nos registos, porque ella não supportaria um grande uso e porque assim se amiuda a fiscalisacão das numeracões e dos signaes especiaes.

Em geral os bancos fabricantes de notas, França, Russia, Allemanha, Austria, Italia, Hespanha, Estados-Unidos e outros teem procurado reunir as duas qualidades de segurança, mas predomina em todos elles a complicacão do trabalho artistico e graphico

à contextura do papel. Assim o Banco de França, que possui uma bella fabrica especial para o papel, chamado á mão, folha por folha, vê-se obrigado para conseguir aquelle duplo fim, apesar da habilidade dos operarios, experiencia e cuidado, a inutilisar 60% das folhas preparadas. Só assim consegue ter uma excellente marca d'agua em papel que resiste a uma impressão complicada, ainda que de apparencia simples; mas para ter papel prompto n'estas condições é necessario tempo.

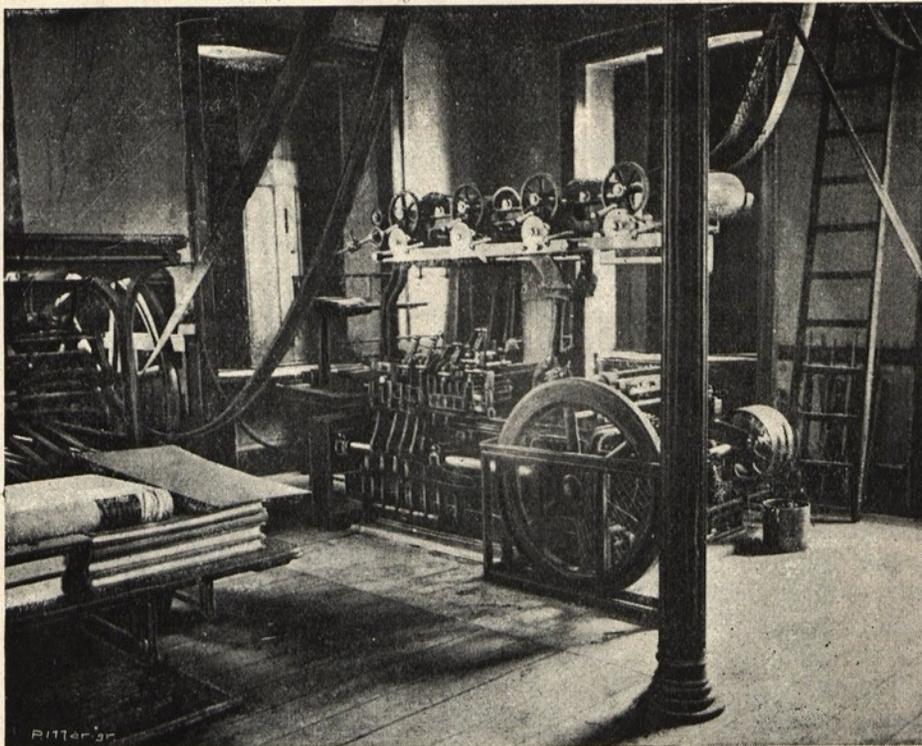
O Banco de Portugal tem igualmente no fabrico das suas notas seguido a mesma orientação; apenas tem sido forçadamente morosa a sua execução pratica. A estamperia do banco reformara-se em 1888 para uma dada previsão de fabrico immediato e para um lento e subseqüente desenvolvimeto. Em 31 de dezembro de 1887 a sua circulação subia a 7.360 contos. Viu-se em 1892, em igual data, com 50.207 contos de circulação, e desde aquella época n'um crescendo vertiginoso o consumo de notas attingiu as cifras que seguem. Desde 1888 até 1900, o Banco tem emittido, quer dizer, tem entregue ás suas thesourarias, notas no numero

repellente sugidade que por ahí se vê, teem sido amortisadas durante este mesmo periodo 43.410.000 de notas. Claro está que d'este numero 23.000.000 foram do valor de 500 réis. D'estas avultadas quantidades de notas, apenas nos annos de crise intensa, 1891 e 1892, se importaram d'estes typos notas fabricadas no extrangeiro para occorrer ás necessidades do momento. As chapas porem foram em breve falsificadas; e teve de crear-se novos typos.

Sob a pressão d'um consumo de notas, que obrigou a estamperia a fornecer, em 1900, recorrendo-se ao typo de nota grande para poupar circulação, 6.655.000 notas no valor de 33.760 contos, comprehende-se quanta imperfeição se apresenta a olhos muitos exigentes, e quanto esforço inutilisado o Banco tem feito para conseguir aquella regra banal de que a um typo de nota emittida corresponde uma nova em reserva e outra em fabricação. Todavia, apesar do caminho percorrido, a estamperia do Banco projecta novos alargamentos e transformações que se tornam indispensaveis. E' preciso satisfazer a voracidade do publico que estraga notas, como foi preciso satisfazer a voracidade do

governo que absorvia emissões sobre emissões. Tem de antepôr igualmente ás investidas da falsificação maiores seguranças, além das que actualmente emprega.

De resto, o governo não fará provavelmente novas exigencias de notas. Tambem pelo seu lado o publico vae modificando, pouco a pouco, os seus habitos de utilizar as notas para mil applicações e brinquedos. Fazem-se em bolas, servem para embrulho, prestam-se a carimbagem de reclames de lojas, substituem o alma-



UMA OFFICINA DO BANCO DE PORTUGAL

de 62.760.000, representando um valor total de 190.140 contos. Só de notas de 500 réis, a emissão attinge 27.880.000 notas; de 1\$000 réis, 14.500.000 notas; de 2\$500 réis, notas 8.800.000. E note-se que para retirar chapas falsificadas e para conservar a circulação na

ço para expansões de estro poetico. E, apesar de tudo isto, correm, passam de mão a mão; ninguem se importa recebê-las com mais ou menos borrões de tinta. N'outros paizes, uma nota que se apresente no banco maculada por aquella fórmula, tem desconto proporcio-

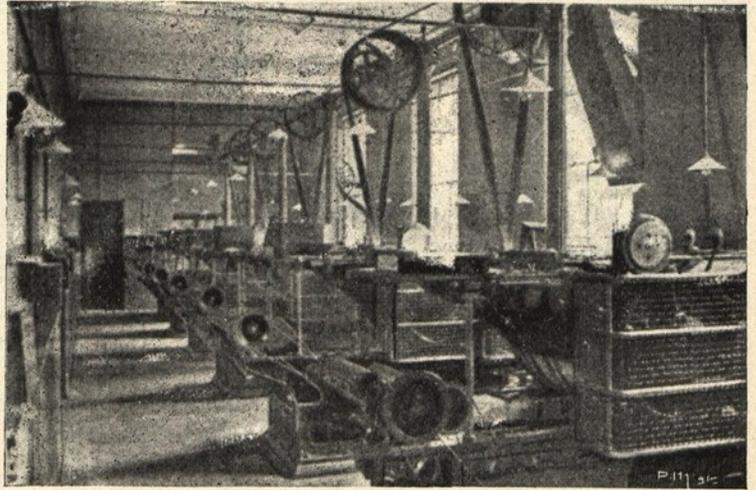
nal ao quadrículo com que se medem; e isto faz-se mesmo nos paizes onde a nota é, como aqui, inconvertivel, e serve de moeda. Mas cada roca tem seu fuso e cada terra seu uso.

Tambem em França, em Inglaterra, nos Estados-Unidos da America, é uso, regra absoluta, marcar com as palavras *billet faux* ou *forged*, as notas falsas apresentadas nas thesourarias do banco, como antigamente entre nós se pregavam os pintos e os patacos falsos sobre o balcão das tendas e das tabernas. Comprehende-se bem que assim se proceda para prohibir tentações de passagem consciente de notas falsas, acto que tem relação directa com o codigno penal. Nem o carimbo impede o natural recurso para a administração superior do banco a solicitar reembolso. Em geral são attendidas estas reclamações a titulo de indemnisação pela boa fé illudida com uma imitação muito perfeita. Os bancos emissores não teem obrigação de trocar notas falsas, nem pódem assumir tal obrigação. Seria magnifico incentivo aos falsificadores.

O consumo colossal em curto praso de notas, tem naturalmente concorrido para que o banco fabricante não tenha podido aperfeçoar os seus productos, e ao mesmo tempo não tem sabido acelerar, tanto quanto era possivel, o desenvolvimento da sua estamperia. São installações difficeis de conseguir, e carecem de largos annos de exercicio e de experiencias para attingir a perfeição que surprehende quem tem visitado outras officinas similares no estrangeiro. E' justo, todavia, reconhecer que a fabrica legal portugueza de notas tem realisado prodigios com os elementos de que dispõe e com o tempo que tem empregado no seu mister. A impressão é manifestamente ainda imperfeita, a coloração é desigual; mas comprehende-se que sob um pedido sempre instante de exemplares a tiragem não possa ser escolhida com rigor. Em França chega a inutilisar-se 30 por cento d'uma tiragem. No Banco de Portugal esta inutilisação attinge apenas 5 por cento no maximo. O Banco de França possui, como já se disse, fabrica propria de papel; o Banco de Portugal recorre áquelle para se fornecer na sua quasi totalidade, e em condições muito especiaes. Como é sabido, estes fabricos são rodeados de muitas precauções indispensaveis, assim como toda a evolução de cada folha de papel até a estampagem. Contam-se, registam-se, guardam-se ainda em branco,

como se fossem valores. A acquisição de papel e a escolha da sua qualidade tem sido um problema difficil de resolver.

E' curioso examinar pela composição da



UMA OFFICINA DO BANCO DE INGLATERRA

circulação, em epocas diversas, as modificações profundas que aquella tem soffrido á mercê das falsificações em parte e das instancias do publico n'outra parte. No fim de 1892, com uma circulação total de 50:217 contos, as notas de 500 réis eram em numero de 7.743:000, no periodo de maior retrahimento de moeda metallica. No fim de 1895, aquella somma havia diminuido a 4.475:000, embora a circulação tivesse crescido a 55:921 contos. Pois, no fim de 1898, após cunhagem de prata, renascimento de confiança, serenidade de mercado, a quantidade de notas de 500 réis subiu para 6.516:000, tendo a somma da circulação attingido 69:655 contos. Por ultimo, em 1900, trabalhando o Banco na extincção das notas de pequeno typo para forçar quanto possivel o uso da prata, e sendo a circulação de 68:136 contos, o numero de notas de 500 réis, que entraram para a composição d'esta quantia, era de 1.200:000 ou no valor de 600 contos. Posteriormente tem de novo augmentado. Se se considerar as notas de 20\$000 réis, ver-se-ha o seguinte. Em 1892 havia em circulação 1.193:000 de notas d'este typo; depois sobe naturalmente com os accrescimos da circulação, chega a 1:89c:000 notas em 1898, conserva ainda em 1899 o numero de 1.657:000, e no anno seguinte, no fim de 1900, desce a 608:000 notas. A falsificação d'uma chapa perturba, como se vê, a circulação; a estamperia não substitue rapido; a emissão de notas de typo superior de 100\$000 réis tem já attingido o maximo da saturação, tendo sido retiradas por falsificação as de 50\$000 réis; e em consequencia augmenta desmedida-

mente a circulação do typo de 5\$000 réis, que no fim de 1900 excedem em numero 3.000.000. Há pouco a falsificação d'este ultimo typo deve ter produzido nova e profunda mudança. Estes factos, que parece terem pequena influencia economica, exercem-a effectivamente, e modificam as condições da permuta interna.

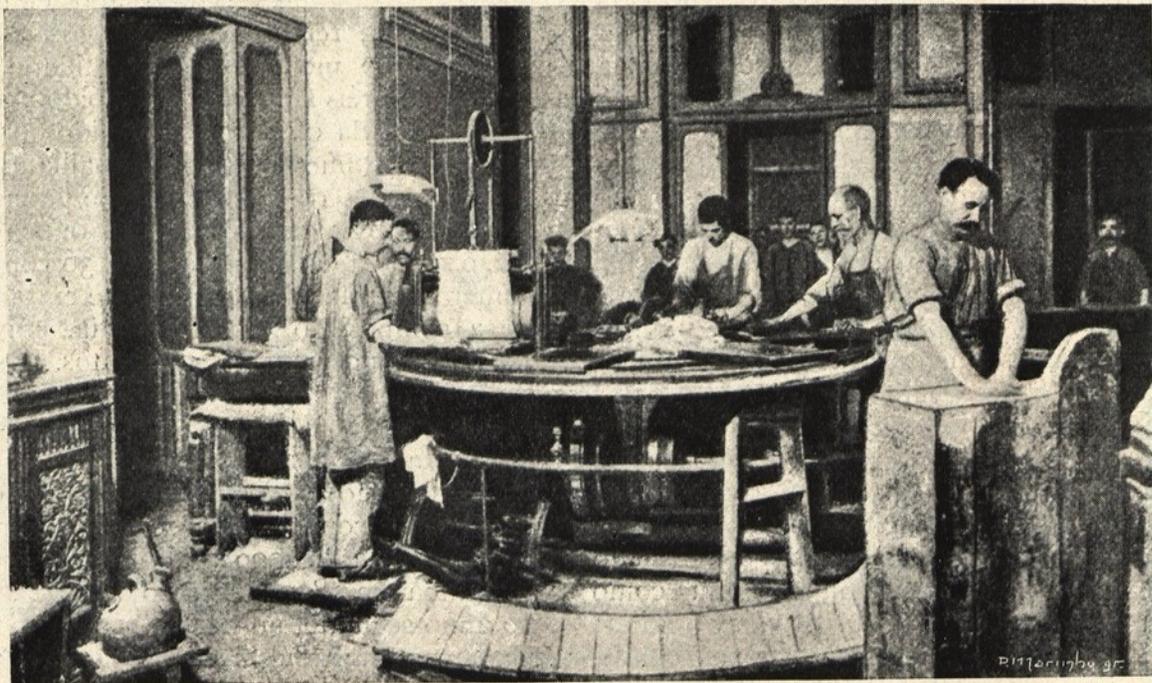
No emtanto, a estamperia do Banco commenda a artistas, e dos melhores, no estrangeiro, os desenhos; manda vir com largos honorarios eximios gravadores sobre aço; as novas chapas são reproduzidas, ou pelos processos galvano-plasticos em successivas operações, ou pelo methodo especial de aço, cuja tempera exige aprendizagem custosa e ensino demorado que habeis especialistas aqui veem ministrar ao pessoal do Banco; aproveitam-se aptidões excellentes e modestas no delicado trabalho de *guillochet*, executado por complexa machina. Estas operações preliminares do preparo d'uma nota, dividida por gravuras diversas, destinadas a impressões separadas, n'uma engenhosa combinação que desanime a paciencia do falsificador, levam mezes e mezes de trabalho assiduo. Não são operações que possam apressar-se com a multiplicação de pessoal; este é forçadamente restricto.

Obtidos os necessarios *clichés*, a estamperagem exige igualmente cuidados minuciosos; a applicação das côres complica o problema.

tudo. Depois de estampadas, as notas soffrem ainda outras operações, como impressão do texto, numeração especial em series, que hoje é executada automaticamente por machinas interessantes nos seus movimentos; são datadas; recebem a chancella final que as faz entrar, como valor, nos cofres da thesouraria. Assim como ha no mundo poucas impressas de arte verdadeiramente notaveis, assim tambem ha poucas estamperias de notas modelos, quer de bancos, quer de firmas particulares, como a casa de Giesecke & Devrient, de Leipzig, que tem fornecido durante longos annos papel moeda a quasi todos os governos da Allemanha. Entre as de bancos, cita-se em especial a de S. Petersburgo.

Todavia a imitação ousada consegue investir contra as difficuldades com pasmosa habilidade. Obriga a ser estudada. No Banco de França, ha nas officinas um grupo de artistas e de chimicos cujo encargo exclusivo e curioso é investigar e tentar a imitação das proprias notas por processos differentes dos empregados na casa, reproduzindo ou o papel filigrana, ou a vinheta de segurança, ou a composição secreta da tinta. Cada descoberta d'estes é ponto de partida para um novo aperfeiçoamento no fabrico.

A imperfeição das notas portuguezas tem sido, até agora, uma segurança relativa. E' extremamente difficil reproduzir o imperfeito com exactidão, n'essas mesmas imperfeições



UMA OFFICINA DO BANCO DE HESPAHHA

Diversificam muito os processos, de paiz para paiz; cada um defende o seu methodo, e a escolha é difficil, como difficil é a sua execução. As tintas são objecto de constante es-

indefinidas e variaveis. Serve o paradoxo de preludeo á necessaria remodelação das officinas que o Banco n'este mesmo momento emprehende e executa.

VINGANÇA DE RIVAL

A pagina de historia, que segue, não visa a retratar a extranha e tenebrosa figura d'um grande rei; conta apenas um episodio d'aquella mephistophelica existencia, que teve o nome de Filippe II, de Hespanha, onde se procura, como se tem feito para os anteriores successos historicos, aqui narrados, descobrir atravez dos factos o motivo psychologico que os determinou, tentando descer aos abyssos do coração humano em busca de enygmata ou de mysterios que desafiam a curiosidade.

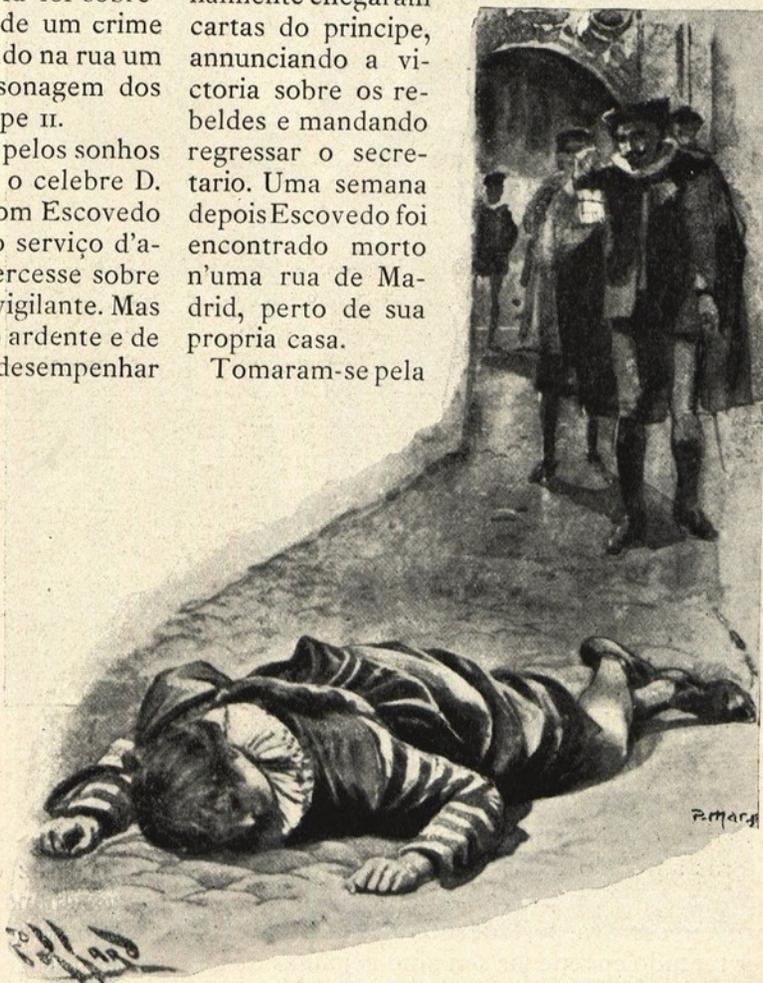
EM 1578, o dia 31 de março foi uma segunda feira, e segunda feira de Paschoa; ao anoitecer a cidade de Madrid foi sobresaltada pela sensacional noticia de um crime mysterioso. Aparecera assassinado na rua um fidalgo chamado Escovedo, personagem dos mais nomeados da côrte de Filippe II.

Annos antes, o rei perturbado pelos sonhos ambiciosos de seu irmão natural, o celebre D. João d'Austria, tinha instado com Escovedo para entrar como secretario ao serviço d'aquelle principe, afim de que exercesse sobre seu amo influencia moderadora e vigilante. Mas Escovedo, leal, de temperamento ardente e de caracter firme, não se sujeitou a desempenhar o papel que lhe fôra imposto. Permittiu-se ser levado pelos chimericos planos de D. João, os quaes visavam á invasão da Inglaterra e ao seu casamento com a então captiva rainha da Escocia, e para realisação d'elles o brilhante general encetara já negociações com os parentes francezes de Maria Stuart, com os Guises. Escovedo abraçou tão calorosamente o partido de seu amo, que dirigiu a Filippe II um officio violento em defeza d'elle, elaborado em linguagem tão desrespeitosa ou inflammada que o monarcha, sahindo fóra da sua habitual frieza e serenidade, caracterizou-o como documento sanguinario, *sangriento*.

Durante os ultimos nove mezes Escovedo, que viera á côrte, apertava com o rei para fornecer homens e dinheiro afim de

facilitar a D. João subjugar os revoltosos dos Paizes Baixos, onde elle era governador. Finalmente chegaram cartas do principe, annunciando a victoria sobre os rebeldes e mandando regressar o secretario. Uma semana depois Escovedo foi encontrado morto n'uma rua de Madrid, perto de sua propria casa.

Tomaram-se pela



Escovedo foi encontrado morto...

policia as costumadas providencias e precauções para prender os assassinos. Fecharam-se

as portas da cidade e houve busca em todas as casas, o que não deu resultado algum. Ha-

innocencia; e na verdade os factos subsequentes descobrem, parece, um grave erro de justiça n'este ponto. Com effeito, seria impossivel duvidar que não proviessem da mesma origem os attentados mal succedidos ou bem succedidos contra a vida de Escovedo. O attentado pelo qual a escrava foi justicada, não era a primeira tentativa feita. Na mesma occasião em que elle ia tomar o caldo envenenado, o secretario de D. João já estava soffrendo de uma extranha doença que o accommettera depois de um jantar em casa de Antonio Perez, secretario e ministro confidencial de Filippe II.

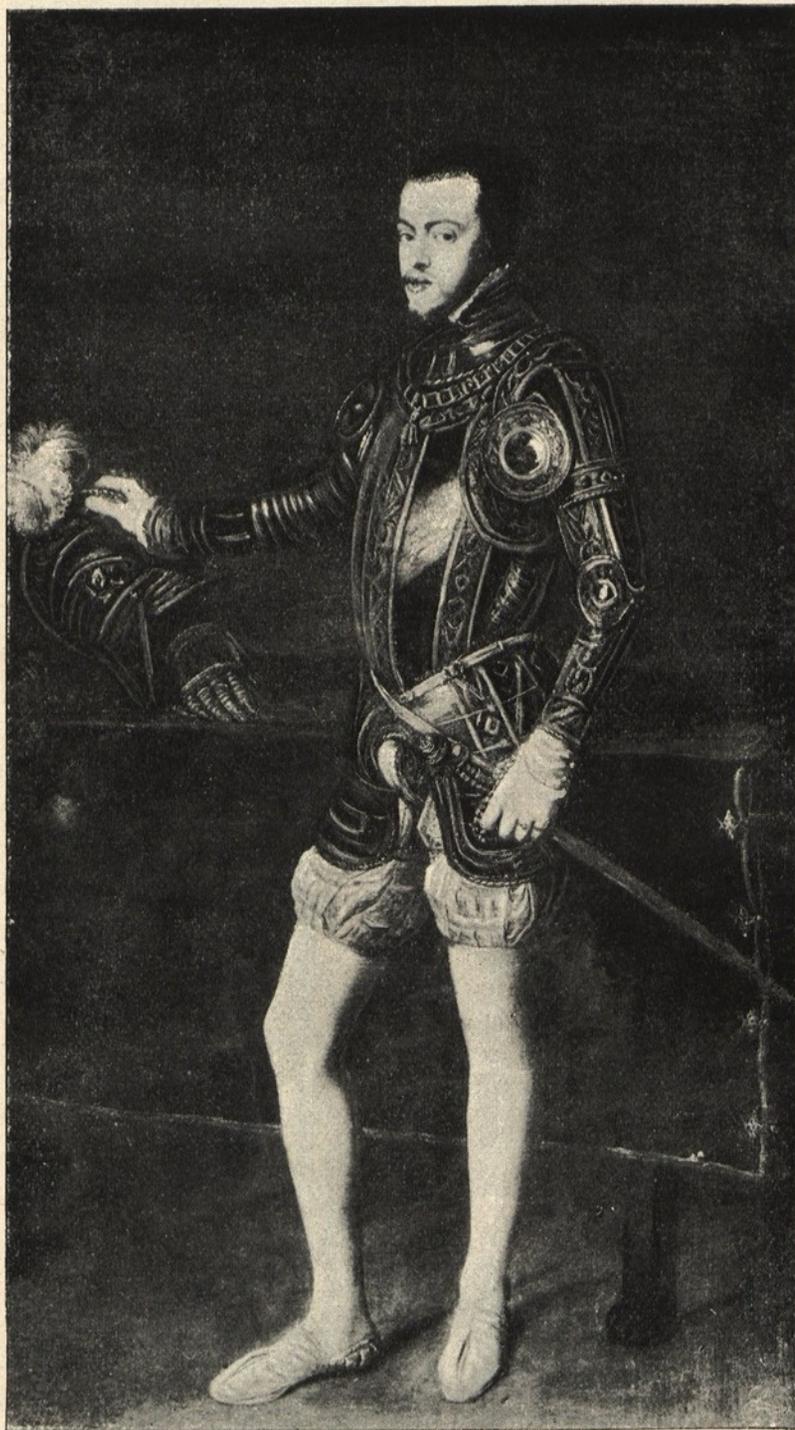
Ao tempo em que Escovedo foi morto por mão secreta nas ruas de Madrid, a fortuna parecia favorecer extraordinariamente Antonio Perez. Filho de um respeitavel official publico, elle subira aos trinta e seis annos ao principal logar no gabinete real. De porte lhano e affavel, habil no expediente dos negocios e sem escrúpulos para o serviço de seu amo, era justamente o ministro estimado por Filippe II.

Os dois secretarios Perez e Escovedo tinham sido intimos. Além da sua amizade particular uniam-os as obrigações dos cargos. Todos os negocios dos Paizes Baixos passavam pelas mãos de Perez. Tinham de proceder com prudente resolução entre o impaciente D. João d'Austria e o frio e desconfiado rei. D. João confiava menos em Perez do que em Escovedo, e escrevia ao secretario real com a liberdade de amigo, contando que este sujeitasse da correspondencia tanto quanto suppozesse convir aos olhos do rei Filippe.

Quando se deu o assassinio de Escovedo, Antonio Perez estava em Alcalá, onde fôra passar a semana de Paschoa. Na sua volta a Madrid, o procedimento da viuva de Escovedo revelou a Antonio Perez a suspeita de que elle era objecto.

O motivo allegado pela viuva Escovedo com respeito ao crime foi este: sustentava que o homem assassinado descobrira uma ligação

via uma outra pista por onde se devera seguir. Horas antes do assassinio de Escovedo, fôra enforcada na praça publica de Madrid uma mulher escrava, pertencente á casa d'elle, por ter tentado envenenar seu amo semanas atraz. Fôra accusada de ter preparado uma tijella de caldo, ao provar do qual Escovedo sentiu gosto denunciador de ingredientes venenosos. A mulher morreu protestando a sua



FILIPPE II DE HESPAÑHA — QUADRO DE TICIANO

amorosa entre Antonio Perez e a princeza de Eboli, viuva do afamado Ruy Gomes que occupára um mais alto lugar do que Perez na amizade e confiança de Philippe II Escovedo, em sua maneira de fallar, mais do que era permitido á amizade dos dois secretarios, censurára a princeza e ameaçára denunciá-la, assim como a Perez, ao rei, se não quebrassem aquella intimidade. Em vingança a princeza pedira ao seu amante que tirasse a vida a Escovedo.

Poderia a infeliz viuva Escovedo ter ou não razão; poderiam ter realidade esses motivos que determinassem Antonio Perez a eliminar um amigo indiscreto. Mas o principal alcaide, chefe da policia hespanhola, aprendera provavelmente que nem sempre é avisado inquirir muito de perto dos actos do ministro de um despota, e prudentemente absteve-se de dar seguimento á devassa.

Ficaram reservadas as accusações apresentadas pela familia Escovedo contra Perez, e aos officiaes de justiça foi dada outra orientação.

A princeza de Eboli, despertada pela sensação do perigo, fez n'este momento um appello pessoal ao rei. Na sua missiva, depois de ter censurado Philippe da sua attitudo secca para com ella, pôe em relevo a engenhosa versão da accusação contra Perez e ella propria:

«Eu sei que elles chegaram a ponto de dizer que Perez matou Escovedo por minha causa, porque elle devia á minha casa taes favores que foi obrigado a fazel-o, quando lhe foi pedido.»

A princeza sabia perfeitamente que não eram as obrigações de Perez á casa de Eboli o movel verdadeiro do criminoso procedimento, mas sim as secretas relações entre ambos; porém a evidente anciedade de enganar Philippe n'aquelle ponto derrama o primeiro vislumbre de luz no mysterio da morte de Escovedo.

O appello da princeza produziu effeito. O rei deu ordem aos dois, accusadora e accusado, a que se reconciliassem. Mas tanto Perez como a princeza de Eboli recusaram acceitar esta paz apparente e insistiram na completa retirada da accusação. Afinal Philippe planeou uma deliberação de-

cisiva. Mandou chamar a Roma o seu velho servidor, cardeal Granville, para vir tomar conta do ministerio, cujas funções tinham sido até então desempenhadas por Antonio Perez. Em 28 de julho de 1579, o cardeal chegou a Madrid. A's onze horas d'aquella mesma noite o alcaide da côrte, procurou Perez, e informou-o de que o rei, descontente com a recusa em se reconciliar com a sua accusadora, lhe ordenára que o conduzisse á prisão.

Pela mesma hora uma scena notavel se estava passando perto da casa da princeza de Eboli. Philippe II, deixando o seu palacio quasi á meia noite, com uma escolta armada, dirigiu-



A PRINCEZA D'EBOLI—QUADRO DA ESCOLA DE SANCHEZ COELLO

se ao portico da igreja de Santa Maria, d'onde se via a residencia da Eboli, e esperou alli, vi-

giando anciosamente, enquanto os seus agentes entravam na casa e traziam presa a princeza. Elle esperou até a vêr levada por uma reforçada guarda a caminho da tenebrosa fortaleza do Pinto. «Depois voltou», diz Antonio Perez na sua memoria ou relação, «para o palacio e passeou no quarto até as cinco horas da manhã em grande agitação».

Poderia suppôr-se que a investigação do processo Escovedo ia ter agora seguimento. Ao contrario. Os dois prisioneiros foram julgados, não por causa do assassinio, mas pela desobediencia a uma ordem real. Dez annos tinham ainda de passar para que se ouvisse de novo fallar na mysteriosa morte do secretario de D. João d'Austria.

A prisão de Antonio Perez consternou a corte de Hespanha. Foi esta muito em abono de Perez, o qual, em consequencia da rapidez da sua elevação e do talento com que a con-

a mulher de Perez, e assegurar-lhe que a prisão do marido era devida unicamente a questões de gabinete. Escreveu em igual teor aos parentes da princeza os poderosos duques de Medina Sidonia e do Infantado. O confessor do rei foi ter com Perez e disse-lhe sorridente: — «A sua prisão não o conduz á morte.»

Mas Perez, com o verdadeiro instincto de cortezão, sentiu que estava perdido. Cahidoente, pelo que o rei se compadeceu a ponto de o deixar voltar para sua propria casa, acompanhado de um guarda. Novamente lhe foi apresentada uma formula de pacto de paz com a sua accusadora, ao qual o cahido e desgraçado secretario não oppoz recusa. No fim de alguns mezes até o guarda foi retirado, e foi concedido a Perez licença de sahir e de receber visitas dos amigos.

Por algum tempo o gato deixou o rato em liberdade. Foi dado um descanso de dois annos, para fazer esquecer a primeira queda de Perez, e depois enterrar as garras com maior crueldade.

A princeza de Eboli solicitou a sua liberdade no anno de 1581. Ella tambem perdera a saude, e tambem não obteve o perdão, mas a commutação da sentença no exilio em sua casa de campo de Pastrana, onde morreu onze annos depois.

Em maio de 1582, Rodrigo Vasquez, presidente do conselho de fazenda, por uma ordem verbal do rei, começou de fazer um inquerito secreto sobre a conducta de Antonio Perez como ministro.

Emquanto se procedia a este secreto inquerito o sepulto crime de seis annos antes começou de novo a vir á luz.

Entre os parentes do assassinado Escovedo havia um capitão do exercito hespanhol chamado Quintana. No mez de junho de 1584, n'um sitio qualquer que não está designado na narrativa do acontecimento, encontrou-se aquelle official com um tal Enriquez, antigo pagem de Antonio Perez. Enriquez, que era então porta-bandeira, vivendo em Zaragoza, capital de Aragão, acabára por sentir contra seu antigo amo o mais azedo e tenebroso odio. Sob a influencia d'estes sentimentos foi induzido pelo Quintana a fazer lhe uma confissão que veiu esclarecer, se não explicar inteiramente, o caso do assassinio de Escovedo.

A declaração de Enriquez foi depois reduzida a escripto, em fórma de depoimento jurado.

«Estando um dia preguiçando no quarto de Diego Martinez, criado de Antonio Perez, (assim principia) Diego perguntou-me se eu conheceria no meu paiz alguem que quizesse dar



Filippe II esperou, vigiando attentamente...

quistara, soubera grangear muitos amigos dedicados, alguns dos quaes não duvidaram e tiveram a coragem de censurar o procedimento rigoroso do rei.

Filippe II apressou-se em explicar a sua verdade. Mandou o cardeal de Toledo visitar

uma facada em determinada pessoa. Elle accrescentou que a paga seria boa e que, se seguisse a morte ao golpe vibrado, não haveria risco algum.»

Enriquez promptamente se encarregou da encomenda. Haviam se feito tres tentativas para envenenar Escovedo, duas das quaes falharam completamente, e da terceira sómente resultára elle ficar doente! Durante a sua doença Enriquez, incitou um amigo seu chamado Rubio a insinuar-se na amisade do cosinheiro do infeliz Escovedo. Foi Rubio que conseguira introduzir o veneno na panella de caldo que levára ao supplicio a desgraçada escrava.

N'aquelle tempo é claro que Escovedo estava sempre em guarda, e tornára-se portanto perigoso o systema de envenenamento.

«Em consequencia, diz o pagem, fui á minha propria terra procurar um amigo intimo, e adquirir um punhal de lamina muito fina, que é arma muito melhor do que a pistola para matar um homem.»

Enriquez alistou seu irmão Miguel. Durante a ausencia d'elle o criado Diego arranhou dois outros homens, Juan de Mesa e Insausti. Estes com o Rubio envenenador, formavam um partido de seis homens, todos armados de punhaes, que estiveram esperando por Escovedo noites seguidas perto da casa d'elle, parte vigiando em volta, parte escondida em emboscada.

Logo que tudo ficou organizado Perez partiu para Alcalá para estar ao abrigo de suspeita. O proprio Enriquez não entrou no acto de matar Escovedo. Na noite de segunda feira de Paschoa, elle era do numero dos que estava vigiando na praça de S. Thiago. O golpe fatal foi vibrado por Insausti.

Os assassinos estiveram cuidadosamente occultos em Madrid, emquanto não esfriava a busca policial; depois foram mandados embora uns com dinheiro e outros em diversas commissões. Juan de Mesa, convem notar, recebeu um emprego nos estados da princeza de Eboli. Enriquez fugiu para Napoles. Apenas o criado Diego ficou ao serviço de Antonio Perez.

Decorridos seis annos desde que se commetteu o crime, ainda quatro dos seis assassinos estavam vivos. Enriquez vigiava com horror e medo a vingança silenciosa que parecia ter alcançado os seus camaradas, um apoz outro, primeiro o Insausti, e depois o seu proprio irmão Miguel. Imaginou reconhecer a

mão do seu antigo amo distribuindo estes insidiosos golpes, e resolveu denunciá-lo.



D. JOÃO D'AUSTRIA — QUADRO DE SANCHEZ COELLO

Em 23 de junho de 1584, Enriquez dirigiu uma carta ao rei Filippe na qual lhe pedia um salvo-conducto e offerecia-se para se deixar degolar no mesmo instante como traidor, se elle não provasse que Antonio Perez tinha ordenado o assassinio de Escovedo.

Bastante singular foi que depois, da carta enviada, chegasse noticia a Enriquez da vinda a Zaragoza de um official chamado Chinchilla, com más intenções contra elle. Pensaria o desgraçado possuido de terror que o seu antigo amo tinha ainda bastante poder na cõrte para saber o conteúdo da carta concernente a elle e entregue nas mãos do rei? Talvez;

porque Enriquez fugiu immediatamente para Lerida, e d'alli dirigiu uma segunda carta a Filippe II, repetindo-lhe a denuncia.

O capitão Quintana, que o tinha levado á confissão, escreveu tambem ao rei solicitando humilde e encarecidamente justiça a favor dos parentes de Escovedo.

Estas cartas nem sequer alcançaram resposta. Filippe II não era homem para esquecer; porém, nem se apressava nem deixava os assumptos de parte. Para o momento julgou opportuno deixar esquecida n'uma gaveta a accusação de assassinio, e procedeu socegadoamente com o processo de corrupção.

No mez de janeiro de 1585, dois annos depois, o tribunal de inquerito entregou o relatório final. Perez foi julgado culpado de corrupto em varios artigos, e foi sentenciado a dois annos de prisão n'uma fortaleza e dez bandido da côrte.

Mas a parte mais notavel da sentença é aquella em que ordena a Perez restituir varias sommas e artigos especiaes no valor total de doze milhões de maravedis (cêrca de 27 contos). D'esta somma, só sete milhões era divida ao rei. O resto da quantia, que foi chamado a restituir, era distribuida em artigos separados: — dois milhões de maravedis recebidos á conta da princeza de Eboli; oito colchas novas, bor-

feito por ellas»; — dois brilhantes no valor de 200 ducados, quatro peças de prata lavrada, avaliadas em 44.370 maravedis, e um anel coroadado com uma granada, tudo recebido da mesma princeza, — «para que», prosegue a sentença, «todas as sommas ou objectos ahi mencionados sejam entregues aos filhos e herdeiros do principe Ruy Gomes». O outro unico caso em que a sentença ordenou especial restituição foi d'um esquentador de prata recebido de D. João d'Austria.

Pondo de lado este esquentador de prata, vê-se que a sentença se divide em duas partes. As sommas que Perez indevidamente recebeu no seu cargo ministerial estão avaliadas em globo para serem pagas na thesouraria real; os presentes que elle recebera da princeza de Eboli estão confusamente explicados; e a restituição d'elles ou do seu valor é feito aos herdeiros do marido. a princeza nada aproveita da restituição. Esta parte da sentença é mais contra ella do que contra elle.

Para comprehensão clara d'estes factos deve recordar-se que Filippe julgava ser segundo o seu modo de vêr, justo. Pensando que uma offensa feita a elle era como uma offensa feita a Deus, julgava-se justificado recorrendo a qualquer meio para castigar o delinquente. Raramente empregava uma vingança pessoal. Esperava até convencer-se verdadeiramente de que era dever seu castigar. E depois castigava sem remorsos.

Cumpriu-se a primeira parte da sentença. Perez foi levado para a fortaleza de Turrucano, onde ficou dois annos.

N'este intervallo dois factos importantes se deram n'este quasi esquecido processo de Escovedo. No verão de 1585, tendo Filippe II ido a Aragão, Rodrigo Vasquez, que presidira ao tribunal de inquerito, aproveitou a oportunidade de examinar particularmente no processo a pagina Enriquez de quem elle obtivera o testemunho já citado. Mas quando D. Pedro Escovedo, filho do assassinado, encorajado por isso, renovou o seu pedido de justiça que tinha abandonado seis annos antes, viu-se privado do seu logar no conselho de finanças e preso.

Ainda não chegára o momento. Para a familia de Escovedo, esperando annos e annos a vingança do seu pae assassinado, deveria parecer-lhes que nunca chegaria. Não conheciam Filippe II, o qual gostava de imitar no seu proceder o vagaroso trabalho da Providencia, que tambem muitas vezes modera a perseguição sem nunca perder de vista o fim.

O segundo facto foi Filippe II enviar uma ordem a Antonio Perez, na prisão, para que este mandasse entregar todos os seus papeis, incluindo toda a correspondencia trocada en-



O golpe foi vibrado por Insausti.

dadas a ouro e prata sobre velludo escarlato, recebidas d'ella — «sendo concedida permissão ao dito Perez de proceder contra a dita princeza pela paga que elle pretende ter-lhe

tre elle e o rei. Ninguem melhor do que Antonio Perez sabia a que se referia esta ordem. Poz pés á parede e recusou obedecer. Então foram encarcerados a mulher e os filhos. O confessor real vinha diariamente vêr a mulher de Perez e procurava amedrontal-a com ameaças de prisão a pão e agua para o resto da vida, se não entregasse os papeis do marido.

A intrepida dama permaneceu firme até que recebeu um bilhete, escripto pelo punho de seu marido com o seu proprio sangue auctorizando-a a que cedesse. Na seguinte vez em que appareceu o confessor, alegrou-se com a vista de dois grandes bahús, fechados e sellados, que a pobre senhora lhe entregou em nome de seu marido. O confessor fez conduzir á pressa os bahús para o palacio, onde a ninguem foi permittido vêr o conteúdo senão ao proprio rei.

Filippe deveria ter revistado o conteúdo dos bahús com o coração bem agitado. Achou n'elles muitos documentos, e havia de regosijar-se em os ter encontrado. Mas não podia ter guardado de memoria todas as pequeninas notas que se haviam passado entre elle e o seu secretario. Antonio Perez tinha tomado as suas precauções. O rei triumphante não suspeitou que antes da sr.^a Perez ter deixado sahir aquelles preciosos bahús, Diego Martinez, o criado fiel, tinha vindo secretamente de Aragão a Madrid, tinha revistado os seus conteúdos, tirando alguns papeis que estavam destinados a fazer mais tarde grande sensação.

O criado não teve tempo de voltar para o seu retiro em Aragão, tendo sido preso em novembro de 1587, por ordem de Rodrigo Vasquez. Durante este tempo Antonio Perez ignorava as revelações feitas por Enriquez. Sabendo da prisão do seu criado, ficou perturbado e escreveu anciosamente ao rei para pedir a sua liberdade. Pediu na confiança de que o seu pedido seria attendido. Mas intornado de como estava realmente a situação, e tendo a segurança de que Diego não havia de o trahir, escreveu de novo ao rei, para solicitar que o caso fosse levado a julgamento. A carta d'elle requer que isto seja feito, «para evitar consequencias que seriam igualmente prejudiciaes ao prisioneiro, ao serviço de Deus e ao vosso».

Filippe II não deu signal de si, até o dia em que recebeu no seu gabinete os dois bahús fechados. Elle havia impedido ou castigado todas as tentativas de trazer em justiça os assassinos de Escovedo; perseguira o seu antigo favorito, mas tinha escolhido todos os motivos de perseguição excepto este. Agora porém, dez annos depois, resolvera-se.

Todavia o infeliz preso não podia calcular a mudança havida. Escreve a Philippe II, relatando innocentemente os esforços dos seus

perseguidores, e as medidas que estava tomando para os bater. Ao mesmo tempo pede ao seu antigo amo em termos sentidos que tenha compaixão :

«Pela Paixão de Nosso Senhor peço mil vezes á Vossa Magestade que esteja bem dis-



ANTONIO PEREZ — QUADRO DE SANCHEZ COELLO

posto a meu favor, que tenha piedade da minha innocencia, e que tome em boa conta os meus leaes serviços, e os de meu pae. Peço-vos que tenhaes dó d'um criado abandonado e sejaes o juiz que me faça justiça e a todos nós ! Pelo amor de Deus, Senhor, queira Vossa Magestade vir ajudar-me com alguma manifestação da sua bondade ; preciso tanto d'ella como da vida.»

No mez de agosto de 1589, Antonio Perez foi pela primeira vez interrogado pela sua parte no crime commettido onze annos antes. Negou tudo. Todavia, Vasquez como magistrado investigador, expoz que a accusação contra elle estava justificada, e D. Pedro Escovedo apresentou a sua queixa formal no tribunal de Castella.

Estava tudo prompto para o julgamento final. Mas faltava achar segura prova contra o accusado, excepto a do pagem Enriquez, evidentemente uma testemunha suspeita. N'esta conjectura o confessor real appareceu outra vez em scena. Foi vêr Perez, assegurando-lhe que tão sómente a caridade christã o demovera a ir offerecer o seu conselho, ainda que não tivesse sido pedido. E continuou :

— Devo dizer-lhe com toda a lealdade que o senhor tem uma *absoluta defeza* logo que a declare, e deve confessar inteiramente tudo quanto se lhe perguntar, e assim livrar-se-ha da dolorosa situação em que se collocou.

Mas Perez seguiu mais ainda do que o conselho. A solução que lhe occorreu foi a de fazer uma *transacção* com o seu adversario; por outras palavras comprar a vingança de D. Pedro, filho do Escovedo. Este percebera a incerteza do pleito; concordou portanto em acceitar a quantia de 20.000 ducados, e lavrou um auto de formal desistencia da accusação.

Isto poderia justificar a libertação de Perez, mas Rodrigo Vasquez não estava disposto para deixar fugir tão facilmente a sua presa. Dirigiu uma carta ao rei na qual pela primeira vez se refere abertamente ao interesse do monarcha n'este complicado negocio. Informa Felipe II que corre o boato de que foi elle quem mandou executar o assassinio, e que era necessario para manter a sua auctoridade real que tudo se aclarasse; e pedia-lhe uma ordem escripta e elaborada n'estes termos:

«Diga ao Perez que elle sabe como eu lhe ordenei que matasse Escovedo, e por que motivos, dos quaes deve estar bem conhecedor, e convindo para meu uso elle terá de os declarar.»

Filippe II imaginava-se com o direito de mandar matar os seus subditos sem julgamento, se assim lhe fosse preciso para bem do Estado. Tal procedimento não envolvia portanto culpa da parte d'elle nem d'aquelles que executavam as suas ordens. Deve lembrar-se que o rei pozera a preço publicamente a cabeça do principe de Orange. E silenciosamente processou, condemnou, e executou seu proprio filho. Comparando com semelhantes personagens, Escovedo era uma victima insignificante.

Além d'isso, Felipe II, cuidadosamente occultára a parte que tivera na morte de Escovedo. Tinha permittido que a accusação contra Perez se estabelecesse e nunca consentira que aquelle a pudesse abertamente confessar ou refutar. Porém agora quando finalmente desaparecia a accusação, quando nada impedia que este caso ficasse para todo o sempre liquidado, era o proprio Felipe II que sahia a campo e insistia com Antonio Perez para que elle publicamente proclamasse ter mandado matar Escovedo por ordem de seu amo!

Os cortezaõs estavam aterrados. Havia aqui um mysterio dentro d'outro mysterio. O problema da morte de Escovedo parecia estar resolvido; e apparecia um outro mais complexo, o problema das relações entre Felipe II e Antonio Perez. O rei deu as ordens requeridas, mas em termos taes que claramente desco-

briam um laço adrede armado ao desgraçado Perez.

«Podeis dizer a Antonio Perez que elle deve estar sciente das provas que eu possuo de lhe ter dado ordens para a morte de Escovedo, e dos motivos que elle me disse existir para tomar esta resolução; e que é de summa importancia para satisfação minha e para a minha consciencia que se saiba se essas causas *eram ou não sufficientes*. Eu ordeno-lhe que as relate com todas as particularidades e que *estabeleça as provas* do que elle accusou na minha presença sobre este assumpto».

A despotica referencia á sua consciencia é caracteristico de Felipe II. Sem duvida, quando elle escreveu aquellas linhas, tinha-se persuadido de que, quando Perez o induzira a dar a ordem de morte para Escovedo, o tinha envolvida n'uma mentira e além d'isso, que a sua morosa perseguição ao homem agora perdido, tornar-se-hia d'este modo uma acção piedosa e louvavel.

A exigencia de provas era um requinte de hypocresia. Felipe II imaginava firmemente que todos os documentos relativos a este negocio tinham vindo para seu poder com a entrega das caixas selladas.

A victima viu o abysmo que se abria deante d'elle e teimosamente ficou silencioso. Em 22 de fevereiro de 1590, Antonio Perez, antigo primeiro ministro do rei e favorito do rei, foi posto á tortura.

A fria e desapaixonada narrativa, feita pelos juizes do julgamento, contem as particularidades da agonia do desgraçado. Empregaram lhe a tortura da corda. Perez foi despido até meio corpo, os braços cruzados e o carrasco apertou-lhe a corda á roda do peito e braços por meio de um torniquete. Em cada volta que este dava, o torturado gritava horrivelmente. As angustiosas palavras ainda resoam vivas como ellas foram ouvidas pelos officiaes do tribunal: — «Ah! Senhor pelo amor de Deus!... Quebraram-me uma das mãos, por Deus!... Senhor Juan Gomes, e dizeis-vos christão. Irmão, matae-me antes! Senhor Juan Gomes, pelas chagas de Nosso Salvador deixae-os que me matem d'um só golpe!... Deixae-os largar-me! Direi tudo quanto quizerem! Por amor de Deus!»

Afinal Felipe II chegou ao fim que anciosamente esperava durante annos. Antonio Perez confessou a sua culpa na morte de Escovedo, e respondeu ás perguntas do seu soberano. Em consequencia de se ter perdido a maior parte dos papeis elle podia tão sómente estabelecer o simples factó que o rei lhe tinha dado aquella ordem. Mas vinha então a terrivel replica que Felipe II estava pacientemente preparando: — Vós ereis o meu ministro e confidente; foi



RODRIGO VASQUEZ VISITA NA PRISÃO A FAMÍLIA DE ANTONIO PEREZ

sobre o vosso conselho que dei uma ordem a qual só a absoluta necessidade podia transformar em lei; provae que o vosso conselho era justificado!»

Perez nunca o provou; nem nunca o podia ter provado. Conseguiu, porém, fugir da prisão disfarçado, para o ar livre de Aragão que ainda possuia a sua antiga lei fundamental. Absolvido pelos tribunaes d'aquelle paiz, tornado a ser prezo pela Inquisição, resgatado por um levantamento popular, reclamado pelos inquisidores, e ainda outra vez libertado, finalmente refugiou-se em França e por ultimo em Inglaterra, onde depois de muitas vicissitudes morreu no exilio e na pobreza. O tyranno, tendo-lhe fugido a victima, descarregou o seu odio sobre a mulher, e sobre a familia de Perez, e sobre o povo de Aragão, privando-o da sua liberdade immemorial.

E' difficil ler a historia de Antonio Perez, sem se sentir por elle sympathia, e indignação pelo seu real perseguidor. E comtudo talvez este sentimento não seja n'este caso perfeitamente justo. Depois de desdobradas as li-

nhas d'esta embaralhada meada, parece que Antonio Perez recebeu somente o castigo que merecia, e que Felippe II, em sua maneira perversa, estava procedendo rectamente.

Quem parece dobar o novello da historia é a mulher cujo nome appareceu algumas vezes no decurso d'esta narrativa. Desde o principio, o sopro de suspeita liga o nome da princeza de Eboli ao crime. Ella escreve uma carta a Felippe II na qual astuciosamente adultera a accusação contra os dois. Ambos foram prezos juntamente, e a princeza foi, ao principio, mais severamente tratada do que o ministro. A morte do escudeiro, que procedera como delator, mas que não tinha ligação com o assassinio, parece ter grave significação no depoimento Enriquez. Um dos dois assassinos existentes foi recebido ao serviço da princeza de Eboli. E o tribunal que se constitue para inquirir sobre a conducta de Perez como ministro, sae das suas attribuições, obrigando-o a restituir aos herdeiros de Ruy Gomes todos os presentes que elle recebera da sua viuva.

Ha uma só explicação para estes factos. As

relações entre a princeza e Antonio Perez eram conforme o escandalo divulgava serem. Mas o elegante secretario andava caçando em coutado defeso de um terrivel rival. Na vida do marido, a altiva formusura da princeza tinha attrahido a attenção de Felipe II. Mas Ruy Gomes era um bom cortezão, e até ao fim da sua vida conservou os favores de seu amo. O segredo foi bem guardado, porque a consideração apparente era para Felipe II a condição primordial. Não obstante foi sabido no circulo interior da cõrte e sem duvida por Escovedo. Foi por esse motivo que, quando Escovedo descobriu a intriga amorosa entre Antonio Perez e a princeza, elle ameaçou de dar conhecimento do caso ao rei. Desde aquelle momento estava resolvida a sua morte.

E' incerto se as primeiras tentativas feitas, foram antes ou depois de se approximar do rei. Mais cedo ou mais tarde, chegou á conclusão de que o melhor e o mais seguro meio de se ver livre de Escovedo, seria arranjar uma ordem do rei para o matar. Com esta mira começou de levantar suspeitas no animo tímido e desconfiado de Felipe II. Todas as correspondencias dos negocios dos Paizes Baixos passavam pelas suas mãos, e aproveitou-se d'ellas para esse fim.

Aquellas imprudentes cartas que D. João d'Austria escrevia a Escovedo, na independencia de uma amizade segura, eram mostradas ao rei, e o effeito d'ellas augmentava astuciosamente. Perez persuadiu seu amo que D. João estava planeando nada menos de que um attentado para o desthronar. Os Guises praticamente desthronaram o seu rei em França; ora D. João correspondia-se com os Guises. O ministro assegurava que havia entre elles um secreto tratado pelo qual eram obrigados a ajudarem-se uns aos outros contra os seus respectivos monarchas. Qualquer acto innocente de D. João d'Austria era interpretado uma nova prova de conspiração. E apresentava-lhe secretario de D. João como o espirito impul-

sivo de toda a intriga. Felipe II teve sempre inveja do seu illustre irmão natural. Tinha-lhe mandado Escovedo para ser o espia dos seus suppostos designios, e estava penosamente certo de que Escovedo se tinha dedicado por completo aos interesses de D. João. Estava agora inteiramente desilludido pelo seu ministro e o destino de Escovedo estava portanto fixado.

Pouco tempo depois do assassinio, indiscretas insinuações deram a conhecer ao rei a opinião da familia dos Escovedos; que o crime era derivado dos recios da princeza de Eboli e de Perez de que as suas relações fossem trahidas. Por isso para um homem como Felipe II, intensamente vaidoso, extremamente invejoso e immensamente soberbo na sua dignidade de soberano, teve de certo um momento terrivel, quando suspeitou que tinha sido ludibriado por uma creatura de sua propria casa e de sua confiança, a qual se atrevera a ser seu rival, e o levava a ordenar sobretudo a morte de um innocente.

N'aquelle primeiro momento ficou desanimado. Proceder logo contra Perez, desvendando a verdade, seria humiliação demasiadamente amarga. «O tempo e eu» costumava elle dizer. Resolveu castigar Perez e não duvidou pôr de parte a perseguição durante dez annos, até que o poudes fazer, prevenindo os meios de o condemnar, sem que viesse á luz a completa e desagradavel verdade.

Talvez julgasse que n'esta longa e dolorosa vingança procedesse meramente por dever de monarcha. Mas aquella pequena scena na noite da prisão da princeza de Eboli, denuncia um sentimento, se não recto, pelo menos humano. Haveria talvez no duro coração de Felipe II uma leve e magoada nodoa que a deslealdade d'essa mulher produzira? Talvez ella tivesse tido o extranho poder de o ferir? Quem sabe? «Elle depois voltou para casa e passeou até as cinco horas da manhã em grande agitação» — diz a narrativa castelhana.



MODAS

As duas illustrações que acompanham este artigo representam os typos geraes de *toilettes* para passeio.

A primeira tem o corpo em fôrma de *bolero* que continúa a obter preferencia; apenas os mais recentes, como é proprio da estação, se apresentam muito ornamentados de presilhas, agulhetas e outras diversas composições de passamanaria, em accentuada derivação da sua origem castelhana.

O segundo modelo destina-se a apresentar uma das fôrmas mais usadas de casacos de abafo, onde abunda o emprego do velludo ou das pelles finissimas. N'estes ha no mercado a maior variedade e a mais requintada escolha, como tambem abundam numerosas imitações que satisfazem bolsas menos recheadas. Ha guarnições de pelles que attingem preços fabulosos, muitas vezes mais pela raridade do animal que as fornece do que pela propria belleza que as distinga.

No capitulo velludos succede identica duplicação de artigos; se os velludos, como em anterior artigo já aqui dissémos, chegaram no fabrico

d'esta estação a attingir uma perfeição extraordinaria, as belbutinas e os velludilhos disputam-lhes as applicações, tal é o acabamento e a variedade de côres apropriadas

com que a industria conseguiu embellezal-os para uma concorrência de preços modicos.

Além d'estes typos de *toilettes* que reproduzem as nossas gravuras, o genero *tailleur* continúa a ser escolhido por muitas elegantes, e na verdade bem merece o favor que lhe dispensam, visto os modernos habitos

femininos de vida ao ar livre, quer sob um ponto de vista exclusivamente hygienico, quer sob o aspecto *sportivo*, onde se exige desembaraço nos movimentos, liberdade de acção, sujeição ás intemperies e correlativo resguardo.

Evidentemente, para todos estes casos, sahidas sob máu tempo, passeios nos automoveis, excursões continuadas, o genero *tailleur*, pela qualidade de tecidos empregados, pela fôrma simplificada, pela mascula elegancia do côrte, tem uma applicação cada vez mais necessaria e generalizada.

Para enfeite de *toilettes* d'este typo produziram-se os mais phantasticos artigos de passamanaria, empregando todos os materiaes, desde o simples fio de algodão até o custoso fio de ouro fino, em floccos de galão

e de cordões, que se adaptam o todo o desenho ornamental e que dão os mais variados aspectos, em todas as côres e *nuanças*. Apropriam-se ao tom do material empregado



no vestido, ou pannos ou cheviotes, tecidos rasos e lisos ou tecidos felpudos. A arte soube empregar simultaneamente no fabrico d'estes galões, d'estes pingentes, e d'estes ornatos, fios de seda e de metal, de lã e de algodão, de tal sorte que se aproveitam de cada um as suas qualidades, aspectos e tons. Resta apenas ao bom gosto a escolha dos que melhor assentarem sobre o tecido. Empregam-se com insistente preferencia botões dourados de pequeno tamanho.

Quanto a *toilletes* de theatro e de baile, o corte e a decoração continuam a affectar as fórmulas definidas de estylos e de épocas, que segundo o gosto individual são preferidos, embora todos aquelles estylos se modifiquem consoante o aspecto geral moderno. Ha no mercado os mais encantadores tecidos leves e abertos para enfeites apropriados aos vestidos de senhoras solteiras. Usam-se, talvez, com maior profusão do que n'outra estação as rendas em guarnição, em cobertura do tecido, de sorte que o gosto mais geral é conseguir fazer com que a *toilette* tenha effeitos de sonhadoras visões, onde com verdade se exagera talvez a definição da fórmula desnudada. Por isso o proprio tecido tem o nome suggestivo de *point d'esprit*.

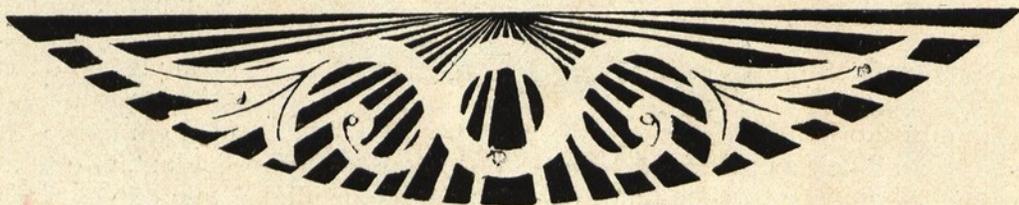
Mas os tempos vão permittindo de novo o que uma stricta moralidade regeitou durante um momento de reacção violenta contra as liberdades que foram adelgacando as vestes até ao minimo imaginavel. Haverá mais tarde outro movimento de reacção; porém, entretanto parece que as recordações historicas

avultam e predominam na ousada elegancia com que se abrem decotes, com que se reconstituem rasgados modelos da arte grega.

O actual periodo artistico carecterisa-se pelo renascimento da esculptura; não admira, portanto, que no vestuario a estatua seja tambem cariciosamente estimada. Quando se prepara o desenvolvimento da fórmula pelo exercicio dos *sports*, quando a gymnastica elegante favorece liberdades de movimentos e de gestos, quando se renova o gosto pelos jogos olympicos, é natural que o vestuario acompanhe a evolução dos costumes e se proporcione e faculte a admiração da belleza plastica, como tambem recorte bem definidas para ser apreciadas as curvas graciosas que a hygiene moderna desenvolve.

Juntamente com esta reconstituição da estatua antiga, modificada pela influencia proxima do estylo do primeiro imperio, generalisa-se o uso e até o abuso das joias que a ourivesaria moderna, em composições da chamada *arte nova*, offerece ás tentações das naturaes vaidades femininas. Assim bro-

ches, pulseiras, aneis, diademas, collares, *rivieres*, de mil fórmulas ousadas e assymetricas, entre scintillações de diamantes a realçar o fogo das pedras coloridas, brilham nas *montres* dos joalheiros e denunciam o renascimento do bom gosto na disposição do colorido, na delicadeza dos engastamentos, no entretecido dos fios oscillantes. A elegancia opulenta ostenta agora nas reuniões mundanas aquella mesma abundancia de adornos que caracteriza os antigos retratos.



VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

AGOSTO — **27 França** — O conselho de ministros resolve o indulto politico. — **Brazil** — Um bando de cento e cincoenta bandidos, idos de S. Paulo e Minas Geraes, invade a villa de Santa Anna de Parahyba cometendo as maiores degradações. A população fugiu atterrisada.

28 França — Os operarios e operarias da fabrica de phosphoros em Marselha declararam-se em greve, reclamando modificações na distribuição do trabalho. — **Africa do Sul** — O generalissimo lord Kitchner pede um reforço de 50:000 homens attenta a enorme mortalidade do exercito inglez. — **Colombia** — Uma columna de revolucionarios passa a fronteira da Colombia para Venezuela, com o fim de derrubar o presidente Castro.

29 Chile — O congresso chileno approva um projecto para construir grandes docas no porto de Valparaizo.

30 Africa do Sul — A commissão encarregada de resolver sobre os pedidos de indemnisação feitos pelos estrangeiros expulsos do Transvaal conclue o exame preliminar das reclamações, cujo numero é de 1:638, elevando-se as quantias reclamadas ao total de 1.133:521 libras sterlinas. — **Estados Unidos** — O presidente do *trust* do aço em Indianopolis regeita o projecto de accordo com os grévistas. — **Inglaterra** — Um grande incendio nas docas de Albert destroe 10 edificios, produzindo enormes perdas. — **Chili** — O congresso do Chili ratifica a eleição do presidente Riesco.

31 Portugal — E' inaugurado o serviço de tracção electrica dos carros americanos de Lisboa.

SETEMBRO — **1 Venezuela** — O governo venezuelano dirige a todas as nações um *memorandum* sobre o litigio colombiano, dizendo que se considera em vespas de hostilidades.

2 Turquia — A Sublime Porta entra em diligencias para obter a arbitragem da Alle-

manha no litigio franco-turco. — **Chili** — O vice-presidente Zañartu dá a sua demissão, sendo substituido pelo ministro dos negocios estrangeiros Tocornal. — **Republica do Equador** — O general Alfara entrega a presidencia da republica ao seu successor o general Playa.

3 Turquia — As auctoridades ottomanas embargam o material de um engenheiro allemão, concessionario de minas, e impedem a exploração. O embaixador allemão dirige á Sublime Porta, sobre este assumpto, uma energica reclamação a tal respeito. — **Allemanha** — E' publicado um decreto regulando a marcha e limitando a velocidade dos automoveis nas estradas. — **Russia** — São presos em Varsovia 200 operarios socialistas que celebravam um *meeting* socialista. — **Dinamarca** — E' aceite o offerecimento dos Estados Unidos para a compra das Antilhas dinamarquezas por 16 milhões de corôas. No congresso dos cirurgiões em Copenhague, o professor dinamarquez Horvit declara ter conseguido a cura do cancro por congelação, mediante a anestesia.

4 Prussia — O conselho de guerra de Hannover condemna a nove semanas de prisão um official aristocrata que insultou um soldado. — **Allemanha** — O ministerio da guerra convida os soldados da reserva afim de se alistarem como voluntarios no exercito allemão da China. — **Venezuela** — E' regeitado pelo governo venezuelano o offerecimento de McKinley com o fim de resolver as difficuldades entre esta republica e a Colombia. — **Colombia** — O governo colombiano responde em termos conciliadores á nota do sr. Hay, secretario d'estado, propondo-lhe a mediação dos Estados Unidos.

5 França — Declaram-se em greve os operarios da fabrica de vidros de Nameche, arrojando para o rio Mosa muitas caixas de vidros. — **Africa do Sul** — O conselho de guerra dos chefes boers, presidido por Botha, delibe-

ra invadir o Cabo e o Natal. O coronel Scobell aprisiona ao sul de Pietersburg todo o commando Sotter, composto de 103 homens e 200 cavallos, ficando mortos na lucta 19 boers e feridos 56 e 62 prisioneiros e 10 inglezes mortos e 8 feridos. — *Colombia* — O ministro plenipotenciario da Colombia dirige á secretaria d'Estado, em nome do governo colombiano, a acceitação formal da mediação dos Estados Unidos.

6 Estados-Unidos — O presidente Mac-Kinley é victima de um attentado, recebendo dois tiros de revolver na occasião em que assistia á inauguração da exposição de Buffalo. — *Russia* — E' suspensa por um mez a venda do jornal *Novosti*. — *Colombia* — A Colombia é invadida pelas tropas liberaes do Equador. — *Chili* — E' constituído o novo ministerio chileno sob a presidencia do sr. Barros Lincof, sendo ministro dos negocios estrangeiros o sr. Beltram Mathieu.

7 China — E' assignado o protocollo final do tratado de paz. — *Bulgaria* — A soberanie decide que sejam processados judicialmente os ministros Ivantschov, Radoslavof, Toutschef e Tnef, este ultimo por alta traição e os outros por violação da constituição, alta traição e crime de lesa-patria. — *Portugal* — Abertura da exposição de pomologia em Lisboa. — *Republica Argentina* — E' nomeado ministro do interior o sr. Joaquin Gonzalez.

8 Italia — No congresso catholico de Trento, varios bispos pronunciam violentissimos discursos contra a Italia, pedindo a restauração do poder temporal. O governo está disposto a proceder com medidas de rigor contra a rebeldia dos bispos.

9 Portugal — Decreto remodelando os serviços da Camara Municipal de Lisboa. Um comboio de passageiros e mercadorias da linha do Sul e Sueste despenha-se da ponte de Papagallos, resultando mortes e ferimentos e grande perda de material. — *Hungria* — E' encerrado o parlamento de Buda-Pesth. — *Armenia* — Rebenta um conflicto entre os armenios e as tropas regulares, sendo numerosos os feridos de um e outro campo.

10 França — A França e a Italia chegam a um accordo de proteger simultaneamente os missionarios de ambos os paizes. E' expulso de França, Farieunbey, chefe da policia turca, sendo tambem expulsos outros espiões turcos subalternos. — *Perú* — O gabinete peruano dá a sua demissão. — *Austria* — E' destruida por um incendio a fabrica de oleos vegetaes em Trieste, calculando-se as perdas em tres milhões de florins. — *Escossia* — E' aberto em Glasgow o congresso internacional da paz.

11 Portugal — Toma posse a commissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa, nomeada pelo governo. — *Chili* — O sr. Beltram Mathieu assume a pasta da guerra, cedendo a dos negocios estrangeiros ao sr. Yarnes. — *Venezuela* — As tropas venezuelanas juntam-se aos revolucionarios colombianos perto do Rio Hacha. O general Castro invade a Colombia.

12 Portugal — E' inaugurada a illuminação

electrica da cidade de Portalegre. — *Colombia* — O *alcaide* impõe o serviço militar a todos os colombianos de 18 a 50 annos.

13 Austria — O herdeiro da corôa offerece o seu castello de Teymitz, na Bohemia, aos religiosos trinitarios que abandonem a França. — *Marrocos* — O ministro hespanhol em Tanger, sr. Ojeda, apresenta um *ultimatum* a Mahomed Torres, exigindo a immediata entrega dos captivos hespanhoes, uma indemnisação correspondente e o castigo das kabyilas sequestradoras.

14 Inglaterra — O general Buller é nomeado chefe do corpo do exercito de Adershot.

17 Turquia — E' descoberta em Constantinopla uma conspiração contra o sultão. — *China* — Os americanos e os japonezes entregam a cidade de Pekin aos chinezes.

18 França — Entram em Dunkerque, a bordo do *Standart*, o imperador e a imperatriz da Russia, que vão assistir ás manobras da esquadra franceza,

19 Inglaterra — Aggrava-se a grêve de Srimbsby, 5000 grévistas atacam o edificio da associação dos patrões, lançando-lhe fogo.

21 França — O *comité* geral do partido socialista operario approva a resolução convidando os trabalhadores francezes á grêve geral. — *Hespanha* — E' publicado um decreto modificando, a pedido do governo portuguez, as disposições dos artigos 7.º e 10.º e dos capitulo 7.º e 8.º da convenção da pesca no rio Minho.

22 Belgica — Um incendio destroe o theatro *Folies Bergéres*, de Antuerpia, resultando varios ferimentos. Os mineiros grévistas de Jemappes, á sahida de uma reunião, aggrederam varios directores das minas de carvão, apedrejando depois o comboio que os levava.

23 Brazil — Rebenta a revoiução na parte meridional de Matto Grosso contra o governo d'este Estado. — *Inglaterra* — Amotinam-se os trabalhadores da região de Worcester, apedrejando as casas dos proprietarios. — *Italia* — Em alguns districtos da provincia do Roma, camponezes armados invadem as propriedades principaes para as repartirem entre si.

24 America do Norte — O tribunal de Buffalo condemna á morte, pela electricidade, Gogosz, assassino do presidente da republica.

26 Italia — E' preso em Roma o principe russo Victor Makachidre, acompanhado de sua mulher, por haver entrado em Italia apesar de ter sido já expulso por um decreto como nihilista perigoso.

28 Belgica — Na reunião de delegados dos syndicatos mineiros da Belgica, em Liège, vota-se a grêve geral. — *Allemanha* — O congresso socialista de Lubeck vota por unanimidade uma moção condemnando o projecto da pauta aduaneira que protege de um modo escandaloso a colligação dos agrarios e da burguezia contra o proletariado.

29 Inglaterra — Sir Joseph Dimsdale, deputado conservador da City, é eleito lor-Mayor. — *Africa do Sul* — Os inglezes condemnam a seis mezes de prisão um *fieldcornet* que recusou dar-lhes informações a respeito das ope-

rações dos boers. — O sr. Schalk-Burgher, vice-presidente do Transvaal, escreve ao generalissimo lord Kitchener manifestando-lhe o desejo de fazer a paz.

30 Hespanha — 5000 operarios de Bejar, indignados por os habitantes de Calendario lhes haverem tirado as aguas necessarias para as fabricas, marcham armados para esta povoação dispostos a darem batalha, occorrendo gravissimas collisões entre os dois povos.

OUTUBRO — 1 Turquia — Activa-se a propaganda incitando o povo a degolar os estrangeiros que vivem nas cidades.

2 Hespanha — Desencadea-se violenta tempestade na região valenciana, resultando enormes prejuizos, ficando completamente inundadas varias povoações. Um riacho arraza o cemiterio da cidade de Gandia, arrastando para o mar mais de 200 cadaveres e deixando muitos disseminados pelo campo e povoação. — **Hollanda** — Popularisa-se a idéa de não importar coisa alguma de Inglaterra. — **Irlanda** — A liga irlandeza celebra em Dublin uma importante reunião, na qual se evidencia que, se os irlandezes possuissem recursos, imitariam os boers. — **Portugal** — São publicadas no *Diario do Governo* as instrucções regulamentares para a execução da lei relativa ás adegas sociaes.

4 Portugal — E' publicado um decreto mandando considerar como de reexportação para os effeitos do pagamento dos direitos de importação o assucar sahido pelas alfandegas do reino como *drawback* e destinado ás provincias ultramarinas. — **Inglaterra** — E' prohibida em Jersey toda e qualquer congregação religiosa que tenha mais de 6 membros. — **Estados-Unidos** — O *yacht Columbia* ganha a corrida contra o *Shamrock* e a *cup*. Esta lucha produz enorme entusiasmo em New-York.

5 Portugal — Parte para Lourenço Marques uma nova expedição militar para render a que se achava ha tempo n'aquella possessão africana. — **França** — 150 marinheiros sem trabalho no Havre, tentam alliciar as tripulações dos paquetes das diversas companhias de navegação para faltarem aos seus contractos, sendo baldadas todas as tentativas e produzindo-se grande numero de prisões. — **Estados Unidos** — 30:000 operarios das fabricas de fição d'algodão de Fan River declararam-se em greve, reclamando o augmento de 5 por cento nos salarios.

6 Portugal — Realisam se as eleições geraes para deputados em todo o paiz e possessões. — **Africa** — Desmorona-se, n'uma extensão de 1:100 metros, o tunnel da linha ferrea de Constantina, Argel.

7 Belgica — Desencadeia-se em Bruxellas um violentissimo cyclone, causando muitos prejuizos e ficando varios edificios destelhados. — **Hespanha** — E' assignado um decreto convocando o parlamento para o dia 16.

8 Inglaterra — O sr. Herber Gladstone pronuncia um discurso no qual consigna o enfraquecimento financeiro e commercial do paiz e declara que o governo actual não merece a

confiança publica. — **França** — A commissão parlamentar do orçamento vota a suppressão do orçamento dos cultos. — **Afghanistan** — E' proclamado em Ialalabad e Dakka a ascensão de Habi-Bullah ao throno do emirato afghan.

9 Estados-Unidos — E' ractificado o tratado anglo-americano com as emendas approvadas pelo senado. — **Austria** — Batem-se em duello, em Vienna d'Austria, dois professores da academia de equitação, ficando morto um dos duellistas. — **França** — O governo ordena que se mobilisem todas as guarnições visinhas das zonas mineiras, visto que a greve dos mineiros ameaça tornar-se geral. — **Africa do Sul** — E' proclamado o estado de sitio na cidade do Cabo e seu districto. Edições extraordinarias da gazeta official promulgam a lei marcial nos districtos de Wimberg, Simon's, Town, Port Elizabeth e East London, todos situados na colonia do Cabo. — **Russia** — Um incendio destrou em Balkou, 4 peças, 3 armazens, 1 reservatorio e 1 deposito de naphta, sendo importantes os estragos.

10 China — O principe Tching escreve aos ministros das potencias pedindo-lhes a suppressão das casas de commercio estrangeiras em Pekin, visto que esta capital não é porto incluído em tratados, e a pedido dos ministros estrangeiros suprime os bancos illegalmente constituídos. Os interessados estudam a fórma d'uma reclamação. — **Russia** — O municipio vota um credito de quinze milhões de rublos para as despesas com as festas da fundação da cidade de S. Petersburgo, que devem celebrar-se em 1903.

11 França — O tribunal correccional condemna a um anno de prisão o jornalista Tailhade, director do *Libertario*, por um artigo escripto a proposito da visita do imperador da Russia á França, e a seis mezes o gerente do mesmo periodico. — O tribunal criminal condemna o réu Marcel Momsier, antigo sub-prefeito, a 15 mezes de prisão por cumplicidade na sequestração de sua irmã. — **Turquia** — O sultão resolve aceitar as reclamações dos financeiros francezes, protestando comtudo contra a exaggeração d'essas reclamações. — **Italia** — O Papa prepara uma encyclica contra o divorcio. — Declara-se uma greve de padeiros em Milão e Florença. — **Africa do Sul** — O generalissimo lord Kitchener confirma a condemnação á morte pronunciada contra o commandante Lotter e commuta em prisão perpetua as outras cinco condemnações.

12 França — O presidente Loubet assigna o decreto supprimindo o *comité* de leitura do Theatro Francez. — **Republica Argentina** — O governo dirige ao Chili uma nota diplomatica reclamando contra actos de jurisdicção do governo chileno nos territorios em litigio e mesmo pertencentes á Argentina.

13 França — O ministro da fazenda declara que a situação financeira da França é boa em relação ás outras nações, accrescentando que a unica questão que o inquieta é a dos assucares. — **China** — Os plenipotenciarios chinezes enviaram ao sr. Cologan, ministro de Hes-

panha, decano do corpo diplomatico, um *bon* de 450milhões de taéis, representando a indemnização devida ás potencias. — São publicados editos imperiaes reformistas creando tres novos ministerios e supprimindo os centros de administração secundaria, procedendo-se á reorganização do estado, adoptando-se processos europeus.

14 Estados-Unidos — E' preso em Silver-City um individuo de appellido Maggio, incriminado no trama contra o presidente McKinley, cujo assassinio elle predissera. — O libertario Johann Most, redactor do *Freiheit* é condemnado a 2 annos de prisão. — *Turquia* — A Inglaterra informa o sultão de que não cuida de oppôr-se á soberania da Turquia em Korweit, mas que se opporá á influencia de qualquer outra potencia n'aquelle territorio. — *Chili* — O presidente manifesta a intenção de insistir com a Columbia para que a solução amistosa tenha por base os tratados existentes. *Africa do Sul* — E' fuzilado em Torkastad o sr. Siceman, logar tenente do commandante Lotter. O sr. Wolfaart, outro official do mesmo commando é tambem condemnado á morte. — *Italia* — O governo resolve crear portos francos para o fim de fomentar o commercio italiano. Figuram entre elles os portos de Genova, Vienna, Napoles e Catania.

15 Belgica — Um grande incendio destroe o hotel Continental de Bruxellas. — *Italia* — Voltam a repetir-se as grèves dos operarios de Milão, Genova e Florença. — *Hespanha* — Produzem-se graves tumultos em Sevilha por causa da grève que ali se declarou n'uma importante fabrica, sendo a cidade declarada em estado de sitio. — *Portugal* — Parte para Macau a bordo do transporte de guerra *Africa* uma expedição militar composta de 301 praças commandadas pelo commandante sr. major Bragança. — *Venezuela* — O general Castro, presidente da Republica, declara que estudará a proposta de mediação dos Estados-Unidos se a Columbia a acceitar officialmente; enquanto não chega a resposta, Venezuela continuará protegendo as suas fronteiras.

16 Portugal — Abertura da Universidade de Coimbra. — *França* — Declara-se um violento incendio n'uma fabrica de polvora em Saint Médard (Bordeus), cujos prejuizos são avaliados em 100:000 francos. — *Hespanha* — Reabrem as sessões da camara. — *Afghanistan* — O emir Habib-Hulbah diz na sua proclamação que tratará o povo com benevolencia, reduzirá os impostos e augmentará o soldo ás tropas. — *Corsega* — Os operarios dos caminhos de ferro de Bostin, Ajaccio e Corte votam a grève geral.

17 Austria — Reabertura da camara dos deputados. — Um hungaro de nome José Viray, inventa um navio aereo. — *Estados-Unidos* — O sr. Hay volta a encarregar-se da pasta dos estrangeiros. — *Allemanha* — Um inventor alemão descobre o processo de supprimir a fuligem das chaminés dos navios de guerra. — *Italia* — A policia captura o famoso bandido Musolino que se encontrava escondido

n'um bosque da Italia central. — *França* — E' publicado o decreto limitando a doze horas o trabalho diario dos empregados de caminhos de ferro. — *Africa do Sul* — São executados em Cradok os boers Breda e S. Kruger.

18 Russia — 1:000 operarios tentam ir em tropel á prefeitura de policia de S. Petersburgo expôr ao prefeito as suas razões de queixa e pedir justiça. — *Inglaterra* — E' posto em liberdade lord Russel que cumpriu a pena imposta pela camara dos lords por delicto de bigamia. — *Belgica* — Estende se por toda a Belgica o movimento cooperativista do operariado. — *Filippinas* — Em Bangahon, provincia de Samar, 500 filippinos armados de *balas* atacam uns 50 soldados americanos, dos quaes ficaram mortos 10 e 6 feridos. Depois chegaram reforços aos americanos e estes mataram uns 100 filippinos. — *França* — Os mineiros de todas as regiões carboníferas de Paris votam por maioria a grève geral se o governo lhes não dêr o dia legal das 8 horas de trabalho, a fixação de um salario e a aposentação apoz 25 annos de trabalho no fundo das minas com direito a uma pensão de 720 francos annuaes.

20 Inglaterra — Termina a grève dos pedreiros em Swansea. Os patrões accedem ás exigencias dos grévistas. Termina igualmente a grève de mineiros em Dowlais. — *Italia* — Termina a grève dos padeiros em Milão. — *Hespanha* — Celebram-se em Madrid quatro comicios para pedir a abolição do imposto de consumo, votando-se a representação ao parlamento pedindo a desapparição total do imposto. — *Estados-Unidos* — Um pavoroso incendio destroe um bairro inteiro na povoação de Sidney, cujas perdas são enormes. — *America do Sul* — O Brazil e a Inglaterra accordam em submeter a questão das Guyanas á arbitragem do rei Victor Manuel.

21 Portugal — São publicados no *Diario do Governo* diversos estatutos de varias congregações religiosas que se submeteram á lei civil que lhes dizia respeito e que foi promulgada em 18 de abril. — *Inglaterra* — Uma furiosa ventania atira para o mar 85 casas da povoação de Bocobel (Kingston), ficando 400 familias sem abrigo. — *Estados-Unidos* — Os Estados-Unidos pedem á China uma concessão municipal em Tien-Tsin para o commercio americano. — *França* — A *Libre Parole* publica um manifesto do *comité* anti-semita criticando o governo e prometendo o seu apoio a quem quer que intente substituir a actual republica por uma verdadeira republica franceza. — *Allemanha* — Reune-se em Leipzig um congresso contra o duello, presidido pelo principe Carlos de Loerzsmberg. O congresso qualificará o duello contrario ao senso commum, ao progresso e á civilização, protestará tambem contra o costume de se chamar cobarde ao homem que recusa bater-se. — A imprensa liberal deseja a guerra economica entre a Allemanha e a Austria, porque trará inevitavelmente a quebra da triplice aliança.

23 Inglaterra — O general Buller é demitido.

tido do commando do primeiro corpo do exercito, por causa do discurso proferido no dia 10, ficando na disponibilidade e com metade do soldo. E' designado para o substituir o general French, actual chefe da divisão de cavallaria do Transwaal, ficando o general Hildgard exercendo interinamente este commando até que o general French volte da Africa austral. — *China* — Os principes Ching e Li-Hung Chang deliberam consentir que os estrangeiros viagem no interior da China avisando préviamente as auctoridades de que devem adoptar medidas de protecção.

24 Portugal — E' publicado no *Diario do Governo* um decreto de 19, auctorisando o governo a reorganisar o exercito. — *Inglaterra* — Os catholicos de Inglaterra fundam um partido catholico inglez de opposição ao partido catholico romano. O primeiro é acaudilhado pelo dr. Dell.

25 França — Declaram-se em grève todos os operarios das fabricas de calçado de Vancy. — *Estados-Unidos* — E' devorado por um violento incendio a fabrica de moveis de Philadelphia, encontrando-se no entulho 19 cadaveres. Os estragos são avaliados em 500 dollars.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Outubro

OUTUBRO 5 — A CHAMARIZ, drama de Gaston Rarote Alévy, traducção do sr. João Soler (Theatro do Principe Real).

actos, original do sr. Raphael Ferreira (Theatro do Gymnasio).

22 — MANOBRAS CONJUGAES, comedia em 3

22—ESCOLA ANTIGA, comedia em 1 acto, imitação do sr. Leopoldo de Carvalho (T. Gym.º)



NECROLOGIA

AGOSTO 17 — AUDRAN, em Paris, auctor das conhecidas operetas *Mascotte*, *Grão-Mogol* e *Miss Helyett*.

na, por attentar contra a vida do schah da Persia em Paris.

31 EDUARDO PRADO, no Rio de Janeiro, escriptor e investigador de documentos para a historia do Brazil.

15 — DUQUE D'ALBA, em New York, fidalgo hespanhol, em viagem de recreio á America do Norte.

31 DUQUE EUGENIO DE LENCHTENBERG, em S. Petersburgo.

18 — MIGUEL BALUCKI, 64 annos, em Carcova, celebre romancista, suicida-se com um tiro de pistola.

OUTUBRO 7—SALSOU, no presidio de Cayen-

24 — PRINCIPE MURAT, em Paris, general celebre.



PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Lavagem das provas

Do *Wilson's Photographic Magasine* extrahimos o seguinte curioso artigo :

Em todos os tempos a necessidade de eliminar por completo nas provas os vestigios do hyposulfito tem sido a preocupação constante de todos os bons e conscienciosos photographos e esta eliminação só pode ser conseguida com uma boa lavagem.—*Abundancia de lavagem*, eis a divisa escripta na bandeira

Ultimamente este assumpto tem merecido o mais serio estudo e a elle se dedicaram os srs. Haddon e Grunday, conseguindo apurar

que a lavagem era muito mais cuidada ha 50 annos do que actualmente.

N'aquella epoca as provas ao sahir do banho de hyposulfito de soda eram enxambradas entre duas folhas de papel mata-borrão bem limpo, lavando-as em seguida durante 3 minutos para as enxambrar de novo da mesma maneira. Esta operação repetida muitas vezes dava em resultado que os positivos conservavam-se inalteraveis.

Uma lavagem muito prolongada póde com effeito ser prejudicial se ella durar muitas horas ou mesmo uma noite inteira; o menor mal que póde succeder é a perda do brilho da prova. Uma boa lavagem de uma hora, feita

com todo o cuidado, será melhor sob o ponto de vista do seu resultado do que se ella durasse mais tempo.

Para bem se comprehender o que fica dito, bastará reflectir um instante no phenomeno que se produz com a fixação d'uma prova tratada pelos saes de prata. Quando supponmos que as alterações que se seguem á lavagem são devidas á acção do hyposulfito de soda, não julgamos com inteira verdade pois que não é este sal, como geralmente se pensa, o unico que produz aquellas alterações, mas sim a combinação do hyposulfito de soda com a prata.

Uma prova convenientemente lavada e absolutamente isenta de todo o vestigio de hyposulfito de soda e de chloreto de prata inalterado póde ser mergulhada n'uma fraca solução de fixador e secca em seguida sem lavagem ulterior com a certeza de obter boa conservação durante muitos annos.

Isto prova bem que o hyposulfito de soda puro e simples em nada altera as provas. Este facto é certificado com o que se passa durante a fixação.

Em primeiro lugar forma-se nova combinação d'hyposulfito de soda com o chloreto de prata inalterado que só é solúvel n'um excesso de hyposulfito.

Resulta, pois, que antes que o papel seja completamente fixado chega o momento em que a prata entra em combinação com o hyposulfito, mas sómente para fazer um composto insolúvel que não sahirá só com uma simples lavagem.

Para isto ha uma dupla defeza :

Ter um banho d'hyposulphito bastante forte e deixar n'elle as provas tanto tempo quanto a fixação fique completa.

Os srs. Haddon e Grunday em seguida ás experiencias minuciosamente conduzidas, declaram como sendo a melhor formula a de 20 % para a solução de hyposulfito de soda e a duração de immersão pelo menos um quarto de hora.

Conclue-se de tudo isto que a fixação é bem mais importante que a lavagem subsequente.

Se fixarmos uma grande quantidade de provas em pequenas cuvettes contendo pouca solução, o resultado não será o mesmo que se as reduzirmos apenas a $\frac{1}{2}$ duzia em $\frac{1}{2}$ litro de banho, da mesma fórma que o banho d'hyposulfito de soda servido muitas vezes apresenta uma tendencia para enfraquecer pela razão que contém mais quantidade de saes de prata, obrigando portanto a uma lavagem mais prolongada.

Em resumo: — 1.º, o banho de hyposulfito de soda não deve exceder 20 % — 2.º, o tempo de immersão das provas não deverá ir além de 15 a 20 minutos — 3.º, a lavagem deverá ser feita conscienciosamente durante uma hora em agua corrente ou renovada amiudadamente. D'esta maneira obter-se-hão provas inalteraveis e tão brilhantes quanto possiveis.

Uma prova que não seja fixada com todas as regras da arte não só se tornará difficil de

lavar mas ainda não assegurará a sua inalterabilidade senão com grande lavagem, o que concorrerá para prejudicar a sua belleza e bom acabamento.

Tratamento e conservação das objectivas

A *Wilson's Phot.* dedica um artigo sobre a maneira de tratar as objectivas e de cuidar da sua conservação demonstrando que esta operação longe de ser inutil como muitos amadores imaginam, tem uma grande importancia no resultado final dos trabalhos não fallando no seu valor em relação á camara onde são ou estão adaptadas.

O erro provem do pouco apreço em que se tem a objectiva, a qual, na opinião de muitos, serve sempre comtanto que não esteja partida.

Tal não succede se por qualquer motivo ella se riscar, e este facto só pode ter logar se não a tratarmos convenientemente, libertando-a de qualquer grão de poeira, pois que sendo o vidro empregado bastante macio, facil é o riscar-se ao contacto de qualquer particula de areia ou terra.

Para evitar este estrago é bom sempre tel-as ou n'uma caixa de coiro ou de cartão forrada de flanela ou camurça.

São numerosos os accidentes que lhes podem sobrevir e quasi sempre devidos a uma causa extranha á vontade do seu possuidor.

Suppunhamos que o cimento que une duas lentes se altera e em virtude d'esta causa ellas se separem. O melhor e mais seguro remedio a empregar será leval-as a um estabelecimento competente que se encarregue de as recompor; mas, dado o caso que queiramos fazer esta operação sem recorrermos a um pratico seguiremos o methodo seguinte :

Desmonta-se a objectiva desenroscando-a até ficar apenas o vidro, aquece-se brandamente e logo que o cimento esteja fundido separam-se facilmente as lentes, limpam-se e seccam-se o melhor possivel aquecendo-as novamente e quando a temperatura chegar ao grau desejado deita-se uma gotta de balsamo de Canadá na lente concava.

Unem-se fortemente afim de obter um contacto uniforme e logo que esfriem estão promptas a serem de novo collocadas no seu logar.

Toda esta operação deve ser feita com o maximo cuidado procurando-se o ponto certo em que devem ser unidas e não forçando a sua montagem.

Para limpar as lentes emprega-se sempre um pedaço de panno de linho bem velho, limpo e macio.

Se fôr necessario lavar as lentes é bom empregar um sabão puro, seccando-se com um trapo macio; lava-se novamente com agua pura e fria e finalmente secca-se ainda com um panno de linho bem limpo e macio.

Recentemente o dr. A. Miethé deu algumas uteis indicações sobre a fórma de limpar as lentes recommendando que para obter uma boa limpeza dos vidros opticos é necessario que o que se empregar para esta operação

esteja isento de poeira e tenha a propriedade de fazer desaparecer as minimas manchas gordurosas.

Portanto é de opinião que o emprego de um panno de algodão é preferivel ao de linho, porque aquelle tem a propriedade de tirar a poeira e a gordura sem riscar a objectiva.

Ainda assim não é facil obter uma limpeza perfeita pelo meio acima indicado. Aconselha mais o emprego de miolo de junco, de sabugueiro ou de girasol tanto mais que é facil cortal-o em bico, podendo assim limpar-se as mais pequenas lentes; a cal e o minium devem ser completamente postas de parte, bem como as soluções alcaninas, o amoniaco, a soda caustica, a potassa caustica a soda e a potassa ordinaria, pois que estas materias alteram ainda que pouco a superficie dos vidros.

O dr. Miethe recommenda ainda o emprego da therebentina rectificada, o alcool absoluto e o ether; aconselha limpar bem a superficie com therebentina, seccar com um pedaço de panno velho e de a polir com algumas gottas de ether; todavia como a therebentina tem o inconveniente de dissolver o cimento que une as lentes, é necessario o maximo cuidado para que nenhuma gotta d'este liquido se infiltre entre os vidros.

Revelador de pyrocatechine e phosphato de soda

Transcrevemos a seguinte formula do dr. Vogel que nos garante excellentes resultados tanto para as chapas de exposição demorada como para as instantaneas :

| | |
|------------------------------------|-------|
| A — Pyrocatechine..... | 5 gr. |
| Sulfito de soda crystalisadada.. | 25 » |
| Agua | 250 » |
| B — Phosphato de soda ordinario... | 47 » |
| Soda caustica..... | 5 » |
| Agua..... | 250 » |

Para as chapas de exposição normal tomar-se-ha uma parte de A, uma de B e uma de agua. A proporção de B augmenta em rasão inversa da impressão recebida e póde atingir duas partes para uma de A e uma de agua.

Lavagem dos quadros a oleo para reproducção photographica

Antes de se reproduzir pela photographia um quadro a oleo é conveniente laval-o com a seguinte solução indicada pelo *Moniteur* e que em nada prejudica as tintas.

Misturar em partes eguaes oleo de linhaça e essencia de therebentina, passando ligeira-

mente um panno imbebido d'esta solução sobre a téla, que assim se aviva na côr e no aspecto.

Preparação do papel ferro-prussiato e sua entoação para se obter o tom negro

É extremamente simples a preparação d'este papel pela formula seguinte :

| | |
|---------------------------------|---------|
| 1.º Agua filtrada... .. . | 100 cc. |
| Citrato de ferro amoniacal..... | 27 gr. |
| 2.º Agua filtrada..... | 100 cc. |
| Cyanoferro de potassa..... | 23 gr. |

Misture-se as duas soluções, filtre-se e deite-se sobre um papel bastante consistente e que contenha colla sufficiente para impedir a penetração da solução.

Esta solução deve ser feita á luz vermelha. Para se obter um tom igual ao das provas tratadas pelos saes de platina, tomam-se 5 decigrammas de potassa caustica e dissolvem-se em 150 grammas de agua. Immergem-se as provas n'esta solução e o azul tornar-se-ha em alaranjado pallido, logo que tenha desaparecido totalmente a primitiva côr lavam-se as provas e mettem-se n'um outro banho composto de :

| | |
|-------------------------------------|-------|
| Agua..... | 1:000 |
| Tanino — uma colhér de café, cheia. | |

As provas tomarão logo um tom castanho que se substituirá ao negro prolongando a acção d'este banho, depois lavam-se e seccam-se.

Novo banho de entoação e fixação

Este novo banho, recommendado pelo Dr. E. Vagne que apresenta reacção alcalina, não precipita o enxofre como succede na maior parte dos banhos combinados afigurando portanto maior duração das viragens, é composto como segue:

| | |
|-----------------------------------|----------|
| Agua distillada..... | 1000 cc. |
| Hyposulphito de soda..... | 200 gr. |
| Acetato de soda crystalisado..... | 20 » |
| Acetato de chumbo | 15 » |
| Solução de chloreto de ouro a | |
| 1 X 100..... | 50 cc. |

A entoação faz-se rapidamente e obtem-se facilmente tons violetas e negro-azulado.

CONHECIMENTOS UTEIS

Fabricação rápida de vinagre. — A fabricação do vinagre não offerece difficuldades, mas tem a inconveniencia de ser excessivamente morosa. Pelo processo que vamos indicar, porém, obtem se rapidamente um excelente vinagre.

Em sitio cuja temperatura seja tépida, colloca-se um barril na posição vertical, tendo-se-lhe préviamente applicado uma torneira de madeira. Ao centro do barril, por cima da torneira, faz-se um furo, e do lado opposto, mas na parte superior, faz-se outro. O batoque é atravessado por um tubo de vidro, encimado por um funil, que desce até ao fundo do barril. Feito isto, introduz-se pelo funil vinagre ordinario, quente a 50° approximadamente, em quantidade sufficiente para encher metade da capacidade, isto é, até proximo do furo que se praticou no centro do barril. No dia seguinte tira-se pela torneira uma quinta parte, pouco mais ou menos, do vinagre, que se substitue por igual porção de vinho branco. E' então que na superficie do liquido se deposita um expesso veu, a que vulgarmente se dá o nome de *flôr*, e que deve merecer todo o cuidado, afim de se não romper ou immergir, o que se evita graças ao tubo de vidro, pelo qual se renova o liquido. Vinte dias depois d'esta operação, tira-se todos os oito dias uma decima parte de excelente vinagre, substituindo-o sempre por igual porção de vinho. O barril deve ser cercado de arcos de madeira, ou, sendo estes de ferro, cobertos com uma camada de tinta.

Conservação dos ovos. — Ha innumerous processos para a conservação dos ovos, mas o mais simples e melhor consiste em mergulhal-os em agua de cal; mas como esta atravessa lentamente a casca do ovo, communicando-lhe um gosto, se não desagradavel, pelo menos differente d'aquelle que lhe é proprio, adiciona-se áquella mistura 6 % de sal de cosinha.

Lavagem de luvas brancas. — A benzina, empregada na limpeza de luvas de côr, é impotente para a limpeza de luvas brancas. Para estas, o melhor meio a empregar é uma solução de sabão e leite de cal. Em meio litro d'esta solução deitem-se algumas gottas de sal ammoniaco e uma clara d'ovo batida. Estendidas as luvas sobre uma taboa ou na palma da mão, esfregam-se com esta mistura, tornando-se assim d'uma brancura immaculada. Se depois da operação se reconhecer que não ficam com a resistencia propria da pelle, seccam-se á sombra.

Rolhas de cortiça. — Para se conseguir fechar hermeticamente as garrafas, deve submeter-se as rolhas ás seguintes operações: 1.ª Laval-as em agua fervente. — 2.ª Fazel-as seccar ao sol ou ao fogo. — 3.ª Mergulhal-as em parafina quente em banho-maria, e deixal-as esfriar. — 4.ª No momento de servirem devem ser mergulhadas em agua tépida e introduzidas rapidamente no gargalo da garrafa.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 12 — 96; 6.

N.º 13 — 5 dias.

N.º 14 — *Xadrez*:

1. P 8 C Ra faz T

2. T 4 C Ra

3. P 5 B Ra xeque e mate.

1. P 3 B Ra

2. P come T

Num. 15

Um horticultor comprou 673 arvoresinhas que plantou em fileiras igualmente espaçadas em dois terrenos de forma quadrangular, contendo o lado de um 6 arvores mais do que o lado do outro, restando-lhe ainda 7 arvores. Quantas arvores contem cada quadrado?

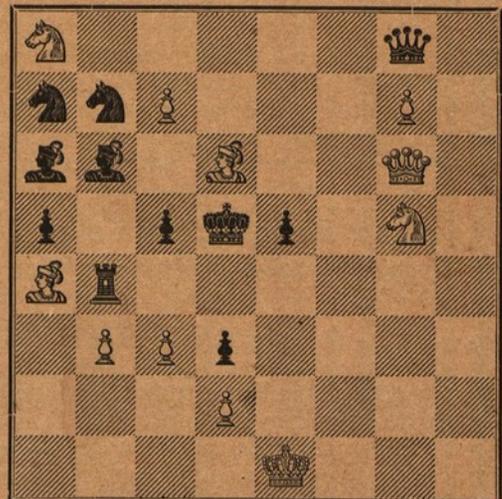
Num. 16

Uma senhora possui um espelho com 84 centímetros de altura e 60 de largura, que deseja guarnecer com uma moldura de dimensões uniformes e cuja superficie deverá ser igual á do espelho. Qual será a largura da moldura?

XADREZ

Num. 17

PRETOS (11 peças)



BRANCOS (11 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em dois lances